

The book cover features a detailed illustration. At the top, a donkey's head is shown in profile, facing left. Below it, a crown with three large, faceted jewels sits atop a decorative base. In the lower half, a group of four people, possibly children or young adults, are depicted in a stylized, sketch-like manner. The background is filled with decorative elements like stars and floral motifs. The text is overlaid on this illustration.

MEMÓRIA DE VELHOS

DEPOIMENTOS

*uma contribuição
à memória oral da
cultura popular maranhense*

VOLUME IV

**RAIMUNDO GOMES
RICARDO LEITÃO
DIÓGENES RIBEIRO
HEIDIMAR MARQUES**

MEMÓRIA DE VELHOS: **Depoimentos**

Uma contribuição à memória oral da
cultura popular maranhense.

Volume 4

EQUIPE TÉCNICA

Coordenação: Maria Michol Pinho de Carvalho

Assessoria: Zelinda Machado de Castro e Lima
Josimar Mendes Silva
Manoel de Jesus Marinho
Arlete Heralda Costa Pavão
Aniceto Cantanhêde Filho
Sérgio Figueiredo Ferretti
Mundicarmo Ferretti

Editoração Eletrônica: Kátia Maria Xavier R. e Lima

Revisão: Maria José Freitas Veiga

Fotografia: Márcio Vasconcelos

Capa e Ilustração: Cláudio Vasconcelos

MARANHÃO. Secretaria de Estado da Cultura. Centro de
Cultura Popular Domingos Vieira Filho.

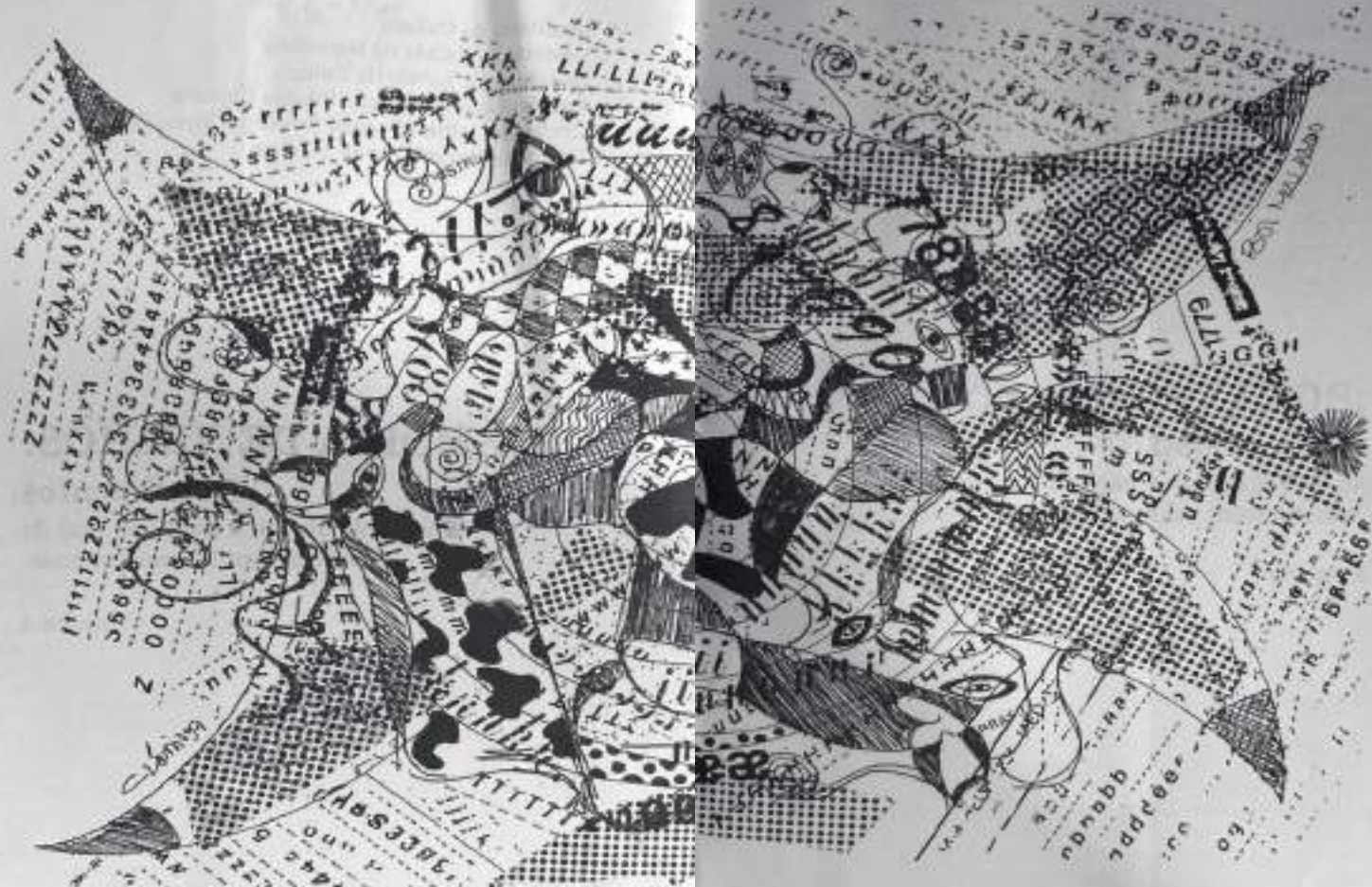
Memória de Velhos. Depoimentos: Uma contribuição à memória
oral da cultura popular maranhense. São Luis: LITHOGRAF, 1997.

V.3: il., 22cm.

CONTEÚDO: V.4. Depoimentos: Raimundo João Gomes,
Ricardo Leitão, Diógenes Alberto Lemos Ribeiro, Heidimar
Guimarães Marques.

1. Memória oral - Maranhão 2. Sociedade - Alcântara 3. Festa
do Divino - Maranhão 4. Bumba-meu-boi - Maranhão 5. Santos -
Confecção. I Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filha II.
Título

CDU: 39(812.1)



"Antigamente o boi nosso aqui não era de couro bordado, era pintado mesmo. Era na tinta." (Raimundo Gostoso)

EQUIPE TÉCNICA

Coordenação: Maria Michol Pinho de Carvalho

Assessoria: Zelinda Machado de Castro e Lima
Josimar Mendes Silva
Manoel de Jesus Marinho
Arlete Heralda Costa Pavão
Aniceto Cantanhêde Filho
Sérgio Figueiredo Ferretti
Mundicarmo Ferretti

Editoração Eletrônica: Kátia Maria Xavier R. e Lima

Revisão: Maria José Freitas Veiga

Fotografia: Márcio Vasconcelos

Capa e Ilustração: Cláudio Vasconcelos

MARANHÃO. Secretaria de Estado da Cultura. Centro de
Cultura Popular Domingos Vieira Filho.

Memória de Velhos. Depoimentos: Uma contribuição à memória
oral da cultura popular maranhense. São Luis: LITHOGRAF, 1997.

V.3: il., 22cm.

CONTEÚDO: V.4. Depoimentos: Raimundo João Gomes,
Ricardo Leitão, Diógenes Alberto Lemos Ribeiro, Heidimar
Guimarães Marques.

1. Memória oral - Maranhão 2. Sociedade - Alcântara 3. Festa
do Divino - Maranhão 4. Bumba-meu-boi - Maranhão 5. Santos -
Confeção. I Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filha II.
Título

CDU: 39(812.1)

Francisco Weffort

Ministro da Cultura

Roseana Sarney

Governadora do Estado do Maranhão

Eliézer Moreira Filho

Secretário de Estado da Cultura

Laura Amélia Damous Duailibe

Subsecretária de Estado da Cultura

José de Jesus Santos

Coordenador de Ação e Difusão Cultural

Maria Michol Pinho de Carvalho

Diretora do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho

Carlos Orlando Rodrigues de Lima

Presidente da Comissão Maranhense de Folclore

Volume 1 - Memória de velhos; Depoimentos: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense (Manuel Nunes Pereira, Maria Celeste Santos e Maria Lúcia de Oliveira)

Volume 2 - Memória de velhos; Depoimentos: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense (Luís de França, Tolentino Nicolau do Rosário e Sebastiana Guimarães do Rosário e Augusto Aranha Medeiros)

Volume 3 - Memória de velhos; Depoimentos: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense (Cecílio Ignácio de Sá, Marciano Vieira Passos e José Jansen)

Volume 4 - Memória de velhos; Depoimentos: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense (Raimundo João Gomes, Ricardo Leitão, Diógenes Alberto Lemos Ribeiro e Heidimar Guimarães Marques)

Copyright © 1997

Tiragem: 2000 exemplares

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

Prefácio - 13

Apresentação - 17

Introdução - 19

Depoimentos - 23

Raimundo João Gomes - 25

Ricardo Leitão - 55

Diógenes Alberto Lemos Ribeiro - 79

Heídimar Guimarães Marques - 109

Fotografias - 183

Glossário - 193

PREFÁCIO

No começo do século, segundo historiadores, estudiosos e escritores, Alcântara entrou em uma fase de decadência econômica, social e política. As antigas fazendas de algodão, açúcar e arroz faliram. Os "Barões" que as comandavam abandonaram a cidade e seus sobradões. Seus filhos que iam estudar na Europa, tornando-se até Senadores, também partiram. Alcântara, que erroneamente foi até considerada capital da Província, não vivia mais seus anos de apogeu. Ela fechou-se sobre si mesma, e os que ficaram eram apenas pescadores, agricultores, funcionários públicos, comerciantes e ex-escravos.

Na primeira metade deste século, a história de Alcântara desapareceu. Poucos registros existem sobre este período. As relações sociais e econômicas passaram a se desenvolver quase que exclusivamente dentro da própria comunidade. Entre a sede e os povoados vizinhos a relação de troca prevalecia. O relacionamento com a Capital - São Luís, nunca deixou de existir, pela proximidade mesmo entre as duas cidades por via marítima. Mas a influência que Alcântara exercia sobre outras regiões e seu antigo prestígio cessaram.

No entanto este período de obscuridade, de poucas informações, considerado decadente, não foi exatamente o que pareceu ser. Segundo os depoimentos de pessoas da terra (algumas já mortas) que nasceram e viveram nestes cinquenta primeiros anos deste século "havia fartura" de alimentos. Muitas fruteiras, muita caça e "só se comia camarão branco, piticaia jogava fora ou dava pra criação". Madeiras e palhas

que serviam para confeccionar moradias, canoas, artefatos domésticos e de pesca eram fáceis de “buscar”. “Ninguém pagava por nada, era só a vontade e a força de ir pegar”. As Festas Religiosas e as brincadeiras eram muitas, “e todo mundo fazia questão de se apresentar prontinho, tudo era organizado, não tinha ajuda de Estado, mas era bonito como uma beleza”.

Percebemos através destes depoimentos que a produção cultural popular era intensa a nível ritual como material.

Por vários anos não houve padre fixo na cidade, mas as Festas de Santo não deixavam de acontecer. Mesmo sem a celebração das missas, rezas, ladainhas e procissões eram organizadas. Além do Divino Espírito Santo e do Senhor São Benedito (que sobreviveram a todas as crises), São Sebastião, São Mathias (padroeiro), Nossa Senhora do Carmo, do Livramento, eram cultuados e festejados “com rigor”. Nos meses juninos, quadrilhas e brincadeiras de Boi alvoroçavam a cidade. Era Boi de mulher. Era Boi de criança. Eram os tradicionais, cujos participantes eram basicamente homens. No Sotaque de Zabumba disputavam os Bois do bairro da Praia e da Caravela. Sem falar nos macacos, girafas e galos, organizados por Chico Doido. Pelo Natal as pastoras sempre apresentavam-se, até a Queimação de Palhas no dia de Reis, “tudo com muito orgulho, devoção e respeito”.

Foi neste tempo que em meio à privilegiada natureza alcantarense, a uma arquitetura que sem o brilho de outrora, continuava sendo harmoniosa, bela e inspiradora e ainda convivendo, aprendendo e participando das tradições locais, vivas e intensas, que nasceram Ricardo Leitão, Heidimar Guimarães Marques, Raimundo João Gomes e Diógenes Lemos Ribeiro.

Eles são típicos cidadãos alcantarenses. Provenientes de uma miscigenação de raças, representam tradição, história, cultura e raça, mantidas por uma população, por seu povo, por uma cidade chamada Alcântara que “parou no tempo para não morrer” e sobreviveu. Com dignidade.

Seu Ricardo nasceu em 1916 e é a tradição do passado no presente e um exemplo para o futuro. Seu Heidimar, de 1927, é a história vivenciada, contada e divulgada. Raimundo Gostoso, também de 1927, é a cultura popular desfilando pelas ruas da cidade. Diógenes, de 1929, é o artesão que tomou consciência de ser artista.

No Projeto "Memória de Velhos", esses quatro senhores falam de Alcântara e de si mesmos, com orgulho, amor, competência e capacidade.

Ellane Lily Vieira

Nada há de mais perene do que a memória. Quem perdeu a memória perdeu-se a si mesmo. Desligou-se da vida, está morto antes de morrer.

Carlos de Lima

APRESENTAÇÃO

Na perspectiva de que a cultura é uma construção histórica, de base coletiva o presente trabalho propõe-se a oferecer uma contribuição para o registro de acontecimentos integrantes da vida maranhense, em determinados períodos, relacionados a vários aspectos da nossa rica cultura popular.

Nos depoimentos de figuras que têm significativa importância na sua época encontramos informações que a memória oral nos transmite, através da linguagem pessoal de cada entrevistado, que, na narrativa feita, opina, interpreta, elucidada, questiona, complementa, dando a sua versão da dinâmica do cotidiano em que esteve envolvido.

Cada uma das 13 (treze) narrativas componentes dos volumes I, II, III e IV desta MEMÓRIA DE VELHOS: DEPOIMENTOS - UMA CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA ORAL DA CULTURA POPULAR MARANHENSE, representa uma resposta de vida ligada a aspectos vitais da realidade maranhense, tais como: religião afro, índios, música popular, fábrica têxtil, bairros, teatro, festas populares - carnaval, bumba-meu-boi, Divino Espírito Santo, procissões, presépios, artesanato, famílias tradicionais, usos, costumes, lendas alcantarenses e outros, que nos ajudam a conhecer mais e a focalizar melhor os detalhes de nossa história.

A Secretaria de Estado da Cultura, por meio do Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, órgão da sua Coordenadoria de Ação e Difusão Cultural, com o decisivo apoio do Ministério da Cultura, entrega, com satisfação, ao público interessado, este registro da trajetória da nossa gente,

MEMÓRIA DE VELHOS

retratada na maneira de ver, pensar, sentir, agir e reagir de mais de uma dúzia de seus expressivos porta-vozes.

Eliézer Moreira Filho
Secretário de Estado da Cultura

INTRODUÇÃO

Este volume faz parte de uma coletânea de entrevistas com informantes conhecedores de aspectos importantes da cultura popular maranhense. Uma introdução à série foi publicada juntamente com o primeiro volume. Neste volume estão reunidas quatro entrevistas relativas a moradores da cidade de Alcântara. Constam as entrevistas com Raimundo João Gomes, mais conhecido como Raimundo Gostoso, antigo brincante de bumba-meu-boi, que dá informações sobre antigas brincadeiras, e dá a conhecer sua opinião sobre novas formas de diversão que começavam a surgir em Alcântara; Ricardo Leitão, organizador da festa do Divino, com mais de quarenta anos participando dessa festa como mestre-sala; Diógenes Lemos Ribeiro, artesão, fazia santos e diversos outros trabalhos em madeira; Heidimar Marques, incentivador da preservação do patrimônio histórico e arquitetônico de Alcântara, originário de família abastada, morou na Europa e sua história de vida é, por ela mesma, bastante interessante, fala ainda de sua aproximação com a Casa das Minas, através da velha escrava da família que cuidava dele.

Conforme já aventado na introdução ao primeiro volume, o objetivo desta coletânea é registrar instantâneos da memória de pessoas cujas vivências lhes conferem visões privilegiadas de situações, fatos e de outras pessoas com quem conviveram, permitindo assim a constituição de material para estudos e pessoas interessadas na história recente principalmente da cultura popular do Maranhão, mas também de outros aspectos da realidade vivenciada por essas pessoas.

Relembramos ainda que essas entrevistas não podem ser consideradas como histórias de vida, pois a interferência do entrevistador pode ser notada em todo o decorrer das entrevistas, direcionando assim o enfoque das mesmas.

Um outro ponto a observar se refere à transcrição dos depoimentos, onde a equipe encarregada da transcrição das fitas procurou transcrever o conteúdo coletado o mais fielmente possível. Mesmo assim não se deve deixar de levar em consideração que a transcrição de um discurso, por mais fiel que queira ser, já é uma interpretação. Conforme Mathias R. Assunção (1988:49), a textualidade do discurso é parte inseparável de um conjunto maior que são as condições de sua produção.

Apesar de grande parte das atividades desenvolvidas pelos entrevistados que aparecem neste volume com seus depoimentos estarem de alguma forma ligadas à arte, devemos deixar explícito que a noção de cultura que utilizamos abarca um leque mais amplo de possibilidades. Frequentemente cultura tem sido compreendida como sinônimo de arte, tanto arte popular quanto erudita, porém seguimos a compreensão expressa, por exemplo, por José Luís dos Santos (1982), segundo a qual cultura diz respeito às diversas formas de conceber o mundo e expressá-lo.

A importância dessas pessoas como entrevistados se dá por estarem envolvidas em tarefas com importante significado social. Mathias R. Assunção (1988:45) considera que aqueles que possuem um tipo de saber específico (os quais ele gostaria de chamar intelectuais do povo ou intelectuais tradicionais), são os mais conscientes de que têm um saber que tem valor, que podem transmitir, e que devem transmitir para este não perecer. Algumas entrevistas que aqui aparecem são indicativas das variações entre o que é considerado popular e o que poderia estar fora desse rótulo. Pessoas com uma posição social diferenciada dentro do contexto de onde atuam, podem passar a ser vistas como intimamente envolvidas no que é rotulado como cultura popular se o referencial se distancia um pouco mais. Por isso mesmo suas entrevistas são cheias

de significado, por nos dizerem das relações com outros segmentos, e de suas próprias leituras que fazem dessas relações, e da sociedade de que fizeram parte.

Do mesmo modo que nos volumes anteriores, remetemos à introdução publicada no primeiro volume desta série, que discute em termos mais gerais a importância da memória oral, com sugestão de uma leitura integrada das entrevistas, onde a interrelação de várias visões de uma época e espaço comuns possibilita uma visão de conjunto bastante interessante, que conforme apontamos ali, permite a visualização de uma época, mesmo considerando-se que são representações de um passado, em que foram contemporâneos os que figuram nestes quatro volumes como entrevistados.

Aniceto Cantanhede Filho



Raimundo João Gomes
Foto Marcio Vasconcelos

RAIMUNDO JOÃO GOMES

- 1927

Músico, conhecido como Raimundo Gostoso. Fala sobre: brincadeiras de São João, bumba-meu-boi, toadas, Carnaval, brincadeiras de salão, Natal, etc.

E - Raimundo é seu nome. Qual a origem do Raimundo Gostoso?

R - Bom, a idade é que a mocidade, né? A juventude trazia isso... E no tempo que era mais novo, eu me enfronzava com muitas brincadeira, com muitas moças. Então, aí o pessoal achava que eu era o bonitão. Então eles começava botar: Gostoso, Gostoso! E saía muito pelas ruas vadiando. E melhor tinha bastante aqui nessa época em Alcântara. Eu era bastante safado, né? Portanto, que eu tenho diversos filhos pela rua aí (risos). Aí eles acharam de botar esse apelido com o nome de Gostoso. E com isso eu fiquei com a idade de 15 anos... aí esse apelido veio nunca mais terminaram. É só Gostoso, tudo quanto a pessoa me chama: Raimundo! aí eu não sei mesmo... Aí eu nem dou bola, mas se chama Gostoso...

E - E seu nome?

R - Raimundo João Gomes

E - O senhor tem quantos anos?

R - Fiz 65 anos.

E - Completos, já?

- R** - Não, vou fazer. Quer dizer que sou de 27, né? Quer dizer vou fazer 66.
- E** - *O senhor nasceu mesmo aqui em Alcântara?*
- R** - Nasci em Alcântara, 21 de outubro.
- E** - *O senhor cresceu onde?*
- R** - Bom, aqui mesmo, lá na rua ali do ... É por detrás da Igreja do Carmo. Lá que moro. Tenho filhos, tenho mulher, tenho outros, também residentes em São Luís. Tenho filhos, também que estão em Brasília. Tenho 12 filhos... Nós tinha essa brincadeira de Bumba-meu-boi, que era bastante movimentada, porque os meus avós quando eu me entendi, eles diziam que foi a primeira cidade, que teve brincadeira de bumba-meu-boi: Alcântara, que tinha cinco boi. Tinha dois boi "Danúzio", tinha época que tinha muito boi. Além disso eles faziam outras brincadeiras como Galo, Brincadeira do Galo, pelo São João.
- E** - *O senhor pode descrever como era a brincadeira do Galo?*
- R** - Bom, é o mesmo tipo da brincadeira de bumba-boi, agora só muda o estilo do bicho. Em vez de ser o Boi, é o Galo. Faziam também, na época de São João aqui, a brincadeira da Sereia. Quer dizer, tinha uma turma que fazia a brincadeira da Sereia. Em vez de ser o Boi, era a Sereia. Tinha outros que fazia também a brincadeira do Sapo. E essa tinha diversas brincadeiras aqui em Alcântara.
- E** - *Diga-me uma coisa: a brincadeira do Galo, tinha o Galo e o resto era Cordão?*
- R** - Era Cordão, como a brincadeira do Bumba-boi
- E** - *E os componentes do cordão se vestiam como?*
- R** - A do Galo? Bom, aí eles vestiam de pena, aí eles faziam aquela vestimenta, botavam aquelas penas, e aí faziam...
- E** - *O senhor não lembra nem uma música?*
- R** - Não lembro...(riso)
- E** - *E os instrumentos musicais?*
- R** - Bom, a do Galo era pandeiro mesmo. Eles faziam o mesmo tipo da brincadeira de Bumba-boi, era pandeiro, era maracá, era a E tiravam toada como se tirava do boi, agora em vez de ser o boi era a brincadeira do Galo ou da

Sereia. Nós tinha também a brincadeira do Carneiro, aqui... tinha ano que tinha a brincadeira do Carneiro, aqui... E era mesmo as toadas de Boi, agora em vez de ser a toada falando no nome do Boi, falava no nome do Carneiro. E era toadas assim...

E - Diga-nos uma coisa: esse Boi de mulheres ele saiu por volta de que ano?

R - Faz muito tempo que não sai. Francamente eu já boto já uns vinte e cinco anos, porque a brincadeira aqui, depois que os mais velhos foram morrendo, essa juventude que nós temos agora, se invocaram por reggae. Aí não quiseram mais saber das brincadeira que nós tinha no passado. Portanto que depois nós vamos brincando com um certo tempos... também, tá fazendo uns cinco anos que separou porque não tinha mais gente em Alcântara pra brincar, a não ser agora, que nós tamo fazendo uns dois anos aí com esses meninos do Colégio, pra ver se entra na brincadeira. Foram dois anos que nós estamos com essa brincadeira. Ano passado nós saímos... Era vinte e cinco meninos, com dez rapaz, e este ano eu acho que nós somos quarenta e oito. Eu acho que pode ter umas vinte e seis meninas, o resto rapaz. E de ano passado pra cá que tá havendo essa brincadeira. Porque, antigamente o Boi aqui não era de orquestra. Antigamente o Boi aqui era de matraca. Era Zabumba... tem o Boi de matraca, tinha o Boi de Zabumba. Agora de ano passado pra cá é que surgiu no Colégio a brincadeira de orquestra, com os meninos.

E - O Boi de Mulheres saiu durante muito tempo? O senhor tinha mais ou menos quantos anos quando ele começou a sair?

R - Eu não me lembro, porque quando eu me entendi já tinha o Boi de Mulher. Eu era garoto, tinha um rapaz aqui por o nome... ele é que botava esse Boi de Mulher e quando eu me entendi, já encontrei o Boi de Mulher. Era só adulta, rapariga (dessas coisas) que gostavam dessa brincadeira, né? Então eu já me entendi eu não tenho assim a

idéia de quantos anos eles botaram. Agora eu tenho pra mim que depois que me entendi, eles ainda botaram cinco a seis anos (depois que tive a participação da brincadeira de Boi) brincadeira de Boi, eu brinco desde meu tempo de criança, porque meu pai gostava muito da brincadeira. Ele mandava na brincadeira, ele falava também o Boi, e aí eu me enfronhei com essa brincadeira, que ele me levava. E com a idade de 10 anos eu comecei brincar de Tapuío. De Tapuío, eu fui subindo e depois comecei a brincar de vaqueiro. Minha época passada toda foi de vaqueiro. Há dois anos que estou brincando, nessa brincadeira, já como mandante. Mas, eu não tenho muito costume de tirar toada pra orquestra. Meu costume mais é zabumba, boi de matraca, né? Então, eu tenho uma dificuldade pra tirar toada de Bumba-meu-boi de orquestra.

E - Quer dizer que o senhor foi amo também, não é?

R - Bom, dois anos aqui no Boi de Orquestra, porque na época quem brincava Bumba-boi já tinha um colega aqui com o nome Ricardo Baixinho. Ele é que era o mandante. O meu pai também com nome de José Borges. Ele também era o mandante. E tinha um outro mandante, eu brincava de vaqueiro nessa época. Tirava toada pra vaquejada (essas coisa) agora tinha os mandantes. Era o finado... que tando com essa idade de 50, tem só um Ricardo Baixinho.

E - Ele mora aqui em Alcântara?

R - Mora aqui, e ele tá até adoentado. Ele ontem me disse que ele tava com a pressão muito alta.

E - O senhor lembra de alguma toada?

R - (pausa) Bom, assim eu não tenho muita lembrança, mas francamente a gente pode ainda contar né? Alguma toada...

E - Pois cante aí.

R - Uma toada? (riso) Olha ano passado eu até levei uma toada pra essa brincadeira das meninas aí... E nós cantamos, falamos em Alcântara: Alcântara terra querida/coisa mais linda que eu já vi/ foi o meu berço de ouro que me

deitei quando eu nasci/na minha terra eu vou falar/que ela tem palmeiras aonde canta o sabiá (bis). Essa foi uma toada que eu tirei ano passado pras meninas e com esse negócio aqui sempre me desguarda da cabeça... Ainda mais isso agora com esse movimento aí, a gente fica assim desorientado, porque eu dou aqui no arraial... porque eu sou muito enfrornado com essas coisas. Eu... a fazer essas besteiras aqui, pra eles... e dou conta aqui no arraial, dou conta lá no Bumba-boi deles, então pra mim a cabeça assim rola... No momento pra mim, só se eu tiver, assim calmo pra mim poder cantar, porque nós temo muita toada em Alcântara, e eu sei de muitas dela. Agora no momento assim...

E - *Conte um pouco da sua vida de criança, na época em que o senhor era criança, quais as brincadeiras das crianças? O que o senhor fazia naquele tempo?*

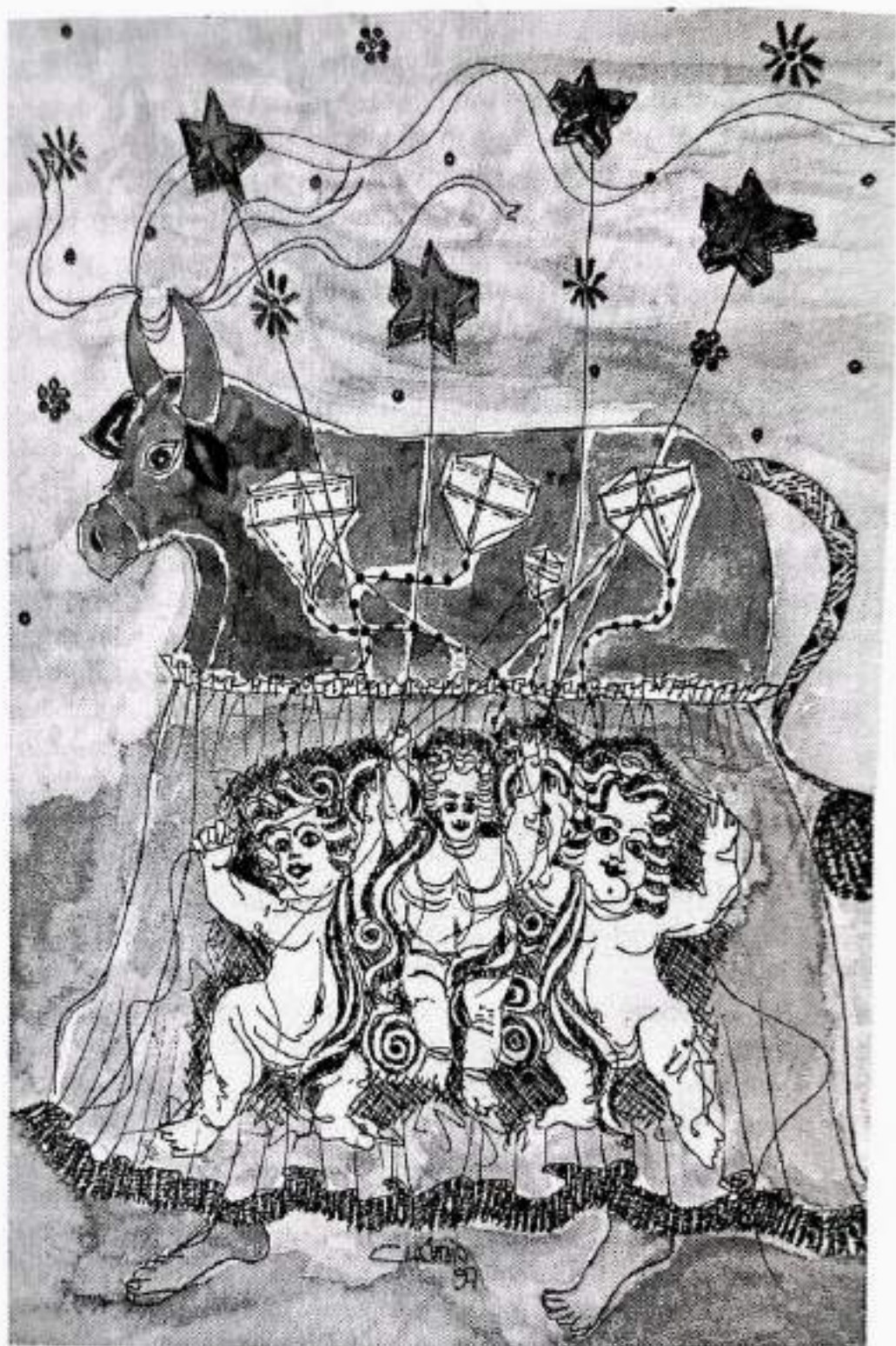
R - No tempo de criança o que eu aprontava era as brincadeiras mesmo que eu gostava de brincar, feito no Carnaval (gostava muito). Essas duas brincadeira que eu sou mais louco na minha vida. Se eu tivesse dinheiro acabava tudo nessas duas brincadeira: era o Carnaval e o São João. O Carnaval tinha antigamente também aqui... era uma das festas também grande. Começava sexta feira, quando era época de Carnaval... Eu tinha nesse tempo aqui.. tinha muitas brincadeiras de Carnaval, tinha a "Chorada"... ele faziam Chorado, faziam outras representações. Nós tínhamos escolas, tinha brincadeira de moças, também brincadeira de rapaz, Além das brincadeiras tinha escolas. Eu tinha (eu mais esse Raul). Nós tinha uma escola: Águia do Samba. Morreu também tá fazendo cinco anos. Tá fazendo também uns cinco anos que não sai por causa da juventude. E se convida um pra cá: vamos brincar! Se convida outro pra cá: vamos brincar! E aí eles começam com esse negócio de brincadeira de reggae. E aí não deixam eles brincar. Em vez de eles ir pra uma Escola de Samba, vão lá pra traz do quintal ali, que tem um clube lá, aí eles passo lá o dia. Agora eles saem com besteira

pela rua, negócio de lata, e eu não dou muito pra isso: negócio de bater em lata, tambor, bebendo cachaça, e eu não dou pra isso. As minhas coisas tudo é direitinho. Então nós, há cinco anos que nós não botemos essa Escola de Samba. Mas nessa época que era rapaz novo, eu... durante o período de São João e Carnaval. Eu saí da brincadeira de Bumba-boi, aí eu ficava na rua, metendo grogue, nesse tempo eu bebia. Hoje em dia eu não bebo mais. Brinco todas essas coisas mais não bebo mais. Então nesse tempo eu bebia! A brincadeira de Bumba-boi entrava no rebanho, aí eu ficava pela rua... E aí eu ia pela noite entrava pelo dia. É essa a razão que me chamavam de Gostoso, por causa dessas coisas, por causa, da minha vadiação, que vadiava muito, brincava muito. Carnaval pra mim, eu saia de casa sexta feira, pra mim mudar a roupa era preciso a mulher tá atrás de mim: rapaz vamo mudar a roupa! Vai mudar de roupa! Porque eu saia duma brincadeira entrava na outra! Nessa época nós tinha muito rodô aqui; a minha vida era brincar. Também não dei um fiasco no meio da rua. Também a cachaça nunca me jogou pela rua. Nunca eu dei um fiasco, nunca fui preso, sou uma pessoa aqui que vivo 64 ano essa parte nunca, nunca levei meu nome na polícia, e nunca as pessoas nem uma viram eu brigar, nunca! Então essas brincadeiras todas eu era enfrinhado aqui dentro de Alcântara. Eu tenho uns certos rapaz que ainda são enfrinhados pela brincadeira, mas nós deixamos por causa disso porque o pessoal (essa juventude agora) não querem brincar. Quando eles entram numa brincadeira, tem hora que eles entram, que pra acabar. E eu não gosto dessas coisas, eu abandonei mais essas brincadeira. Mas eu sou muito enfrinhado. Esta brincadeira mesmo de São João! É eu que sou mais... Brinquei muito, muito, brinquei pelos interiores quase todo, brinquei em Viana, eu brinquei né?... ..eu brinquei aqui nessa baixada desse interior todinho; brinquei em São Luís, brinquei em Rosário. Lá onde eu estava, e tinha brincadeira eu brin-

cava. Eu tenho a minha capa... Ela tem hoje em dia essa cara que eu tenho que eu vou brincar hoje... Ela tem 25 anos. O meu chapéu também tem 25 anos porque sempre eu venho conservando e tive uma que rasguei com 15 anos. A minha capa uma vez a Maratur mandou buscar aqui (umas capas que nós brincavam Bumba-boi) pra ir pra São Luís, que era pra ver a condição, que era pra terminar de enfeitar. A minha foi e voltou, porque não tinha mais onde mais botasse enfeite. Hoje em dia se olha a fazenda dela porque as crianças (tudo lá em casa, todo tempo Carnaval né? Como a minha capa era bem enfeitada no tempo de Carnaval) eles saíam com besteira pela rua: papai me dê aí um enfeite da capa aí eles iam lá tirava. Como não tinha Boi, eu não me incomodava. Então, se hoje em dia se vê pano nela, é por causa disso. Eu também não ligo muito mais... A minha capa não se enxergava a fazenda. Ela tem 25 anos, tanto a capa como meu chapéu... eu sempre guardando. E meus colegas ninguém tem mais nada. Mas, eu tenho ela. Eu já disse pra mulher que essa capa com esse chapéu, vai comigo de lembrança. Quando eu morrer, faz o favor de botar o meu apito, a minha capa, o meu chapéu no meu caixão que vou levar de lembrança pra brincar Boi lá no Céu com o finado Coxinho.

E - *Como era a roupa?*

R - Bem, a fantasia que nós brincávamos antigamente... não se brincava aqui com a vestimenta de seda, e o nosso Boi também nessa época aqui não era vestido de bordado, veludo. O nosso Boi aqui mais era malhado... Era de tenda, dia de São João nós brincava com ele. Quando era pelo São Pedro eu malhava ele de preto e branco. Quando era pelo Carmo... Quando... morava aqui ele brincando 3 vezes no ano, eu atrás 6 vez no ano, fora os dia que nós tava querendo brincar, que nós íamos pro interior, porque aqui a brincadeira é véspera de São João, dia de São João, véspera de São Pedro, dia de São Pedro, véspera de Carmo e dia de Carmo, 16 de Julho. Então, são os dias que nós



As crianças, os brinquedos e o Boi de Alcântara

brincávamos dentro da sede aqui e tinha vez que saía outros dias para interior, que mandavam chamar. Nós saía pra outras partes. E no derradeiro dia e sei que nós gostava de matar o Boi, em agosto, dia de São Raimundo. Se encerrava a festa da brincadeira, e era um festejo muito grande, e fazia baile, tinha comida, tinha tudo, era um festejo muito grande nessa época. E a vestimenta nesse tempo aqui, nós não usava a seda, porque aqui nessa época tinha muito fogo.

A brincadeira era debaixo de fogo. A brincadeira de Bumba-Boi que conheci aqui, tinha fogo bastante. E era busca-pé, era quase como tipo foguete. Mandava buscar em Viana, Mearim aquele busca-pé. E tinha gente aqui, que tinha às vezes que saía com pau de carga dentro dum cofo com os busca-pé dentro, pra tocar fogo. Então não se podia usar seda. Tinha vez, pra nós passar num canto aqui desse, era preciso molhar a roupa porque o fogo era demais. Eu era garoto nessa época, o meu pai com outro rapaz quando o fogo era demais eles me tiravam do cordão e deixavam numa casa, aí eu dormia, mas eu era louco pelo Boi, aí a hora que acordava eu tava lá mesmo com fogo com tudo, né? E, eles faziam força pra gente passar aqui, naquele tempo: rapaz você tem uma curica de cachaça, um barril de vinho pra pessoa no beco escuro? Agora eles repunha um daqui, outro dali, outro lá no canto. Encruzavam de fogo pra gente rasgar esse fogo! Nessa época era uma estupidez, né? Eta! Nessa época eu dizia que era o tempo do carrancismo daqui... Eles não ligavam em nada. Bom, e hoje em dia é uma injustiça você tocar fogo. Proibiram um pouco, porque você prepara uma brincadeira de Bumba-boi hoje em dia, que é só debaixo da seda, do veludo; prepara o Boi, que é veludo em cima dele, com aquele bando de canutilho, pra uma pessoa tocar fogo, é uma injustiça! Gasta muito dinheiro, é uma injustiça. A pessoa se prepara hoje em dia na vida que tá tudo caro, com uma fita, o veludo, a seda, canutilho, lantejoula, tá tudo caro pro sujeito gastar; o sujeito

tocar fogo, é uma injustiça mesmo. Então aparei o fogo. Hoje em dia já se brinca Boi com o couro bordado. Antigamente o Boi nosso aqui não era de couro bordado, era pintado mesmo. Era na tinta.

E - *E os senhores, nas apresentações, faziam matança?*

R - Bom, nessa época nós tinha matança. Existia a Catirina, logo de começo, começava pelo vaqueiro. Tinha vaqueiro, tinha rapaz, tinha o diretor, tinha o preto velho, tinha a Catirina, tinha o Cazumbá. Então tinha, também, às vezes que tinha outras apresentação que tinha soldado, tinha delegado, essas coisas, né? Porque se fazia diversas apresentação. Fazia a maior parte com delegado, soldado, ladrão, essas coisas... representava essas coisas mundana, né? E tinha outra que fazia matanças: era da Catirina, Cazumbá do Pai Francisco e tinha diversas coisas. E tudo isso era debaixo de toada, tanto se falava como cantava.

A brincadeira assim era bonita mesmo. Hoje em dia aqui em Alcântara... Eu é quem tô com vontade de levantar antes de morrer pra ver se essas meninas, os meninos tem assim um gosto pra firmar a coisa, que às vezes eu vivo mais cansado de que outra coisa, porque ali naquela brincadeira... aí fico um doido, apito não sai da boca. Aí a gente caba de falar com eles vamo pra cá, vamo pra ali, coisa... e daqui a pouco você vê: umas tão puxando pra cá, umas tão puxando pra lá, outra tão puxando pra... E na nossa brincadeira antigamente tinha ordem. Quando eu comecei a brincadeira nossa, tinha ordem. Quando o amo tocava o apito, a gente tudo deslizava no cordão era difícil, era preciso você tá pedindo pro mandante: "Olha rapaz nós vamos depressinha ali." Aí ele ordenava que a pessoa fosse. Mas agora não. Eles saem pra onde quiser e não diz nada a ninguém. Quer dizer que é uma brincadeira sem ordem. E a brincadeira nessa época tinha ordem.

E - *E a morte do Boi, hoje é muito diferente de antigamente?*

R - Aqui... não, não era... quer dizer, não temos agora morte de Boi aqui agora, sobre a brincadeira, nós não temos

morte de Boi aqui porque quando foi ano passado... e esse ano foi uma dificuldade muito bruta aqui pra mim fazer comédia, morte de Boi, porque as meninas não são acostumadas. A gente diz: nós vamo fazer isso assim, elas fazem com vergonha de fazer essas apresentações. E mesmo foi em cima da hora. Nós temos com 18 dias, essa brincadeira porque a menina que também me ajuda nessa brincadeira, ela é uma professora, ela fez um curso no Estado. Ela é de São Luís, ela está aqui. É uma filha de criação de Leitão. Então ela é que gosta da brincadeira é que tá dentro da brincadeira, enfronhando elas pra brincar. E ela teve que fazer esse curso em São Luís, ela é professora, então ela ficou em dúvida não sabia se ia pra lá, ou se ficava pra cá. Então nós aparemos isso, que quando ela resolveu de ficar aqui, quer dizer que está com 18 dias pra se fazer tudo, isso em 18 dias, não pode se fazer nada. Agora se ela ficar para o ano, nós vamos começar deste ano. Logo no começo deste ano pra para o ano pra ver se nós fazemos uma coisa melhor com diversas apresentações pra dar mais um brilho na brincadeira. Porque pra mim a brincadeira é que tinha apresentação, tem uma matança, tem uma apresentação, mas essas que nós tivemos ano passado e vamos ter esse ano não vai ter isso, nós vamos mesmo só pra brincar, pra brincar mesmo, ver se mete gosto mesmo.

E - E antigamente, como era essa morte do Boi ? O final?

R - O final da brincadeira? Bom, a morte do Boi é bonita! A pessoa convida o pessoal, faz um circulo, assim como esse aqui. Você enterra dois pau pra fazer o mourão do Boi. O Boi foge de manhã... você sabe? Se a pessoa brinca hoje de morte, o Boi vai morrer amanhã, hoje nós brincamos com ele se advertimo, quando é cinco horas da manhã ele foge, vai pra uma outra casa, quando é 4 horas, da tarde a gente vai buscar ele (vai prender). Aí, nós chegamos nessa praça aqui, o vaqueiro começa a correr atrás dele pra lá... laça! Depois de laçado aí vão pro mourão pra matar. Aí tem que ter toada própria pra essa

finalidade. Ai já são outras toadas não são mais essas que nós tamo cantando aqui na brincadeira. São toadas mais pesadas de tristeza, então, nós temos diversas toadas. Antigamente, nós temos diversas toadas.

E - *O senhor lembra de uma?*

R - Até a própria de ano passado eu não tou lembrado no momento. Olha a senhora sabe quantos dia eu tou sem dormir? A senhora faz um cálculo? Tô três dias aqui sem dormir. Ontem, eu passei a noite trabalhando aqui, passei a noite aqui. Quando foi antonte amanhecendo pra onte, eu dei o ensaio delas lá, e vim permanecer aqui a noite. Ontem eu ensaiei lá e vim pra cá. Foi três dias sem dormir, sem ir pra casa. A minha mulher zanga porque ela acha que eu trabalho no Museu, sou vigia do Museu, empregado do Estado. Então, ela hoje em dia é crente, ela não era crente... mas eu tenho ela que é crente e tenho duas filhas que é crente. Agora eu tenho duas que não é crente. Tão aqui comigo. Eu tenho dois filhos que também não são crente. Mas, ela zanga comigo porque é o seguinte: "rapaz depois você que ficou velho é pra descansar um pouco, e você se põe nesse movimento". Eu digo: "é porque tu é crente, e eu não sou crente me larga de mão! Fica na tua crença eu não tô te dizendo nada, não tá proibindo você de ir para a sua crença, você reza pra um lado e eu brinco pra outro, e nós não sabemos quem tá errado de um ou outro."

"Rapaz você tirou férias pra descansar..." porque eu tirei férias sempre eu tiro férias todo esse mês, dia 20, dia 18 desse mês sempre eu tiro férias, por causa da brincadeira, porque quando não tem aqui eu vou fazer no interior. Ela diz: "mas sô você tirou suas férias pra ver se você descansa um pouco e coisa, você já tá de idade, e coisa, de descansar..." Porque eu sofro bastante do coração. A minha pressão é muito alta, a minha pressão vem até em 17. Olha que anteontem eu saí daqui do arraial, com a cabeça meia zonza, panhando esse sol aí, ficando esses ariri essas coisa aí, sol ardendo pelas costa, aí eu saí... e

ele disse pro rapaz: "rapaz eu não aquento mais aqui; estou com a cabeça muito pesada, perdendo noite de sono trabalhando aqui, aí tô com a cabeça muito pesada". Aí ele disse: rapaz vai em casa, vamos no hospital. Chegando no hospital tava 22 a minha pressão, tava alta bastante. E ontem eu não fui no hospital, eu francamente eu não sei se ela tá com 17 ou 18. A minha pressão sempre é alta. Ela diz assim: "Rapaz sua pressão muito alta assim desse jeito! Porque você não vai descansar? Você começa com esse negócio aí, dessa brincadeira aí, e coisa". Eu digo: "é porque você é crente! Deixe eu com a minha brincadeira aqui". Ela zanga bastante. Olha desde ontem, eu saí de casa ontem era... eu amanheci aqui, fui em casa tomei café, voltei, saí daqui era 6 horas da tarde, fui em casa almocei e jantei voltei pra cá, quando eu voltei em casa de novo era 11 horas, já depois do ensaio, cheguei em casa jantei, almocei, voltei pra cá, ainda estou aqui ainda não tomei café, ainda não fui em casa. Ela ainda me disse: "É pra mandar teu café?" Eu disse não manda que eu vou aqui de manhã esperando um colega pra ficar aqui ainda não veio.

E - *Diga-me uma coisa: também na morte do Boi antigamente tinha divisão não é?*

R - Bom, se dividia depois que matava o Boi. Aí se dividia as "carnes".

E - *Aí cortava mesmo?*

R - Não, não cortava. Nas toadas se dividia. Aí o Boi desaparecia porque se nós esbandalhasse o Boi, para o ano não podia comprar um outro né?

Então esse Boi, nós retirava de lá, dessa hora, tirava, fazia o cordão, retirava, embrulhava ele com um pano, retirava ou então desaparecia. Então na toada é que a gente dividia o Boi: fica um pedaço para fulano, um bocadinho pra outro, um bocadinho pra outro e aí ia dividindo o Boi. O ano ou ele dividindo pra turma: dividia pro vaqueiro, dividia pro amo, dividia pro dono, dividia pro rapaz, dividia pro preto velho e aí ele ia dividindo pra quem trabalhava

com ele (quem era o sócio da brincadeira) e outras pessoas que ele gostava, que ajudava... e pros comerciante, leva um pedaço pra fulano, um pedaço aqui, aí dividia a carne toda, era brincadeira ali.

E - *Mas tem interior que eles quebram a armação não tem?*

R - Eu acho que agora não vai ter.

E - *Antigamente?*

R - Antigamente também se quebrava aqui, mas depois se mudou porque a coisa foi pesando, né? Ou, porque olha, eu comprei esse Boizinho que o rapaz me fez? Por 800.000,00 pode se dizer o Couro do Boi (esse que eles tão terminando de bordar) foi 2kg de canutilho a 70.000,00, o veludo foi a 16.000, 3m de veludo, a barra do Boi a razão é de 10 mil são 4m. Pra bordar esse Boi ela tá me pedindo 120 mil, pra nós esbandalhar esse Boi, pra para o ano mandar fazer outro, é despesa. E aqui não se ganha nada em brincadeira, aqui só convida: olha amanhã leva o Boizinho pra brincar ali em casa! O que ele vai fazer? Ele dá o mingau, ele vai dar uma garrafa de guaraná; pra quem gosta de cachaça ele dá cachaça. Aqui não se cobra nada na brincadeira de Bumba-Boi. Principalmente desses aqui em Alcântara, e mesmo na minha época quem brincava não se cobrava nada..

Hoje em dia pessoal no interior, o Boi já vai contratado. Pelo menos eu tenho trazido brincadeira aqui em Alcântara, brincadeira do interior, faço meu arraial, que não é o primeiro ano que tão fazendo arraial. Eu já fiz... só aqui nesta praça eu tô fazendo 3 anos, com esse. Eu já fiz dois, ali em baixo, na igreja do Desterro, fiz já cinco ali, na Igreja do Carmo, então eu venho fazendo esses arraial. E com a ajuda da Prefeitura, que sempre dá uma ajuda, brinco aqui. Essa luz eu não tou pagando, porque se fosse pagar era pesado... é pela conta da Prefeitura. Agora esta madeira aqui era da minha casa. Repare bem: a madeira eu mandei tirar para minha casa, aí já trouxe aqui, já foi estragada a madeira toda. Por causa de que? Porque eu gosto do Boi. Então muitas bandeira aqui a senhora

dele foi quem nos deu. Então ele patrocina muito a Prefeitura.

Todas as brincadeiras aqui, o Prefeito, graças a Deus, tem patrocinado. Mandei dizer hoje para ele, o rapaz até me trouxe agorinha a decisão... porque ano passado ele pagou a orquestra das meninas; era com orquestra então ele pagou... a Prefeitura pagou. E eu sentia a certeza que este ano ele ia colaborar com a orquestra porque ela está colaborando com nós aqui e mais alguma coisa pra enfeitar as meninas, até isso nós tamo enfeitando esse tempo todas as meninas, dando de chapéu ao calçado. Todas as meninas, ali naquela casa ali é que tão bordando a fantasia delas. A hora que vocês tiverem um tempo vocês vão ver o Boizinho também tá lá entendeu? Lá é que elas estão fazendo. Então nós todos é que tamo dando uma menina e ajudado pela Prefeitura, a vestimenta delas todinho. Bem, então, quer dizer se ele não ajudasse, nós não tinha condição, porque pra quem que nós ia apelar, a cidade pobre, sem movimento, sem trabalho, sem ter nada. E você repare que aqui... o dinheiro que sai aqui é desta Prefeitura e alguém que seja empregado no Estado, porque até as construção que existia na base, que ajudava a cidade, paralisou tudo. Não tem uma casa construída aqui na base, parou tudo. Então o dinheiro que tá aparecendo aqui em Alcântara é da Prefeitura e empregadinho do Estado. Então, não temos dinheiro, né? Então ela é que tá patrocinando com tudo. E eu mandei perguntar para ele se este ano ele patrocinava com a orquestra, que eu queria me orientar para saber como eu fazia pra mim contratar eles. Ele mandou dizer que eu não me preocupasse com a orquestra. Essa parte eu já tou com a cabeça aliviada, né? Bem, então é essa coisa que tem aqui em Alcântara, o pessoal largaram de mão, ninguém quis mais nada, a juventude não liga. Olha, eu Águia do Samba, que tou dizendo para vocês que nós tinha, eu tou fazendo assim pra ver se começo ele de novo, mais eles não querem.

A cidade aqui, é muito movimentada com o turismo, vem muita gente aqui, o pessoal de fora vem, muitos principalmente visitar a cidade. Tem vindo bastante com o turismo aqui. No Museu tem um livro com toda a cidade, todas os países dos visitantes.

E - *O senhor falou que no Carnaval tinha o Chorado, como é que era esse Chorado?*

R - Era umas parte que estes faziam com cavaquinho, aqueles pandeiros, maracás. Eles faziam como aqueles preto velho, dançando ao redor. Aí, um tirava o outro, aquele outro tirava outro, faziam um bolo ali, arredoava, aí eles começavam a dançar como antigamente, os pretos velhos, né? E aí formavam o Chorado aí eles cantavam a toadas deles, porque eles tinha as cantigas, né? Deles de Chorado. Aí eles faziam uma roda tirando um e outro pra dançar, e aí formava aquele bolo no meio da sala... e era uma beleza a brincadeira.

E - *No salão?*

R - No salão. Era bonita a brincadeira.

E - *Com caixa também, ou não?*

R - Não, eles usavam cavaquinho, pandeiro, tamborim e tinha vez que tinha só.... eram esses o instrumento do Chorado.

E - *O senhor não lembra o ritmo?*

R - Tinha até um ritmo que eles cantavam assim:

Piriquitinho que tu mimou
Piriquitinho que tu mimou
Cadê seu amor
Amarrei ele no chão
Cadê seu amor
Amarrei ele no chão
Esse era o ritmo das músicas.

E - *Eles dançavam de par?*

R - Não, eles faziam cordão, um cordão pra cá, outro pra ali, e agora eles começavam balançar, balançava, balançava agora ele morria lá puxava um, aquele outro vinha puxava um, mas tudo balançando assim, solto. Não era agarado. Aí eles faziam aquela bola, era bonita. O Chorado,

tinha muita gente que se vestia de mulher. Tinha até muito homens que se vestia de mulher, apresentaram lá como mulher.

Eu como amo, um tempo desse também botei máscara na cara. Botei máscara na cara entrei num Chorado de mulher, já melado... e era bonito. Aqui nós tinha muita brincadeira. Se eu contar as festas que nós não temos aqui mais, o pessoal até pode dizer assim, aqui em Alcântara antigamente o pessoal todo era vadio, era vagabundo, não trabalhava por causa das festas. Eu acho que tinha todo mês, aqui festa, porque pela festa, hoje em dia que nós não temos. Eu via dizer: rapaz aí em Alcântara não se trabalhava? Todo mundo era vagabundo, a questão era que uns ia para festa... a facilidade aqui hoje em dia é que mais de antigamente: é grande, o sujeito dizia assim: eu vou no camarão ali pegar o comer. Quando ele voltava ele ia pra festa. Ele ia na pescaria, quando ele voltava, ele tava na festa, sucessivamente. Agitava a farinha, vou apanhar já um caranguejo, é bem aí. Não é como em São Luís ou outras partes que tudo é longe. E aqui não, é tudo perto. Então tinha facilidade. Olha tá faltando uma festa que nós tinha aqui grande também, porque hoje em dia nós temos a festa do Divino, é a maior festa que nós temos. A do Divino e a de São Mathias, como é... e de São Benedito. São duas festas que nós temos grande, né? Mas antigamente, com a minha idade de até 44, 45 anos, além da festa de São Benedito, nós tinha uma festa aqui de Nossa Senhora da Guia, naquela Igreja, que era uma festa de 12 dias, de festa. Tinha festa de Nossa Senhora do Livramento que era 4 dias. Nós tinha festa de São Sebastião que era 4 dias. Tinha festa de Santo Antônio que era 4 dias. Festa de São Raimundo que era 4 dias. Nossa Senhora do Desterro; nós tinha muita festa que nós não temos mais esta festa. Ninguém faz mais essa festa... Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora das Mercês, São Mathias que era uma das festas também grande, que era o padroeiro. Então essas festas aqui mor-

reram... São Sebastião. Então, esse pessoal que patrocinaram essa festa que faziam essa festa grande, quer dizer que morreram e os novatos não tomaram de conta. E aí foi decaindo. Foi tanto que começou aqui pela orquestra. E eu também sou muito culpado, também da orquestra aqui terminar, porque os meus avós, meus pais, meu avô, foram os maiores maestros daqui de Alcântara. Meu avô foi o maestro. Os meus tios todos foram maestro. Mas meu pai foi maestro e eu fui culpado também de terminar porque não procurei aprender nessa época.

E - *Como era o nome de seu avô?*

R - Meu avô era Raimundo Vicente Borges.

E - *E do seu pai?*

R - José Vicente Borges.

E - *Todos eles eram músicos?*

R - Todos eram músicos.

E - *Seu avô tocava o que?*

R - Meu avô tocava clarinete.

E - *E o seu pai?*

R - Meu pai tocava tuba. Tinha um tio com o nome de Joasinho Borges, flauta. Tinha um outro tio que tocava clarinete. Tinha um tio que tocava pistão. E tinha um tio que tocava o Baixo. Meus avós, meus tios todos foram músicos. Então, eu me sinto que eu tenho uma culpa também de ter caído a orquestra, aqui, porque se nós... como nós somos diversos parentes, somos diversos sobrinhos, diversos netos, se nós tivesse aprendido não caía, nós tinha tomado conta, mas não quer dizer, nós com o mocidade com a vadiação... pelo menos eu foi pela mocidade, porque eu achava... porque eu panhei muitos cascudos do meu avô. Panhei muitos cascudos do meu Padrinho, ele tocava flauta; eles brigavam que uns queria que aprendesse uma coisa, outros que aprendesse outra, e aquilo eu também achava que devia dançar, porque a namorada tava no baile, e não ia ficar sentado, tocar pra ninguém, sem poder dançar. Então esse foi a culpa deu não ter aprendido. Muitas vezes eu larguei meu

pai lá na sala de baile, quando eles tava tocando baile, dizendo que estava com dor no ouvido, no dente, cabeça tava doendo porque eu não queria ficar lá pra namorada não ficar, e aí eu vinha embora pra minha casa... aí eu não aprendi por causa dessa vaidade. E com isso é que eles começaram me chamar de Gostoso, Gostoso e Gostoso e ficou.

E - *Antigamente as festas eram todas com orquestra?*

R - Era orquestra. Eu conheci 38 músicos, só maestro de classe. Não era maestro de ouvido. Era de classe. Maestro tocavam por música. Era bonito. O Natal aqui era grande. Baile de Carnaval aqui não se fazia em casa pequena era só em sobrado. Tinha noite que tinha 3, 4 bailes de Carnaval aqui... era bem influído o Carnaval. Era máscara, era fofão. Eu gostava muito de fofão, brinquei muito de fofão, meu fofão tinha 10 metros de pano. Comprava 4, 5 dúzia de guiso pra botar no meu fofão. E era assim, brincava muito. Olha que brincava o Carnaval... eu brincava nesse Chorado que você tá falando, eu brincava na Bicharada, tinha uma tal de Bicharada aqui em Alcântara também.

A Bicharada era por meio de bicho. Tinha o cara que mandava fazer aquelas máscara com tudo é que quantidade de bicho, vês era de onça, era de jacaré, era disso... agora ele mandava comprar couro. Aí ele fazia aquela vestimenta de couro botava o sujeito dentro, com a máscara na cara e o sujeito fazia aquela apresentação da Bicharada, né? Muita vezes eu fiz aqui na Praça. Agora, eu gostava de ser o dono da Bicharada, o dono do bicho né? Porque aí a gente metia a taca, né? Então, muitas vezes eu fiz. Olha eu brincava a Bicharada, eu brincava o Chorado, eu brincava o Águia do Samba e assim.

E - *E nessa Bicharada tinha o Veado?*

R - Tinha Veado, mas eu nunca entrei nessa não!

E - *E as pessoas não faziam confusão?*

R - Ah! era uma confusão medonha aí. Eles galhofavam um dos outros, mas o sujeito melava ele, né? Tinha uns que

dizia: Não, nisso aí eu não vou rapaz! Não com isso aí não? Aí se melava ele, terminava sendo mesmo, né? E aí era vaia tinha tudo. E aí a brincadeira aqui em Alcântara era muito divertida. Natal aqui era muito pesado, Natal aqui era bonito. Você olhava aí qualquer parte dessa aí que você olhava, um presépio, você ia! um presépio, um presépio. Aí você passava o Natal com o dia todinho, a noite inteira brincando, porque eles faziam presépio e botava aqueles dois noitante, véspera de nascimento, botava assim: três rapaz, três meninas, pra fazer a noite de hoje. Dia de nascimento, botava três fulano... e aí ia fazendo a noite, e cada qual queria fazer melhor se hoje era minha noite, que ia fazer? Eu contratava cinco músico, pra tocar lá com baile com tudo. Amanhã você era, vou contratar 10.

E - *E as comidas que serviam naquela noite?*

R - Bem, nós mandava fazer doce...

E - *Que tipo de doce?*

R - Tinha o coração, tinha pastilha, tinha o doce seco, pão de ló, tinha tudo isso, tinha bolo. E a pessoa ia lá pra reza. Depois que você acabava de rezar, tinha aquela mesa de doce, de bolo, chocolate, café, aí a pessoa que tava ali na noite se servia. Aí resolvia... Agora aqui o baile! Se passava pro baile. E não era só uma casa que tinha. Era diversas, diversas parte. Tinha outros que faziam... pra festejar o Natal.

E - *E a queimação de palhinha?*

R - A queimação de palhinha era no fim do Natal. Tinha um que fazia logo depois de Reis, e tinha outros que deixavam pra passar uma semana, pra fazer a queimação das palhinhas. Também era a derradeira festa. Aí tinha os noitantes, porque sempre fazia seis noitantes, assim nos dia, mas quando era pra Queimação das Palhinhas, porque a coisa piorava. Aí fazia doze noitantes, tinha outra que botava dezesseis noitantes, porque era o derradeiro dia de festa, aí nego ia fazer bonito, né? Aí ia fazer doce, ia fazer... ia fazer festa. Aí era o dia todinho. Era dia e noite

todo mundo brincando. Aqui foi muito divertido pra festa, e com isso eu brinquei muito. E não tenho arrependimento hoje em dia, se morrer eu tou cansado de dizer pra ele: meu filho vocês são muito cidade parada. Porque eu não tenho arrependimento de dizer assim: eu vou morrer. Eu vou morrer hoje com gosto, porque já brinquei muito aqui em Alcântara. Em toda parte, donde a gente chegou, brincava. E eles não! Eles não sabe o que é brincadeira. Pergunta uma brincadeira, eles não tão sabendo de brincadeira nem uma! Por que não procuraram a fazer. Não procuraram se ajuntar pra brincar. E quando a gente convida não querem acompanhar.

E - *E a preferência pelo reggae o senhor sabe quando começou?*

R - Bom, eu não sei, porque eu não gosto e não...

E - *Mas o senhor tinha quantos anos quando a rapaziada começou a dançar?*

R - Ah! Isso aqui já tá de uns dez anos, daí pra mais. Olha! eu moro ali por detrás da Igreja. Ali tem um som da casa do Vital, quando eles tocam lá, vai bazugar lá em cima, lá dentro de casa e tem vez que tou deitado lá em casa... porque eu não saio mesmo, eu não gosto desse negócio desse som, desse som eu não gosto. Principalmente, daquele tipo de Vital, que a gente tá dentro do salão, se vai conversar com qualquer pessoa, ninguém sabe o que tá dizendo. Até esse aqui. Esse som aqui, é até calmo. Você pode até botar e conversar que você tá ouvindo. Mas, aquele som da casa de Vital e outros mais que venho aí, eu não simpatizo, porque eu saio de lá doido, zonzo. Então eu não vou... ninguém me vê lá. Tem vez que tô lá em casa, mesmo como Carnaval, São João, eles vão brincar... eu sento lá em casa, bota um reggae aí! Aí eu fico paideguinha de raiva, no Carnaval o sujeito pedir reggae, no São João você pedir um reggae, eu fico doidinho de raiva. Eu acho que é uma ignorância. E disse aqui pro rapaz que tá botando: rapaz por favor, não me bota um diabo desse reggae aqui! Se é de vocês tiverem reggae aqui pelo São João; vocês diz que quebrou o disco, porque esse

São João pra mim é forró e a brincadeira de Bumba-boi. São as brincadeiras: quadrilha, essas coisa, coco, essas é que são brincadeiras pra mim. Cada coisa tem seu tempo, vamos deixar reggae pra lá. Vamos deixar seresta pra um dia de... Essas são as coisa. A festa de São João já sabe que é o forró. Vamo no forró. Não é ter essas coisas toda, desconforme.

E - *Os doces de espécies daqui, são feitos há quanto tempo?*

R - Não tenho a idéia porque é do começo da brincadeira daqui. Porque eu conheci essa Festa de Divino Espírito Santo, que foi uma das primeiras, acho que daqui da Alcântara. Eu acho que meu avô quando conheceu já foi eles fazendo esse doce de espécie.

E - *É uma coisa bem antiga.*

R - É muito antiga. Tem séculos. Porque isso veio da escravatura, da época da escravatura. Conforme diz aqui a história: aqui vai do tempo do Império. Representa o tempo do Império. Foi feita pelos escravo, mas veio dos Impérios, porque conforme eu vi ali, uma revista... no dia que li... me consta que foi uma Rainha que doou esta coroa pra Igreja, pelo uma promessa que ela fez de uma guerra que existia e essa guerra foi muito forte. Então essa promessa ela fez: se terminasse a guerra ela daria uma coroa de ouro pro Santíssimo. Quando terminou a guerra, ela diz que fez presente, então os escravos com isso começaram a fazer essa Festa do Divino. Porque, esta coroa não é a que nós chamamos aqui Divina Santa Coroa, mas não é a coroa é o Divino que existe em cima, dela, porque ela não prevalece, nada; prevalece ela por causa do Divino que existe em cima dela. Então isso é que é porque a coroa foi doada. Agora o Divino tá certo, né! É aquele pombinho. Eu vi uma vez isso aí numa revista aí no Museu. Eu tive olhando. Eu digo: olha! como foi que veio essa festa... no tempo da escravatura, foi no tempo dos Impérios. Ela é muito antiga.

E - *Brincadeira de criança, bola, papagaio. Que tipo de brincadeira havia no seu tempo?*

R - Aqui? Bom, eu gostava muito de papagaio. Agora dava era confusão, compadre. O diabo que tava vez que brincava papagaio, eu brigava papagaio eu brigava! Que... um mau elemento aí, passava a mão agarrava um caroço de cajá, a gente tava brincando aqui né? Bem aí como nessa praça aqui, que tinha capim nessa época aqui. Tinha um malvado, muito mau, nesse tempo. Tinha um rapaz que gostava de fazer a gente brigar. Nós tava lanciando aqui o papagaio, quatro, cinco aí a linha tava por aí. Aí ele pra fazer questão... bazugava um caroço de cajá. A linha embrulhava aí começava a questão de um pra outro, né? Então eu gostava mais do papagaio muito, eu joguei muito futebol, e o campo nessa época era aqui nessa praça. Quem impediu aqui foi o patrimônio. Foi a razão de nós fazer um campo lá... Nós fizemos aquele campo lá em cima a braço. Destocamos a braço. Era eu, era Malé, esse Prefeito que hoje em dia é o Leitão, fizemos no murro mesmo.

Mas o campo era aqui. Nós arcava, mandava buscar time em São Luís. Tinha essas duas árvores. Só aqui nesse período tinha cinco árvores. Então nós passava a corda de uma pra outra, aí andando, vinha, aí rodeava ela todinha, vinha morrer de novo ali. Aqui que era o campo de futebol. Se mandava buscar o time em São Luís pra jogar aqui. Depois que o Patrimônio proibiu que nós fizemos outro aqui. Eu gostava muito da brincadeira de bola. Era divertido a brincadeira de bola também, aqui.

E - *E o pião?*

R - O pião também. Mas, eu não gostava de pião. Pião eu fui jogar uma vez, me deu na canela que quebrou a canela e eu não quis mais brincadeira de pião. Mas eles brincavam aqui, brincadeira de pião, brincava de roda. Eles faziam diversas brincadeiras aqui. Também de linha. Muitas brincadeiras de moças à noite na porta de suas casas. Daquelas ciranda de roda, né? Essas coisas... Aí veio esse

apelido. Eu namorava muito, elas gostava de mim. E eu não era saliente. Eu era chegado a todas elas. Tudo que elas queriam eu tava muito com elas. Me pediam qualquer coisa, eu acompanhava. Vamos ali! Eu acompanhava, nunca fui saliente, então com isso elas me traziam. Amanhã nós vamos brincar de roda até isso eu fazia aí entrava no meio delas pra brincar de roda com elas. E os colegas que viram isso achava que eu era "bendito é o fruto" aí se punha: Raimundo Gostoso! Raimundo Gostoso! Por eles não estavam no meio. Era inveja, né? Aí, isso, porque eu sempre brincava de roda com elas por aí, "ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar". Eu cansei de brincar essas coisas com elas, na porta das casas. Elas brincaram muito tinha muito essas brincadeiras aqui. Acho que todas essas brincadeiras antigas, tinha aqui em Alcântara.

E - *E a história das lendas que o povo conta aqui?*

R - ... Eu acho que tem lendas, muitas lendas aqui, tem vez que eu acho até absurdo. Bem, como o poço de Nazaré que os escravos contaram que viram o galo cantar. Eu achei um absurdo isso, né? Porque vejo a PETROBRAS cavar muito aí, grande quantidade de perfuração, nunca deu no abismo! E os pretos cavaram lá o poço de Nazaré... Eu achei que aquilo era uma coisa que não devia ser, né? Agora, sei que o poço era muito fundo. Pra mim eles estavam era cansado de cavar, porque assim, que eles faziam aquilo tudo obrigado, mas tinha algum preto também que era sabido, que não era tão burro assim de idéia mesmo que não soubesse lê, mas tinha suas experiências, suas manhas. Pra mim eles cavaram, né? Açoitado pelos barão, pancada, de tudo, então cavaram. Quando eu me entendi não se olhava o fundo do poço, era muito fundo, né? Que não se olhava o fundo do poço. Eu tenho pra mim que ali eles cansado de cavar, por não poder mas botar, a terra pra cima. Eu acho que eles inventaram, o barão não ia descer pra ver, né? Aí eles inventaram, o

galo cantou! Ai o barão mandou levantar o serviço. Mas, quando eu era criança que sempre eu ia por lá... Quando eu me entendi o poço era muito fundo, que urubu nem espiava na beira, eu acho que com medo. Aqui tinha um senhor de idade... Eu já tinha francamente, estava com meus 30 anos, tinha família. A mulher dele morreu, ele tinha umas filhas. Eu acho que essas filhas... Ele se desgostou do que elas procediam, e aí ele caiu doente, esse velho, e teve um dia ele saiu de casa desgostoso e chegou nesse próprio poço se jogou. Caiu dentro do poço, nós soubemos que ele tava dentro do poço por causa do chinelo e facão, que ele deixou na parede do poço. Então se saiu procurando ele pra cá, pra ali... Aliás ele morava perto da minha casa e eu vi ele passar. Mas, sem saber o que ele tava fazendo. Mas eu digo: mas o velho passou aqui, coisa... Ai nós procuramos, andemo a tarde todinha. Mas nada da gente ir pra... quando veio a 6 horas da tarde, eu digo: "rapaz, lá na parede do poço de Nazaré, lá tem (era inda 7 horas do dia) um chinelo, com um facão em cima da parede do poço". Ai nós fomos lá, a filha dele foi lá, era o chinelo dele, com o facão. Mas será que o pai dela caiu aqui dentro do poço? Nós botava pra lá a vista não ia buscar, era fundo mesmo. A vista nossa não ia buscar, lá no fundo Tinha uma lancha aqui que era da Capitania... Nesse tempo os barcos vinha de São Luís. Eles faziam aqui.... E, tinha uma lancha aqui da Petrobrás nessa época da Capitania. Eles tinha aquele holofote que dava muita distância... rapaz só nós indo na praia pedir lá um holofote daquele. Ai nós viemos aqui... o rapaz da lancha nos emprestou... Foi quando nós botamos, que nós fomos olhar ele, o vulto dele, é o velho! Agora pra descer, pra ir buscar ele, ninguém se achou com coragem. Mas, tinha um rapaz aqui com o nome Antônio, ele era até do interior. Ele disse: "rapaz se vocês me botarem eu vou buscar esse velho, eu vou amarrar o

velho". Tu vai? Aí nós metemos dois paus, um do lado, de outro, agarramos, travessemos... e botamos um moitão. Vocês sabem o que é moitão. O moitão é esse negócio de barco que a gente puxa o pano ele roda, né? Nós chamamos moitão. Aí nós botamos o moitão lá e ele desceu na corda, sentado em cima numa tábuia. Chegou lá ele amarrou o cara. Aí nós puxamos lá ele que quando ele chegou em cima, deu uma vertigem. Aí nós trouxemos ele na rede, que quando ele apanhou um vento, ele desmaiou. Foi preciso trazer ele na rede. Trouxemos todo os dois, o morto e ele na rede, porque ele era fundo demais, quando ele apanhou o vento em cima, desmaiou. Era muito fundo. E essa história do poço de Nazaré que nós não temos, que já tenho dito aqui... Essa história do poço de Nazaré devia existir aqui no Museu. Porque tem diversas coisa aqui no Museu que a gente sabe, mas essa história do poço de Nazaré devia ser uma coisa importante pro pessoal saber. Como nós temos uma história aqui, que também eu acho um absurdo. O pessoal antigamente dizia que nós temos uma serpente que vem de Mirititua, você conhece Mirititua, a nossa fonte? Vem de lá e a cabeça dela mora aqui, no Livramento. Então, se a Santa da Nossa Senhora do Livramento não passasse durante o ano quatro vezes aqui na praça, por cima dela, diz que ela se arrevirava e Alcântara ia para o fundo. Também achei absurdo porque há 4 anos a mais que nós não temos essa festa, Alcântara ainda tá do mesmo jeito. E eu até há poucos dias apurrinhei eles aí, eu digo: "rapaz eu vou cavar esse buraco pra fazer se eu menos eu dou aqui ao menos no meio da serpente", né? Eu acho que não é isso. Eu não acredito também nessas coisas. Tem muitas outras mais, coisa que existe aqui em Alcântara. Bem, como eu também não sei. Eles disseram que acharam Nossa Senhora do Livramento aí. Uma senhora que eles acharam aí. Uma menina que era Santa que acharam nessa ilha. Eu tam-

bem achei que muitas coisas que... Só se nesse tempo eles não tinha assim, a idéia de programar, porque não se sabe o dia, não se sabe como foi que eles acharam essa Santa aí no Livramento. Eu não sei também.

E - *E Tambor de Crioula aqui em Alcântara?*

R - Tinha muito. Esse Tambor de Crioula nós tinha muito aqui em Alcântara, principalmente no interior. Porque aqui dentro de Alcântara eu conheci Tambor de Crioula, assim quando a gente fazia uma promessa pra São Benedito. Eu fazia uma promessa pra São Benedito, então eu ia fazer um tambor na minha casa. Mandava buscar gente no interior, também tinha outras mulheres, que brincavam aqui, e aqui se fazia, pelo menos, quando eu tinha comércio, por mal mesmo da cabeça, porque a primeira mulher que eu casei.. ela morreu na maternidade... a primeira minha filha eu levei no... no mês, a minha filha, lá pro hospital, maternidade e recuperei ela. Ela teve o parto, lá foi cesariana eu recuperei e trouxe. Quando foi no outro mês, a minha foi ter o problema, eu levei ela, não recuperei ela, morreu lá. Eu trouxe ela pra cá de avião. Aí eu desnorreei, e acabei com quitanda, acabei com tudo. Mas, nessa época, que eu tinha comércio lá na praia. Eu fazia também na porta do comércio. Mandava buscar o pessoal no interior com outros que tinha aqui. Aí eu fazia sempre o Tambor de Crioula lá em casa, mas sempre Tambor de Crioula aqui, nós temos só na época da Festa de São Benedito, porque essa festa mesmo é pra tambor. A festa de São Benedito todo ano é pra tambor... É uma festa divertida, festa muito grande, principalmente se a encarregada da festa tem condições e mandar buscar o pessoal no interior, mata boi, dá cachaça, dá vinho, dá tudo que ela pode. E a festa é uma verdadeira beleza, uns fogos de lágrima, uns foguetes, eles enfeita o Largo e se não fosse ela, essa festa também tinha caído, como já caiu outras. Mas, ela tem segurado essa festa, já há muito anos, porque quem era dono desta festa, tomava conta dessa festa, era um tio meu, pai

daquele rapaz ali do Raul, Domingos Silva era quem tomava conta da festa. Como ele morreu, os filhos não ligaram, ela tomou conta. E essa festa tem sido a das maiores festa, a não ser a do Divino, ela tem sido uma das maiores festa aqui. São duas festa a do Divino e de São Benedito.

E - *O senhor estudou?*

R - Não. Ainda tem isso aqui, também. Preguiça! Me culpo. Eu culpo eu mesmo. Nesse tempo mesmo colégio aqui era difícil. A gente estudava pela casa de um pela casa do outro. Nós tinha um colégio, eu estudei ali daqui a pouco eu ia pra ali. Então, eu fui até o segundo ano, aí também eu não fui mais.

E - *Antigamente os meninos saíam para estudar em São Luís?*

R - Não, dava o começo aqui, mas depois a coisa foi evoluindo. O sujeito tinha condições ia botando seus filhos pra lá. E foi razão de famílias se sair daqui de Alcântara.

Foi por isso, porque tinha condição. Aqui não tinha vida. Não tinha nada. Então ele tinha um filho pra estudar. E ele progredia que o filho dele estudasse. Então ele ia botar o filho dele na casa de quem, em São Luís? Pra ele poder pra uma pessoa, como a minha filha foi, a minha irmã foi pedindo pra um pra outra pra ficar. O sujeito tinha condição ele comprava uma casa em São Luís se empregava, e ficou com seu filho. E foi a razão de muita gente sair daqui, foi por isso. Porque queriam ver o benefício de seus filhos pra crescerem e aí saíam. E hoje em dia, nós temos esse bando de casarão que antigamente esses casarão eram só casa de família. Era cheio de família. Por esse motivo foi que foi saindo. Porque não teve mais vida. Aí eles foram residir em São Luís.



Ricardo Leitão
Foto Jorrimar Sousa / Arq. CCPDVF

RICARDO LEITÃO - 1916

Mestre sala da Festa do Divino e artesão. Fala sobre: comércio artesanal, chegada, festa do Divino, São João, brinquedos populares.

E - Senhor Ricardo diga o seu nome, por favor?

RL - Ricardo Raimundo Leitão

E - O senhor tem quantos anos?

RL - Eu tenho setenta e seis, sou do dia 03 de abril de 1916. Completei 76 anos e estou correndo para os 77.

E - O senhor sempre morou em Alcântara?

RL - Sim, morei, nasci e me criei aqui.

E - Vamos começar, falando sobre seus pais: quem eram seus pais, de onde eles vieram?

RL - Meus pais eram Saturnino Francisco de Azevedo, não era casado com a minha mãe, porque a minha mãe era Benedita Rosa Leitão e ele teve dois filhos com a minha mãe, aonde eu que fui o primeiro filho e depois o meu pai se casou e a mulher dele, muito minha amiga, aprendi muito com ela e daí já, aprendi com meu pai o ofício de sapateiro. Ele me ensinou eu aprendi, venho subindo, né?

E - Seu pai nasceu também aqui em Alcântara?

RL - Nasceu.

E - Sua mãe também?

RL - Minha mãe também aqui em Alcântara.

E - *O senhor foi criado por sua mãe?*

RL - Por minha mãe, meu pai ajudava na medida do que era possível, nos ajudava. Me ensinou o ofício de sapateiro, depois comecei a trabalhar e daí então eu vim subindo.

E - *O senhor estudou?*

RL - Estudei, mas estudei no colégio particular.

E - *Aqui mesmo em Alcântara?*

RL - Aqui em Alcântara, até o terceiro ano, estudei seis meses em colégio público municipal, para me especializar na conta. Graças a Deus me dei bem, depois fui empregado na Prefeitura, passei uns anos como porteiro da Prefeitura, depois como fiscal da iluminação da época, passei dez anos e meses; no dia 27 de setembro de 1943 fui nomeado agente arrecadador. Então passei, vindo, vindo, vindo, depois fui nomeado agente especial, passei, três anos e pouco, depois fui nomeado coletor no tempo do governador, do interventor Dr. Paulo de Sousa Ramos.

E - *Essa função de fiscal de iluminação, como era?*

RL - Era que a noite às vezes de nove horas em diante saía pela cidade para ver se os lampiões estavam direito, porque naquela época levava até dez horas a luz, depois, então, foi a iluminação que é até hoje, né?

E - *Nesse tempo já era o gerador?*

RL - Não.

E - *Era que tipo de iluminação?*

RL - Naquele tempo era, tinha os candeeiros, tinha o empregado que seis horas da tarde, ia botando querosene em todos os lampiões, botava uma medidazinha, essa medida durava até dez horas, de dez horas então desligava todos, isso todos dias botava.

E - *E sua infância, senhor Ricardo, como viveu a sua infância?*

RL - Vivi bem, sempre criado com minha mãe, minha mãe foi criada de uma senhora que tinha aqui Cota Gusmão, então eu fui o primeiro filho da minha mãe então a minha mãe, mãe branca tomou conta de mim, então até com a idade de oito anos não faltava nada nem para mim, nem pra

minha mãe, agora com oito anos a senhora então morreu, com trinta dias, depois o velho marido dela chamou e disse olha, rapaz, hoje faz trinta dias que tua mãe morreu de hoje em diante é nova vida e vida nova. Aí pronto, nós nos viramos eu junto com a minha mãe e coisa, trabalhando, enchendo água nessa fonte da Mirititua, que é antiga, enchíamos água pra vender pra poder nos mantermos, isso até que Deus ajudou que eu aprendi o ofício, peguei a trabalhar, então já tomava conta da casa para dar o sustento, pra minha mãe.

E - *Esse ofício de sapateiro o senhor começou a trabalhar com quantos anos?*

RL - Bom, comecei a trabalhar de dez anos em diante, comecei aprender, fui, fui, fui, fui, fui com 15 anos, 17 anos, pronto, já era um profissional. Eu trabalhava junto com meu pai, tínhamos encomendas de calçados, chinelos, aquelas sandálias que a gente fazia antigamente, vendia para os comerciantes, então os comerciantes, vendiam para o pessoal. Isso passamos muitos anos muitos anos mesmo, que mesmo empregado como agente arrecadador, mas eu trabalhava dava uma olhadinha lá na praça, se tinha alguma coisa despachava se não tinha voltava pra trabalhar. Depois pronto, fui indo como já disse, fui agente especial, agente especial, pra coletor. Como coletor pronto trabalhei 22 anos como coletor. E seu Paulo Ramos quando me nomeou me nomeou em caráter efetivo na Exatoria Estadual de Alcântara. Então, eles transferiam todos os coletores e eu eles não transferiam e eu não ia pedir pra sair de minha Alcântara e ir pra outras terras sem eu conhecer. Então em São Luís, que nos primeiros anos eu prestava contas, os colegas diziam assim, mas rapaz me diz uma coisa então eles transfere todo mundo pra cá e tu eles não transfere, será que és histórico também? aí pronto. Depois foi transferido a Coletoria pra prestar contas em Pinheiro na 12ª URAF, que até hoje a 12ª 1ªURAF de Pinheiro. Então todos os meses e fim de mês ia pra prestar contas e graças a Deus esses

anos que trabalhei correspondi as expectativas, trabalhei nesse período. Quando me aposentei, me aposentei com 39 anos 10 meses e 26 dias que trabalhei na Secretaria da Fazenda. Fazem seis anos que tou aposentado, me aposentei em 85, graças a Deus.

E - *Na sua infância quais as brincadeiras que as crianças brincavam?*

RL - Tinha muitas brincadeiras, tinha pião, tinha papagaio, no tempo carnavalesco tinha sempre umas brincadeirinhas que saíam aí pela cidade pra animar, teve um tempo uma chegança, providenciava tudo pra animar o Carnaval e assim muitas outras.

E - *Como eram as cheganças?*

RL - Chegança eles se uniformizavam se formavam se vestiam, roupas roxas pra poder sair.

E - *Era às vezes roupas tipo roupa da marinha?*

RL - Não, era roupa comum essa roupa mesmo, tinha alguns que era da marinha porque era coronel, não sei o que e coisa.

E - *Só mesmo representando?*

RL - Representando pois não.

E - *E o desenrolar da brincadeira como era?*

RL - O desenrolar?

E - *Era como uma comédia?*

RL - Não, bem porque quando chegava lá onde vira, em frente a minha casa dançavam e cada qual tinha uns dizeres, uma coisa pra dizer, pra falar durante o período que estava brincando dentro das casas, então quando saía ia tocando aquelas marchazinhas, aquelas musicazinhas e ia prosseguindo até chegar na outra casa, e assim passava o Carnaval todinho os dias domingo, segunda e terça né? assim brincando.

E - *O senhor chegou a participar de alguma?*

RL - Participei 2 anos, mas assim eu fazia parte do cordão. Então, tinha os que falavam que representavam e nós então, era no cordão.

E - *O senhor lembra alguma música?*

RL - Não, não lembro não. E hoje tem a festa do Divino Espírito Santo.

E - *Essa festa o senhor na sua lembrança começou quando?*

RL - Bom, quando eu nasci já tinha essa festa, quando eu nasci.

E - *O que sua mãe contava que acontecia nessa festa?*

RL - Contava que acontecia a festa o levantamento do mastro quinta-feira da ascensão a primeira missa, domingo do meio a segunda missa, domingo do Espírito Santo terceira missa, então que onde eu participei, porque faz uns quarenta e poucos anos que eu participo desta festa sendo Mestre-Sala, depois que morreu o finado Galdino Ribeiro, quando ele estava mal, ele me entregou o caderno, que o caderno ainda existe aí, me passando a obrigação para que a festa não caísse e até hoje graças a Deus continua firme e eu quem tiro as pessoas para fazer a festa todos os anos e sirvo de Mestre-Sala.

E - *O que faz o mestre sala?*

RL - O Mestre-Sala é servir, pelo menos o Mestre-Sala tem como obrigação, bem como este ano teve o levantamento do mastro no dia 27 de maio, saiu daí da praia subiu a cidade toda, nas portas dos Mordomos encostando e coisa e dando uma bebidazinha pra tomar, e foi o mastro enterrado lá na praça da Matriz. Então depois de correr a cidade toda ali fixa, enterra essa quarta-feira do mastro de acordo com os anos que cai, este ano caiu 27, levantamento do mastro, 28, primeira missa, quinta-feira da Ascensão, dia 26, 27, 28 e 29, dia 31, foi a segunda missa domingo do meio, que se chama, e dia 07 de junho foi domingo do Espírito Santo, último dia. Tem a missa, depois da missa sai pela rua e vai pra casa da Imperatriz, para lá comer e beber o que quiser, porque um ano é Imperatriz e outro Imperador, este ano foi Imperatriz e para o ano já é Imperador. Tem as visitas todas as noites, que a primeira visita é sábado do meio, que é do Mordomo Régio, ou do Imperador ou da Mordoma Rêgia depende, do que for sair no ano e as outras noites, visi-

tas aos Mordomos. É muito animada e muito boa e traz muita gente que vem de São Luís, de todo lado: São Luís, Pinheiro, São Bento, Bequimão, de todo lado vem passar o dia da festa, é muito animada.

E - O senhor é Mestre-Sala?

RL - Sou, sou mestre sala. Trabalho nesta festa pelo menos há quarenta e poucos anos como mestre sala, uns quarenta e poucos anos. Como responsável de escolher o Imperador, Imperatriz, Mordomo, eu tenho 20 e tantos anos, uns vinte e cinco anos mais ou menos, que eu sou responsável para escolher os Mordomos. Tem eu e tem outro rapaz o Moacir, que é um rapaz que também trabalha há muito tempo, muitos anos o Moacir, ele mora lá na Rua Grande.

E - O senhor acha que a festa mudou alguma coisa desde o início até agora?

RL - Bom, alguma coisa porque cada uma pessoa que sai tem um jeito de fazer, já vem modificando um pouco, mas continua a mesma, ainda animada, animada porque não perde o ritmo da antiga, ocorre uma diferença mas é isso, mesmo não muda.

E - Como é feita a escolha do festeiro do próximo ano?

RL - Bom, porque vamos dizer, eu então, no período da festa eu vou olhando e coisa assuntando e anotando o nome das pessoas, às vezes eu consulto com a própria pessoa tomo uma ideazinha pra ver se ele pode fazer ou não, porque às vezes a situação não dá e eu não vou também sacrificar, e uns não sabe eu não digo nada, eu vejo quem tem condição só vai saber no dia em que é lido na Igreja, o Piloro como chama é lido no último dia da festa domingo do Espírito Santo, depois da procissão, reza, depois da reza então o Padre lê pra todo mundo ouvir, por que eu relaciono os nomes tudo direitinho.

E - Este ano é Imperador?



O mestre-sala Ricardo Leite

RL - É Imperador e Mordomo Régio, porque um ano é Imperatriz e Mordoma Régia, no outro ano é Imperador e Mordomo Régio.

E - *Alguém já se recusou a fazer a festa?*

RL - Bom, tem algumas pessoas que devido a situação financeira não fazem, às vezes ano em que é pra fazer, passa às vezes dois, três anos, mas logo que a situação melhora eles fazem não deixam de fazer, esse ano fizeram cinco com a Imperatriz, porque a Imperatriz a mãe morreu e ela não quis fazer, então a Mordoma Régia assumiu o cargo de Imperatriz, e a que era uma Mordoma eu fui e falei pra fazer ela uma Mordoma Régia. Este ano saíram doze pessoas, doze pessoas com o Imperador e Mordomo Régio eram cinco Mordomas cinco Mordomos e o Imperador e Mordomo Régio.

E - *As pessoas ainda tem bastante aquele sentido religioso da Festa?*

RL - Tem, sim, é difícil, é difícil, é difícil a pessoa que sai e que não faça, só se não tiver mesmo condições de coisa pra fazer, mais é muito difícil mas como eles ficam satisfeitos de fazerem a festa! É uma das festas que ainda traz muita influência para Alcântara.

E - *Antigamente tinham outras festas, outros santos?*

RL - Bom, pois é eu conheci fazendo a festa de São Mathias que é o padroeiro da cidade, esse São Mathias, São Benedito, Nossa Senhora da Guia e Nossa Senhora do Livramento. Hoje só fazem de São Benedito e Divino Espírito Santo, que nunca se deixa de fazer, e Nossa Senhora do Livramento que fazia uns cinco anos que não faziam, o ano passado fizeram, ela está até aqui a Santa, porque a Igreja do Livramento não tem condições de coisa alguma. Porque trouxeram para cá, então a santa vive aqui em nossa casa, pois justamente está bem aí na sala.

E - *E o São João como era?*

RL - São João no passado era muito influído. Tinha boi, aqui e em baixo e lá em cima chamam de Praia de Caravela.

hoje já não tem. Esses dois anos tem uma brincadeira de Bumba-meu-boi de uma senhora, uma moça que trabalha aqui em Alcântara é professora, então se organiza que vocês devem ter visto a casinha lá na Praça, ainda enfeitada e coisa que ela bota um boizinho, quadrilha, coco pra criança, pra animar o São João. Este ano veio um boi daqui do interior, veio um boi do São Francisco, que brincou aqui, a cidade ficou bastante animada. Tanto animada que não só o coco como a quadrilha com o boizinho daqui, como esses que vieram de fora, foi muita gente, muita gente mesmo.

E - *Quando tinha boi aqui, qual era o sotaque?*

RL - Bom, era pandeiro e maracá. Hoje tem até umas caixas, mas aqui é pandeiro e maracá. Pelo menos esse Ricardo Lopes, esse botou várias vezes brincadeira de boi, várias vezes ele botou, e o boi que ele botava era bem animado, bem mesmo animado.

E - *Os cantadores desses bois ainda vivem?*

RL - Bom, tem o Ricardo baixinho, que chamam Ricardo Baixinho, o nome dele, é Ricardo Lopes, mas se pelo menos disser Ricardo Lopes muita gente não sabe se é ele, Baixinho, Ricardo Baixinho, e coisa pronto, a cidade toda os moradores sabem quem é Ricardo Baixinho. Tinha uns dois que já morreram, também tem Raimundo que chamam Raimundo Gostoso, esse também, tem toada boa até hoje ele ainda é animado, pelo menos é esse boizinho deste ano ele também participa, porque ele é muito animado o nome dele é Ricardo Borges, mais conhecido chamam Raimundo Gostoso pronto.

E - *Conte mais alguma coisa sobre a festa do Divino. Na procissão de antigamente havia muitos lampiões?*

RL - Bom, porque os lampiões é em visita a noite porque de dia não precisa, às vezes são aqueles castiçais aquelas coisas para acompanhar o santo, a Procissão sai a cidade toda então pára para ir para a Igreja.

E - *Agora depois que ligaram a luz elétrica, deixaram de usar os lampiões?*

RL - Ainda usam. Que nas visitas que são à noite aqueles lampiãozinhos com a vela para poder animar, porque a gente olha de longe aquela beleza, aqueles arcozinhos que eles fazem é uma beleza, para iluminar. Às vezes são cem balãozinhos cento e tantos balãozinhos, o pessoal carregando divide lá no meio da população, é uma coisa animada. O Mordomo, o Imperador, a Imperatriz vão aí tem um arcozinho que vai bem embaixo, a Mordoma do lado o Mestre-Sala do outro, então vai para casa do Imperador ou Imperatriz, porque todos esses Mordomos visita a Imperatriz e o Imperador. E o Imperador e a Imperatriz quando sai visita todos os Mordomos. Ela às vezes sempre sai porque a festa, a visita do Imperador, antigamente era sexta-feira e quinta-feira não havia visita porque quinta-feira era para o Imperador com o Mordomo dormir pra Sexta-feira então sair a visita do Imperador ou Imperatriz, que sabe sai às dez horas e entra em casa cinco horas da manhã, porque tem que visitar todos os Mordomos. Hoje é que conforme o Imperador ou Imperatriz se transfere para sábado as visitas.

E - *Nessas visitas, por exemplo, no caso da Imperatriz visitar os Mordomos, o que é servido?*

RL - É servido doce, chocolate, cerveja, refrigerante, vinho...

E - *Isso sempre foi assim?*

RL - Sempre, sempre, sempre. Tem o chocolate porque bota a mesa, doces, aqueles doces de espécies, então faz os pratinhos e bota na mesa agora bota xícara de chocolate, aí vai o pessoal, primeira mesa é do Império mais o Mordomo depois então é pra servir o pessoal de modo geral.

E - *Esses doces de espécies são feitos há muito tempo?*

RL - Ele é feito na época. Eu falo assim, é de muito tempo desde o começo, desde que começou a festa esse doce de espécie.

E - *Ele é um doce tradicional?*

RL - Perfeitamente, faz um coração bonito uma coisa que anima o pessoal.

E - Ele é feito com quê?

RL - De coco com doce e agora a farinha de trigo eles espalham aí enrola fica fininho agora para cobrir o desenho e agora vão enchendo de doce, com ovo, com tudo, agora vai pro forno pra assar, mas fica uma delícia, gostoso, mesmo muita gente gosta, muita gente gosta de doce.

E - E licor?

RL - Licor também. De jenipapo, de goiaba, de cajazinho, tudo isso. Agora o melhor é licor de jenipapo; eles dizem, que o melhor licor é de jenipapo, principalmente quando eles fazem com antecedência quanto mais tempo ele passar mais gostoso fica. Licor de jenipapo, tem de goiaba tem de murici.

E - E as jóias?

RL - Bom, as jóias, o pessoal dão porque sai de porta em porta tirando jóia, então, e muita gente dá. Porque se eu sou Mordomo então eu tenho umas pessoas amigas quando eu vou e se eu pedir eles sempre dão boas jóias. Tem Mordomo que ganha até boi, ganha até boi pra matar que é pra distribuir as jóias aos pobres, porque voltando ao assunto da festa, sábado da festa todos os Mordomos com o Imperador sai distribuindo nas portas dos velhos, carne, farinha, arroz, doce, sai entregando nas portas todos os Mordomos. Os Mardomos são 12 jóias, a Mordoma Régia 18 e a Imperatriz ou Imperador 24. Mas, hoje que aquele Mordomo que pode dá 30 jóias dá 30 jóias. Se a Imperatriz pode dá 60 como este ano 50 deu jóias a nós e a Mordoma Régia a mesma coisa. Depende das condições e coisa então não vamos, porque antigamente era isso 12 era o Mordomo, 18 era Mordoma Régia e 24 a Imperatriz. Mas hoje, não. O que eles poderem fazer em benefício dos velhos eles fazem. Tem uns que dão até dinheiro, fazem promessa e sai junto com o batuque de porta em porta dá sempre uma jóiazinha. Às vezes 5.000 mil, dez mil conforme a promessa, que fez ao santo.

E - Essas jóias são para as pessoas idosas?

RL - Sim, pessoas idosas.

E - *Esse recolhimento de jóias vai até o interior?*

RL - Até no interior. Porque tem muitas criaturas que vem do interior pra cá. Então ela chega aqui, no que tem que ser distribuído então recebe a joiazinha dela, às vezes dois quilos de carne, uma quartinha de farinha, um quilozinho de arroz, tempero seco, uma xícara de doce, chega aqui que é um velho, então se entrega a carne a farinha o arroz, o doce e se tem alguém que fez promessa em dinheiro, entrega o dinheiro, também. De maneira que é muito bom, muito animada, sempre muito boa a festa. Tem pessoas que ganha muitas jóias, muitas jóias.

E - *É uma festa que mobiliza a cidade inteira?*

RL - Perfeitamente. E como vem tanta gente de São Luís, como já disse, Pinheiro, Bequimão, São Bento, vem muita gente pra assistir à festa, porque gostam da festa.

E - *O senhor na juventude pertenceu a algum grupo?*

RL - A algum o quê?

E - *Algum grupo, associação?*

RL - Não, não, não.

E - *Quando o senhor chegou a sair nessa Chegança o senhor tinha mais ou menos que idade?*

RL - Nos meus 17 anos, 17 anos.

E - *As pessoas comentam bastante sobre as histórias, as lendas de Alcântara, o senhor se lembra de alguma?*

RL - Não porque eu fui uma criatura que nunca fui dedicado nessas coisas, nunca dei valor, entende. Sempre procurei considerar, respeitar, mas nunca fiquei gravando assim, porque tem pessoas até que anotavam coisas pro saber, pra nós mas eu não eu nunca dei, tinha umas pessoas aqui que fazia anotava seu Antônio Aymoré Ramos, já morreu, Francisco Beleza, Liliam Gusmão Ramos, esse pessoal todo anotaram essas coisas que quando chegava os reporterzinhos pra entrevistar ia lá e eles discriminava direitinho.

E - *E a Ilha do Livramento?*

RL - Bom, a Ilha do Livramento é muito boa, tem uma igreja lá que é da Nossa Senhora do Livramento. Essa Igreja caiu. Nossa Senhora do Livramento é o seguinte; sempre tem os dias marcados em dezembro, são sexta-feira, sábado e domingo, são sempre três dias, sexta-feira eu ia buscar a Santa lá no Livramento, nos igaritezinhos enfeitadinhos trazia para cá. Subia, passava sexta-feira, sábado a noite na Igreja, domingo missa de manhã e de tarde saía a procissão dela correndo a cidade. Quando é segunda-feira, a noite de domingo, tinha o largo aquela festa ali uma porção de gente, a música tocando, tem o coreto que eles fazem, então a música fica ali tocando até umas 11 horas 12 horas conforme a animação. Aí pronto e na segunda-feira que ela ia pro Livramento, ela descia em procissão chegava na praia embarcava e agora aquela porção de canoinhas pra ir deixar na Ilha do Livramento. Já ia no barco motorizado, aquela porção de gente que ia deixar ela lá na Ilha, agora vinha o pessoal e ela ficava lá. Aí depois a Igreja foi desmoronada, ainda roubaram dois santos de lá, então trouxeram a santa, porque se ela ainda tivesse lá já tinha roubado também. Trouxeram aqui passou cinco anos como já disse, sem ter a festa dela. O ano passado eles fizeram uma festazinha dela.

E - *Quem fazia a festa era a Igreja ou eram...*

RL - Não sempre aqui, antigamente, era um senhor de nome Juca Carvalho. Depois ele morreu e era uma pessoa ou outra que fazia e agora tem uma senhora ali, Irani, tem Rosalva, umas duas pessoas que tomam conta e que se reúnem pra fazer a festa da santa. Esses anos, pelo menos ano passado foram que fizeram, organizaram tudo, tirando umas jóiazinhas aqui nas casas das famílias, no comércio então pra poder fazer as despesas né?

E - *Então, no começo era Festa de Largo?*

RL - Sempre foi, sempre foi.

E - *E assim nessa festa que tinha de apresentação?*

RL - Bom, não era só um leilão, aos domingos de tarde o leilão. Até boi tinha. Ganhava boi e quando chegava no leilão ia ser publicado criações, muita coisa. E a festa, como já disse, às vezes levava até 12 horas da noite o pessoal ali, música tocando, eles brincando e coisa ali o enfeitado o largo, bem enfeitadinho, sempre foi assim.

E - *Antigamente tinha uma banda aqui não é?*

RL - Pois é, uma banda de música que tocava.

E - *Porque que deixou de existir?*

RL - Porque foram morrendo. Os titulares foram morrendo. Tinha uma família aqui de Borges, que esse Raimundo Gostoso é um ainda, dessa família tradicional esse Raimundo, que tinha uma banda daqui mesmo. Hoje tem um rapaz que toca aí né, Josias Ribeiro Tavares chamam Zozá e organizaram um conjunto aqui, então tocam, mas não é suficiente sempre vem de São Luís, então porque satisfazer né?

E - *E o Natal como era comemorado aqui, o Ano Novo?*

RL - Bom, o Natal é, não tinha quase influência na época, Natal.

E - *Aqui nunca teve reisado, pastor?*

RL - Pastor tinha, pastor tinha. Ainda tem uma senhora que bota o pastor hoje, o nome dela é Maria do Rosário, ela mora bem aí na subida numa casinha, num sobradinho que tem ela, mora esse pessoal subia a rua das Mercês. Todo ano ela bota, ainda este ano passado ela botou pastorzinho bem bonitinho, bem feitinho, bem organizado, pra não ficar sem o Natal sem uma influência.

E - *Faz na Igreja ou faz nas casas?*

RL - Não, ela faz lá na praça apegado do Museu. Tem a casa do Museu, tem a casa de canto então lá que é a representação. Mas é muito bonitinho aquelas criaturas, tem cantoras tem tudo que faz as representação muito boa, muito boa mesmo, muito boa.

E - *E ela faz presépio também?*

RL - Presépio, perfeitamente.

E - *Antigamente faziam muito presépio?*

RL - Faziam presépio antigamente, muito nessa época de Natal tinha pra todo lado presépio. Hoje não, ninguém faz mais, é só ela que faz, porque faz o Natal das crianças, então o presépio devido o pastor também. E, como era bonito antigamente. Presépio, noite de queimação, era aquela influência aquela coisa, deixaram mesmo porque você sabe, aquele pessoal mais velho foram morrendo e os mais novos hoje não querem saber mais disso, os mais novos não querem saber, ainda tem aqui porque essa senhora Maria do Rosário, que não é nova, nova ela não é nova, ainda vem conservando o que ela conseguiu no tempo da meninice dela, então ela vem conservando, ela faz todos os anos. Naquele tempo, eu com 17 anos, pra eu brincar nas temporadas carnavalescas meu pai dizia assim, olha seu Ricardo você tem duas noites pra brincar. Agora das quatro noites você escolhe, qual você quer brincar. Bom, olhe, com 17 anos meu pai viu que tinha duas noites que brincar era duas noites mesmo, às vezes brincava sábado e terça-feira, às vezes domingo e terça-feira, eu nunca fui, mesmo porque, a minha criação foi diferente, minha criação era ali né? pra mim sair, eu saía, vinha na quitanda, em qualquer canto, passo por passo me chamava pra almoçar, porque minha mãe me dizia, tu vai com tantos minutos tu chega aqui, uma vez que eu vim, pronto, nunca fui acostumado a ser vaidoso, nunca. Eu ia na praia quando vinha mandado e quando não vinha ficava em casa mesmo sentado brincando e coisa tal. Ia pro colégio, eu aprendi em colégio particular, aprendi até o terceiro ano em colégio particular. Mas, graças a Deus naquele tempo a gente aprendia. Aprendia e se não soubesse a lição ficava preso vinha com a professora pra casa, ia pra casa depois que aprendesse a lição, pra acabar ir embora. Hoje, não, hoje aprende quem quer, porque não tem mais aquela coisa, aquela disciplina, que tinha antigamente, hoje não, aprende quem quer, quem tem boa vontade.

- E - O senhor viveu sua vida toda aqui em Alcântara. Então o que o senhor sente com as mudanças que Alcântara vem sofrendo?*
- RL** - Bom, eu não sinto nada. Porque algumas coisas que às vezes tem, mas eu sempre procurei me conduzir bem e não vou me sentar aqui pra poder observar. E graças a Deus, me saio muito bem, alguma mudança assim, mas eu fico na minha, né, como diz, né, eu fico na minha apreciando e coisa, graças a Deus.
- E - O senhor é bastante religioso?*
- RL** - Sou.
- E - Antigamente não se compravam muitos brinquedos e aqui quais os brinquedos. Quem que fazia os brinquedos?*
- RL** - Bom, aqui era muito difícil, difícil. Era época de papagaio sempre tinha esses brinquedos pra as pessoas se entreter. Época de papagaio que é assim sempre assim no fim do inverno pro verão, tinha essa influência de papagaio.
- E - Esses brinquedos de buriti, carro, essas coisas, alguém fazia?*
- RL** - Fazia. Aqueles carrozinhos pra crianças tá puxando. Hoje não porque quem pode comprar já tem tudo compra bom mas tem quem faça porque não tem condições de comprar então faz pra criança, mas a criança não sabe, acha que não tá certo e coisa e o pai tem que fazer um sacrifíciozinho, e comprar um brinquedozinho. Ainda hoje eu vi um brinquedo duma criança que a mãe comprou, um carrinho com homem em cima, então bota pilha ó carrinho então se põe a dançar a casa todinha com aquela musicazinha, tem outros revolver de coisas que criança usa muito, aquelas coizinha, pra se divertir e coisa, e na época passada não tinha essas coisas. Tem muitas coisas hoje que eles prefere essas coisas que sonha, que mesmo pai e mãe fazem qualquer uma coisa eles não querem, não aceita acham que o certo é o que eles dizem.
- E - O senhor falou que é o primeiro, o outro é irmão ou irmã?*
- RL** - Minha mãe teve quatro filhos. Morreram três, ficou eu. Agora tive mais quatro irmãos, particular, quer dizer par-

ricular assim, filho do meu pai com a mulher legítima. Já morreram os dois. Tem duas. Morreram os dois rapazes, ficaram as duas moças, senhoras né? que uma mora bem aqui na subida numa casa grande bem ali em cima, ela mora lá Iolete o nome dela e a outra mora em São Luís é viúva Diná tem umas filhas tem uns filhos, mas vive em São Luís trabalhando, e ela aqui já é aposentada então fica aqui. Tem uma casa muito boa aí na subida, numa casa bem apegado de um comércio que tem de canto.

E - O senhor casou. Com quantos anos?

RL - Eu me casei a primeira vez com 19 anos, passei dois anos três meses e dezessete dias. A mulher morreu. Fiquei com um filho, que é hoje João Raimundo Leitão que é o Prefeito atual do Município. Me casei, a segunda vez, já com trinta e um anos. Tive três filhos: um é médico, um é engenheiro, o outro então tem uma casa muito boa, mora em Brasília, vive muito bem.

E - Este é o seu segundo casamento. O senhor está casado com D. Maroca há quanto tempo ?

RL - Bom, a mulher morreu. Já faz muito tempo a mulher faz oito anos ou nove anos que morreu. Hoje eu moro com essa senhora que está bem aí na porta, Maria da Conceição Leitão Amorim, todo mundo conhece Maroca, fazem 47 anos que eu moro com ela, uma criatura muito boa, uma criatura que graças a Deus tem correspondido a expectativa, até hoje.

E - Seus filhos estudaram aqui mesmo?

RL - Estudaram aqui e outros em São Luís, porque aqui antigamente só fazia o primário. Hoje tem segundo grau, primário e pronto. Mas, então, foram pra São Luís fizeram o primário, aqui então São Luís.

E - Em escola pública?

RL - É.

E - Qual o nome das escolas?

RL - Bom, tem. Eu nem sei. Tem uma na Rua Grande e tem uma lá na Rua Direita. Escola muito boa. O segundo

grau é na Rua Grande, hoje tá muito adiantado, muito adiantado mesmo, caixa instrumento grande, ele tocava.

E - *Ele, seu pai, foi membro da banda?*

RL - Era.

E - *Mudando de assunto: qual o período da festa do Divino?*

RL - Bom não tem dia, porque a festa começa sempre no mês de maio, então varia.

E - *Ela varia de acordo com quê?*

RL - Porque às vezes é no dia de maio é a festa toda. Às vezes começa em maio e termina em junho, como este ano, começou em maio, terminou em junho.

E - *Agora baseada em que...*

RL - Bom, porque é sempre se baseia nas temporadas carnavalesca. Depois que passa o Carnaval, se o Carnaval foi cedo a festa do Espírito Santo é cedo. Mas se o Carnaval foi tarde como às vezes vai o fim até março, então a festa é o fim da festa em junho.

E - *Quer dizer então é de acordo com os quarenta dias depois do Carnaval?*

RL - Perfeitamente, perfeitamente é.

E - *E aí ela se processa, por exemplo, domingo de Páscoa...*

RL - Porque a gente olha na folhinha e vê, a folhinha diz tudo né? a época de Carnaval, o dia de Carnaval, depois os quarenta dias a gente vê logo quando vai sair, cair a aleluia, da Aleluia então é 40 dias para quinta-feira da Ascensão, daí então de quinta-feira da Ascensão é que segue até o domingo da festa.

E - *Isso daí é o período da realização da festa, mas a organização da festa começa bem antes?*

RL - Antes, porque bem como este ano já saíram todos os Mordomos. Eles tão se preparando, se ajeitando, tudo pra na época saírem preparados.

E - *Quer dizer, desde o dia em que a anunciaram os nomes deles?*

RL - Perfeitamente, já as pessoas que foram indicadas, já se põe a se manifestar pra que não falhem no dia marcado.

- E** - *Nós soubemos que no dia 14 de agosto que o Imperador vai receber...*
- RL** - Receber a coroa, perfeitamente.
- E** - *A data da entrega da coroa, também, varia?*
- RL** - Tem, vai receber então assina lá um recibo, recebendo a coroa lá, e quando for entregar, então dá baixa.
- E** - *Essa coroação é feita com cerimônia?*
- RL** - É, é, porque vai o batuque receber, vai o músico, vai a dona da festa, vai o mestre sala, os mestres-sala, então quando não pode ir os dois, mas vai um, receber com a pessoa que vai fazer a festa, então ela vai receber a coroa, são duas coroas, uma grande e uma menor e recebe o cetro, o cetro é que ou o Imperador ou a Imperatriz tem na mão.
- E** - *Agora essas coroas, esse cetro...*
- RL** - Fica na responsabilidade do Imperador ou da Imperatriz.
- E** - *E elas são muito antigas?*
- RL** - Sim, de muito tempo, de muito tempo.
- E** - *Elas são feitas de prata?*
- RL** - Prata, isso é verdade de muitos anos, então a cor é branca e azul e é vermelha.
- E** - *A cor?*
- RL** - A veste.
- E** - *Da festa.*
- RL** - A veste da coroa. E mesmo a do dia da festa é branca, azul ou creme e vermelho. Domingo da festa é vermelha. Da quinta-feira da Ascensão é todo de branco e Mordomo, e Caixeira e Mestre-Sala tudo de branco.
- E** - *Por que de branco?*
- RL** - Porque é tradicional. Já veio de muitos anos a gente conserva esta tradição, já domingo do meio, bom aí o Mestre-Sala vai com a cor que quiser, já as caixeiras às vezes é azul e domingo do Espírito Santo é vermelha. Só não é vermelho é Mestre-Sala, como é Mestre-Sala, os Mordomos, não é vermelho. As Caixeiras são todos de branco, ele e caixeiras são de vermelho as vestes.
- E** - *O vermelho tem alguma simbologia?*



Ricardo Leitão e as cerimônias festivas do Divino

- RL** - Não, porque sempre foi assim, sempre foi assim. É uma das coisas que eles vem conservando. Domingo da festa sempre é de vermelho, quinta-feira da Ascensão é de branco e domingo do meio, que é a segunda missa, então é azul.
- E** - *Agora, voltando às coroas e ao cetro, eles foram feitos aqui em Alcântara, ou vieram de outro lugar?*
- RL** - Vieram, porque eu ouvi dizer que vieram de Portugal, vieram de Portugal, mas se a senhora for ver a coroa parece que foi feita agora, limpinha, porque eles conservam mesmo, tá lá onde o Padre agora.
- E** - *Então quer dizer que essas coroas e o cetro são desde o começo da festa?*
- RL** - Do começo da festa perfeitamente.
- E** - *Elas vieram de Portugal, então...*
- RL** - Desde o começo da festa, eles vem conservando. Você olha a coroa pensa que foi feita agora. Porque eles tem quem prepare, limpe, coisa de maneiras que sempre bonita, sempre bonita.
- E** - *Quer dizer que este ano recebe o Imperador?*
- RL** - Recebe o Imperador.
- E** - *No outro ano a Imperatriz que recebe?*
- RL** - A Imperatriz que recebe.
- E** - *Mordomo não recebe nada?*
- RL** - Não, porque o Mordomo tem seu Divino Espírito Santo, que às vezes tem, às vezes pede emprestado pra quem tem, porque aqui eu tenho Divino Espírito também. Depois eu vou mostrar a vocês Divino Espírito Santo. Tem não sei quantos anos esse Divino Espírito Santo, tem muitos anos.
- E** - *Além da cerimônia, tem alguma festividade quando ele recebe essa coroa?*
- RL** - É só receber e levar pra casa, e lá tem uma cerimoniazinha um cafezinho ou então, um chocolate, que tem pessoa que faz logo um chocolate, um docezinho que é pra alegrar.
- E** - *Alegrear, alegrar o clima?*

RL - Perfeitamente, é sempre dia 15 de agosto, dia da Ascensão de Nossa Senhora.

E - *E o dia é fixo?*

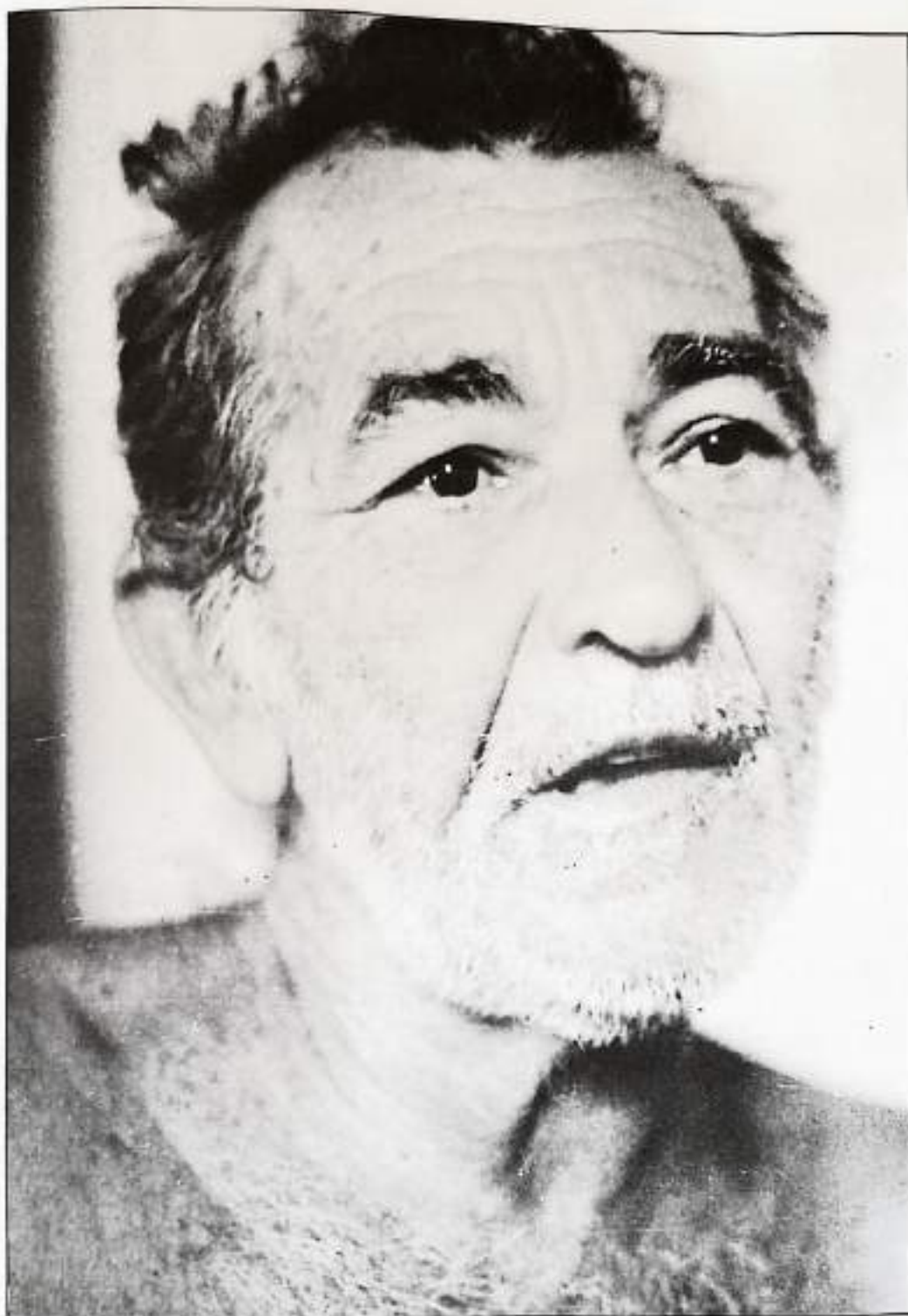
RL - Sim, 15 de agosto. Só que algumas pessoas, ultimamente, não vem obedecendo.

E - *Então seu Ricardo eu acho que já soubemos um bocado da história de Alcântara. Uma pergunta, senhor: por que eles vestem a imagem do Divino Espírito Santo, assim igual, da mesma cor do resto do cortejo?*

RL - Bom, porque é tradicional né, porque desde o começo que iniciou a festa aqui que vem conservando essa veste, sendo que sempre o último dia é vermelho.

E - *Nos outros dias o Mordomo sai com ela também vestido na cor do dia ?*

RL - Perfeitamente, é certo.



Diógenes Alberto Lemos Ribeiro
Foto Jorrimar Sousa / Arq. CCPDVF

**DIÓGENES ALBERTO
LEMONS RIBEIRO
- 1929**

Santeiro e decorador do Altar das Festas do Divino.
Fala sobre: confecção de santos de madeira, tipos
de madeira, costumes morais, fábrica de fumo, etc.

E - Seu nome completo.

D - Meu nome é Diógenes Alberto Lemos Ribeiro. Muito nome, papai cortou um pedaço, então ficou só Diógenes Lemos Ribeiro.

E - Local de nascimento e data?

D - Nasci no dia 24 de maio de 1929, lá no Palácio Preto.

E - Onde é o Palácio Preto?

D - O Palácio Preto fica ali atrás da casa... ali no Seridó, na Rua da Amargura, aquele sobrado grande. Lá era nosso.

E - Por que Palácio Preto?

D - Aquilo foi um apelido que botaram no sobrado. Meu avô era escrivão. Então gostava de tudo branquinho, tudo alvinho. Ele ia pro cartório de chapéu de palhinha branco e paletó e camisa branca, e sapato branco, a calça.. Meu avô era Mundico. Raimundo Faustino Freire de Lemos, era escrivão daqui de Alcântara. Então ele gostava de tudo branco. Ele pintava o sobrado branco, e com o decorrer do tempo, devido ao ar salgado aquilo ia comendo a tinta, o ar salgado, então ia ficando aquelas manchas pretas. Minha mãe, nessa época tava nova, tinha minha tia,

diversas mocinhas em casa. Então os serenatistas, os boêmios de Alcântara quando queriam ir cantar diziam:

" - Onde é que vamos?"

" - Rapaz, vamos lá no Palácio Preto"

Porque tava todo manchado de preto, a tinta, o ar comia aquela tinta, então por aí pegou esse apelido: Palácio Preto. E quem botou foi aquele moço que mora bem ali no canto, seu Joaquim, que botou esse apelido no sobrado, Joaquim. Vocês com certeza já entrevistaram ele, Joaquim Cotia, Joaquim Mendes. É um dos homens mais velhos de Alcântara.

E - *O que é responsável pela festa do Divino?*

D - Não, ele já foi, pouco anda. Não tem assim mais... Ele já foi muito solicitado aqui em Alcântara. Ele tinha poder aquisitivo, tinha dinheiro. E você sabe que o dinheiro influi em tudo, né?

E - *Seu Diógenes, seu endereço atual?*

D - Eu moro aqui na Rua Silva Maia, 174.

E - *O nome de seus pais?*

D - O nome do meu pai era Galdino Gracindo Furtado Ribeiro, e o nome de minha mãe era Raimunda Rosa Freire de Lemos. Casada com meu pai, ela perdeu o Freire, então ficou Raimunda Rosa Lemos Ribeiro.

E - *Qual a profissão do seu pai?*

D - Meu pai? Meu pai era um cara craque. Meu pai fazia tudo. Meu pai que era artista, não era eu, não. Não sou artista, não. Meu pai... vou te dizer o que ele fazia: ele fazia santo, ele fazia comédia, ele fazia brinquedo de boi, de Carnaval. Você conhece brincadeira de Carnaval? Você já ouviu falar em brincadeira de Carnaval? É uma representação. É um grupo de mulheres e um grupo de homens, então fazia uma espécie de uma comédia, representada em cada casa que é chamada. Chama-se aquele grupo de pessoas então vai aquele grupo e lá se representa essas comédias. Vamos dizer: o sujeito que casou com duas... que ele arrumou uma namorada, e depois casou com outra, então faz uma coisa qualquer, viu? Meu pai era um craque pra fazer

essas coisas. Fez diversas brincadeiras... Meu pai é que era um artista, viu? Eu trabalho porque sou obrigado. Eu nem gosto de trabalhar... Depois que meu pai morreu, eu acho que 40% de Alcântara morreu. Olha, nós tínhamos palco, comédia. Se fazia comédia aqui, levamos muitos dramas aqui. Tudo ensaiado pelo meu pai. Tempo de São João, meu pai fazia boi, fazia carneirinho pra mulher. Já por último ele já não podia andar, rapaz, tava doente. Mas meu pai tinha o espírito de gente nova, ele alugava uma carroça pra ele sair. Depois, ele comprou uma caleça, ele já andava na caleça.

E - *O que é caleça?*

D - Caleça é um tipo de carroça sofisticada, com cavalo... uma charrete. Pode também ser chamada charrete.

E - *Essas brincadeiras de Carnaval... O senhor lembra de alguma?*

D - Olha, eu me lembro de muitas brincadeiras de Carnaval. Meu pai botou muitas brincadeiras de Carnaval, muita brincadeira de boi, muitas brincadeiras de coco que hoje eles chamam... é coco, né? Naquele tempo papai chamava era brincadeira de carneirinho, então a brincadeira de carneirinho que ele fazia, inclusive quem fazia os carneiros, era eu, aquele carneiro grande todo coberto de... algodão, ficava lindo...

E - *A estrutura dele era de buriti?*

D - Não. Eu fazia ele de buriti, fazia a cabeça de madeira e agora cobria ele todo de algodão. Era um carneiro mesmo. Então, aquilo a gente fazia. Olha, eu me lembro de uma cantiga que meu pai tirou prum boi que ele fez. Foi numa época que houve aqui um Prefeito, nomeado pelo Prefeito de São Luis pra cá, o Brenha. Então o Brenha chegou aqui, fez alguma coisa, mandou pintar as casinhas lá da Beira-Mar, não é onde se salta, não. Aquelas casinhas, que vem do mercado, o outro mercado que tem aqui em cima, da Rua das Mercês. Não tem aquele lugar, assim que se olha o Livramento? Aquelas casinhas dali ele mandou pintar tudo, mandou ajeitar Mirititua, fez tanque, fez

banheiro, fez muita coisa. Então, teve alguém que foi pra lá e fez porcarias dentro dos banheiros, tudo. Meu pai tirou uma cantiga assim:

Mirititiua que o Prefeito reformou
Com uma verba do governo federal
Fez banheiro,
Fez tanque pra lavadeira,
Até botou dois espelhos de cristal
E o povo sem-vergonha
Que só gosta de lameiro
Quebrando os espelho todo
E fizeram sentina do banheiro

Isso aí foi uma música que ele tirou pro Boi. O boizinho que ele botou. E outras músicas. Meu pai tinha muita coisa, meu pai tinha poesias, meu pai pra cada um de nós ele tirou um soneto. Era um artista. Eu não. Eu sou um cara bruto. Eu não fui lapidado, não.

E - *Como era o nome do boizinho*

D - Do boi? Era... Não sei, parece que era Simpatia, o nome do boi. Eu já pensei em fazer porque ele tinha um boi aqui, chamado Guerreiro, e muita gente conheceu, Guerreiro era um boi bonito que eu que fiz ele vender esse boi, porque, o meu filho, quando o meu filho... ele era tão acostumado com meu filho que ele ficava arrodando a minha casa o dia todinho, o boi, meu filho falava dentro de casa e ele ficava doidão, arrodando a minha casa, na hora que meu filho saía ele vinha em cima de meu filho, meu filho garrava na barbela dele e, ele saía levantando meu filho, meu filho um garoto pequeno e eu fiquei com medo, e um dia eu pedi pra ele: - Ô pai, venda esse boi." Ele vendeu o boi. Eu tenho arrependimento disso. Mas o que podia acontecer ali era ele acabar com meu filho, matar meu filho, porque o que um boi pode fazer? Qual é o carinho de um boi com uma criatura? É uma chifrada, não é? Então eu pedi pra ele vender o boi. Eu já pensei em fazer assim essa história desse boi, já pensei. Como também já

pensei em fazer a Festa do Divino, em quadrinhos. Assim, cantado em verso. Nunca ninguém fez isso, porque o turismo, o turismo caiu, morreu. Eu nunca fiquei com nada, o máximo que eu fizesse, nunca fiquei com nada. Sempre faltava alguma coisa pra alguém comprar. Ai o turismo caiu. Não sei se foi o poder aquisitivo, com a chegada desse moço aí no governo, o Collor. Ele tá fazendo isso pro bem da humanidade, não sei. Eu sei que ficou tudo difícil. Então eu pensei fazer a história da Festa do Divino, em quadrinhos. Pra vender pro turista. E mesmo, quem sabe? Fazer aquilo como se fosse cantiga de boi. E fazer um boi e cantar a Festa do Divino... Eu pensei isso, só que nunca botei em prática, essa idéia minha. Eu já pensei isso, não sei se vai dar certo. Já pensou? Eu fazer um boi, faço um boi. E faço como aqueles livros de história. Eu me lembro de um livro de história, que eu era criança e meu pai comprou pra mim esse livro de história "O Grande Boi Mandingueiro". Você já ouviu falar nessa história?

E - Já.

D - "No Rio Grande do Norte
 Existia um fazendeiro
 Senhor de muito respeito
 Pela fama do dinheiro
 Criava em sua fazenda
 Para qualquer encomenda
 Um grande boi mandingueiro
 Este boi quando corria
 Segundo diz o boato
 Tinha equilíbrio no corpo
 E a ligeireza do gato
 Por meio de forte mandinga
 Corria mais na caatinga
 Do que veado no mato.
 Na carreira arrancava

Mororó sabiá
Carregava tudo no olho
Quebrava pau, com as pontas dos pés
Despedaçava.

Então eu pensei fazer isso. Será que isso dava certo? Porque pra dar certo, tem que ganhar dinheiro, filha. Nada que se faz por amizade acredite nisso, presta. Até presente, que você dá por amizade, não é bom. Porque quando a gente dá um presente, a gente tá sempre esperando outro. Você dá um presente, na esperança de ganhar um também. Isso é todo mundo. Então é isso aí.

E - Voltando ao assunto de seus pais: que santo seu pai fazia?

D - Meu pai? Ave-Maria! Meu Deus fazia todo tipo de santo!

E - Qual era o material?

D - Meu pai gostava de trabalhar com murudungo. É uma madeira mole. Mas aquilo ele fazia porque... Não tinha turismo nessa época aqui. Mas ele trabalhava com cedro... porque a madeira ideal pra trabalhar é cedro, essa é a madeira ideal. O cedro dura muito tempo. Você me acredita, que essas peças que tem na Igreja, ali tem peças de cedro que já fez canzola dentro, aquelas canzola dentro da peça só de velho, e não escangalha, todo tempo bom. Não dá cupim. Meu pai fazia todo tipo de santo, agora, fazia mais com murudungo porque tinha aqui um senhor chamado João, João Menor, então ele fazia sempre São Benedito. Eu me lembro, essa é uma história, eu me lembro que ele já tinha feito tanto São Benedito pra seu João, um dia aqui ele, agoniado, eu acho que com falta de dinheiro, tudo, ele disse:

- "Meu filho vai levar esse São Benedito depressa pra..."

Também, ele fazia depressa, papai, porque o murudungo é mole, é diferente do cedro. Então ele fazia rápido aquilo, pintava com tinta de cola. E eu levava

- "Seu João, olha aqui que papai mandou..."

- "Ó meu filho!"

Quando desembrulhava era São Benedito.

- "Ô meu filho, eu já pedi pro Galdino, não me fazer mais São Benedito, eu já tenho cinco São Benedito, seis com esse."

Mas ele comprava o santo.

- "Eu quero pra ele fazer é um Santo Onofre."

Eu me lembrei que vovó tinha um Santo Onofre, foi o primeiro santo que eu fiz. Aí eu disse:

- "Papai, ele disse que não quer São Benedito, pai. Não faça mais, ele já tem seis São Benedito com esse que papai mandou."

Aí ele disse:

- "E o que que ele quer agora? Quer Santo Onofre?"

- "É".

- "Não, eu não vou fazer, Santo Onofre é muito difícil. Ah, eu não! Ele tem que comprar é São Benedito mesmo."

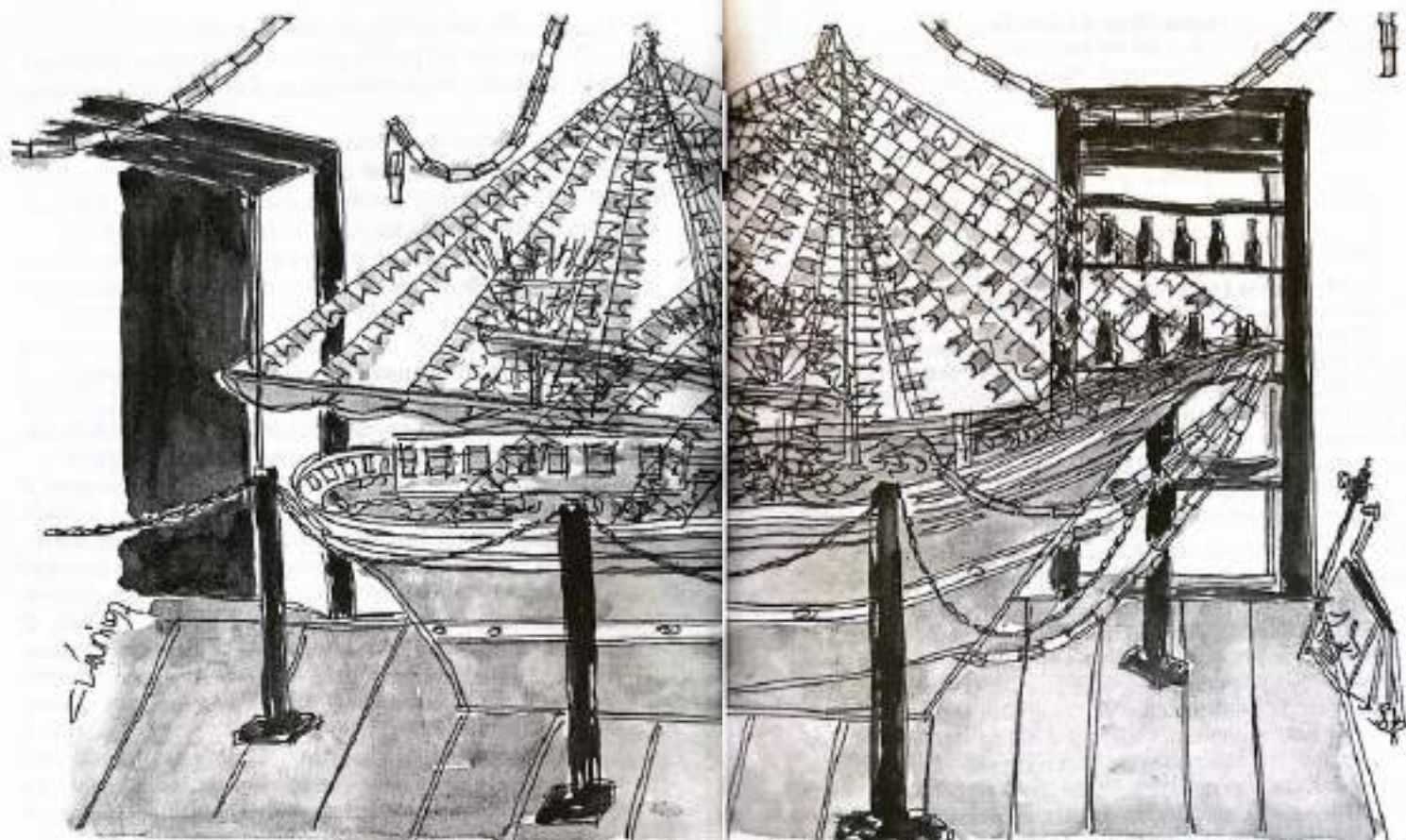
São Benedito era o Santo mais fácil, né? Aí eu pego o Santo Onofre de minha vô. E vou lá pra debaixo daquela mangueira, com uma faquinha, peguei um toco de murundungo e comecei. Aquilo embaralhou, porque a princípio aquilo embaralha mesmo, aí você... Aí vovó me chamou pra almoçar e eu vim almoçar, deixei lá escondido. O santo dela com o que eu tava fazendo. Peguei um compasso do velho, levei o compasso, fui tirando a medida, marcava. O certo é que eu fiz o Santo Onofre e ele tava trabalhando bem aqui. Bem aqui tinha outro rapaz trabalhando numa fábrica de charutos, e tinha outro trabalhando bem ali. Tinham três, quatro com ele, onde tinha um sujeito chamado Marechal. Aí, eu venho com o santo, contente, rapaz.

- "Pai, olha aqui."

Eu com o santo de vovó metido aqui e o santo que eu fiz, aqui.

- "Pai, pinte esse Santo Onofre pra vender pra seu João."

Ele olhou o santo disse:



MESA DE DOCES E LEMBRANÇAS EM FORMA DE BARCO-UM
DOS MOTIVOS MUITAS VEZES RODUZIDO NA FESTA DO DI-
VINO POR DIÓGENES RIBEIRO.

Diógenes Ribeiro e a decoração da Festa do Divino

- "Moleque, tu escangalhou o santo de minha mãe?"
Largou a mão, vap, e eu saí na carreira aqui, eu pulei lá, isso aqui era alto, como quê, eu pulei lá em baixo, era um batente. Pulei, e ele saiu atrás de mim pra me dá. E na hora que eu pulei, Marechal que tava bem aqui na porta, viu que o santo sacou e ficou quase lá na outra cadeira, e foi lá e pegou o santo e gritava pra ele - "Ê nhô Galdino, não dê no menino, o santo taqui".

E papai atrás, furadão atrás de mim, pra me dá, eu na frente, ele atrás, até que meus anjinhos, foi lá porque ele chamava pras pessoas, ele não chamava o nome, ele chamava meus anjinhos.

- "Meus anjinhos, taqui o santo siô."

Aí foi que ele olhou.

- "Esse pequeno vai ficar bom."

E - *O senhor tinha quantos anos?*

D - Eu podia ter meus doze anos. Tinha doze anos. Com quinze anos eu fui pra São Luís, eu fui estudar em São Luís, eu tive na Escola Técnica, eu tive no Centro Artístico, aprendi desenho no Centro Artístico.

E - *Agora, falando da sua infância...*

D - Minha infância foi muito enrolada, filha. Olha, primeiro, eu vou te dizer: primeiro, meu pai casou com minha mãe, levou minha tia de quebra e aí já começou fazer minha infância sofrer, porque aí tu já viu, era uma briga de duas irmãs por um homem, e esse homem era meu pai, teve que dividir com minha mãe, aí minha mãe não aceitou mais meu pai. Por aí começou a infância, não fui criado com mãe, eu fui criado com vó. Tu já pensou? Criado com vó. Menino tem que trepar... Eu só sei trepar na pitombeira, de sapato, é de sapato velho, meu pé não trepa. Se trepar vou cair. Agora se tu quer ver como eu sou bom deixa eu meter um tênis aqui no pé, que eu subo na carreira nessa pitombeira, porque, menino com avó, não grita, não anda correndo, menino não faz isso, não faz aquilo, menino não anda... você já viu, né? E com papai e mamãe é diferente.

- "Deixa o menino criar à toa aí, brinca um bocadinho." E com vó, não. Mima muito as pessoas. Eu fui muito mima-chambre? Até doze anos, rapaz, era tamanho pai d'égua, ainda tava vestindo chambre, rapaz, rezando debaixo...
- "Reza aqui, meu filho."

Eu pegava e me ajoelhava e ia rezar, tá? Meu filho, por isso é que eu sou covarde, não ando armado. Meu filho nenhum anda armado.

- "Meus filho, quantos são os mandamento da lei de Deus?"

- "São dez, papai".

- "Primeiro? Segundo? Terceiro? Olha meu filho, tudo isso é proibido."

Só teve um que eu não respeitei. É: Não desejar a mulher do próximo. Esse não tem... Esse é que leva o cara pro inferno, rapaz. Pois é, minha infância não foi coisa assim... Eu estudei aqui na Escola Régia, minha professora foi dona Rosita, foi dona Maria Varela. Fui estudar em São Luís, estudei com Dona Ritinha, no Centro Artístico. Ih, rapaz, minha infância não foi assim uma infância cheia de alegria.

E - *Quais as brincadeiras daquela época?*

D - Naquela época? Olha, por incrível que pareça, as brincadeiras eram bonitas. Você sabe que essa luz trouxe muita alegria pra gente, muita alegria mesmo. Pra mim que tô velho, tá assistindo televisão...

Naquela época não tinha luz, era bonito pra droga, a gente via em noite de lua aquele bando de mocinha brincando de roda, de vez em quando eu tava lá no meio delas, elas botavam pra correr, porque, menino não brincava com menina naquela época. Você sabe, que isso vai matar muita gente de tristeza. A mulher que lê... Porque hoje em dia, a mulher é o seguinte: ela acha que tem... ela tem os mesmos direitos do homem, mas só acontece uma coisa; vai morrer muitas mulher de solidão. Tristeza mata

o sujeito. Você já pensou, filho. Você casa com um homem, como eu casei com minha mulher, que desvirginei. Essa mulher eu que fiz mal pra ela. É uma beleza. Isso dá propriedade pro cara, dá força. Mas já pensou o sujeito casar com uma mulher, que já transou com fulano, beltrano, sicrano... como é, como é, o nome dele? Ai um dia, ele vai passando com a mulher e o sujeito diz: "Ô rapaz, esse cara teve sorte, porra, casou com essa gata, essa gata é boa."

Quer dizer, o homem que tem um ressentimento. Homem é bicho danado, filha. Ele não se sujeita. Eu perguntei pra meu filho:

- "Meu filho, porque que tu não procura uma mulher pra ti?"

- "Pai, tá tão escorrido de mulher, as mulher de hoje, a gente nem sabe..."

Eu parei pra analisar. Ele tem razão. Tem. Porque hoje simplesmente a mulher diz pro homem:

- "Olha, cara, eu fico contigo, se tu me respeitar. Se tu for procurar uma mulher na rua, eu também vou procurar um homem na rua."

Não. Naquele tempo era diferente. Eu dou graças a Deus ter nascido naquele tempo, tá? Tempo bom, rapaz. A gente levava a faca na barriga. Eu levei a faca na barriga de seu Zezinho...

- "Tu vai casar com minha filha, seu filho da..."

Digo:

- "Eu caso, siô pode deixar que eu caso."

Tá. Ai o sujeito quando passava no canto, diziam assim:

- "Quem , aquele que... quem é aquela dona, porque a gente quando tá novo fica aquele grupinho de gente né? Tudo ali no canto, aí a donzela né? Naquela pinta, aí o sujeito lá no canto;

- "Quem é o bicho dessa dona aí?"

O sujeito quer saber quem é. Ai naquela época o sujeito dizia assim:

- "Hum... isso é mulher de seu Diógenes"

Sabe o que ele tava dizendo: "Mulher de homem se respeita" era isso que eles tavam dizendo.

- "Essa é mulher de fulano de tal"

Sabe o que eles tavam dizendo: "mulher de homem se respeita". E hoje em dia? E hoje em dia ela vai passando: "Hum... tá bonita" E elas não dizem nadinha, sabe porque? Porque não pode dizer "Olha me respeita". Porque o homem vê logo que às vezes já pensou, filha, eu com uma porção de filhas eu tenho três filhas, bonitas, meninas, minhas filhas, eu não sei se é porque são minhas filhas e coruja não acha seus filhos feio né? Mas, minhas filhas são bonitas. Eu chegar num ambiente e encontrar um sujeito com minha filha, rapaz, eu vou rebentar, eu vou morrer, eu vou lá dentro, eu vou apanhar desse cara. Eu não aceito isso. Eu sei que mudou tudo, pra muitas pessoas mudou, mas pra mim, não. Eu ainda sei respeitar, eu ainda respeito as pessoas. Eu não mando palavrão. As pessoas passam aí:

- "Ei..."

Eu digo pro sujeito, digo:

- "Olha, tu não tá na casa de tua mãe. Tua mãe que tem o direito de ouvir isso por que ela que te criou desse jeito". Eu digo pro cara. Por isso é que eu já tô querendo sair daqui, porque eu sei que vou me dar mal. O mundo deu uma guinada de 90°, ficou todo mundo de cabeça pra baixo. Nós tamo tudo de cabeça pra baixo, hoje qualquer menininha vai comentando e sabe de tudo em quanto. Minha mulher, às vezes nós tamo aqui, a Manchete tem uns filme que passa. Eu gosto de assistir aqueles filme, minha mulher olha:

- "Rapaz, tu tá um velho muito sem-vergonha"

Porque eu tava olhando mulher nua, meu Deus do céu, mas não é, elas tão lá? Tu. É difícil tu ver um homem nu, não é? Então, onde é que tá mais fácil? Tu me perdoa, filha, a coisa tá mais fácil pro lado da mulher. Eu tô com um livro que tá Sônia Lima, aquela artista lá, nuazinha. E eu adoro aquela mulher, acho ela tão bonita... Na capa

de uma revista aí. Tá certo que ela fez aquilo por dinheiro, mas mesmo com pouco dinheiro se você chegasse aqui:

- "Seu Diógenes, vamos tirar umas fotos."

Pelado eu não tirava. Podia me dar o dinheiro que me desse eu não tirava, porque eu tenho vergonha. Minhas filhas nunca me viram pelado. Não, uma filha minha, eu no hospital, ela meteu a sonda em mim porque eu não tava urinando. Sabe quanto tempo eu passei sem olhar pra cara de minha filha? Mais de três meses, só porque ela fez aquilo. E eu fui criado naquele tempo, filha, tu me perdoa se eu tô exagerando, mas é isso aí.

E - *Há quanto tempo o senhor está casado?*

D - Ah, meu Deus do céu. A cara da mulher já tá me purgando rapaz. Quarenta e dois anos de casado, tu já pensou? Agora olha a diferença: um homem com dois anos de casado já tá largando a mulher, outro com cinco anos tão largando, vamos mais longe... outros com quinze anos, vinte anos já tão se tornando chateados. De má vida já tenho quarenta e dois anos de casado com ela e quero bem essa mulher como quê! Não é viver como irmão, não pensa isso, não. Um cientista americano disse que não existe fraqueza no homem, ele tá certo, pode ser que eu fraqueje pra outras pessoas, mas aqui não.

E - *Eu queria que o senhor falasse um pouco da fábrica de charuto.*

D - Não, essas fábricas de charuto. Antigamente aqui se vendia muito charuto, filha. Meu pai comprava o fumo, então distribuía pro pessoal que trabalhava. Eles vinham fazer esse charuto e vendiam aí pra fora, pro interior, se vendia muito, meu pai tinha uma fábrica de charutos. Isso aí se fazia, não era só meu pai que tinha não, aqui a maior parte do pessoal trabalhava com charuto. Era o que tinha aqui, eu vou te dizer o que é, era pescador, era pessoal que trabalhava com charuto e era pessoal de salina, que trabalhava com sal. Então o pessoal mais bruto, trabalhava com sal, que era carregar... Lama, pra tirar do pau, pra

botar pro barco. As mulheres iam tirar sal, época de tirar sal, ia muitas mulheres tirar sal, e fazer charuto... meu tio fazia cigarro, um tio que eu tinha chamado Adalberto. Fazia cigarro. Fazia um milheiro de cigarro por dia.

E - Plantavam muito fumo?

D - Não, filha. Esse fumo vinha de Santa Catarina. Eles que compravam os fardos, meu pai comprava os fardos de fumo. E aí distribuía pra beltrano, sicrano, os quilo. Fulano levava cinco quilo, beltrano levava quinze, outro levava dez. E aí meu pai ia distribuindo pro pessoal dele, que trabalhava. Agora, tinha outra pessoas que trabalhava. Era muita gente, antigamente se vendia muito charuto aqui. Eu sei fazer charuto, eu sei fazer cigarro, eu fiz uma máquina de cigarro. Só não puxava a baga. Eu comprei uma máquina daquela Olivetti. É Olivetti? Pra tirar o rolo. Eu fiz. Olha, se você pegar duas conchas. Olha, isso aqui é outra concha também, metida aqui, uma na outra, você coloca a baga aqui, coloca o fumo aqui, quando você fizer isso, fez o cigarro. Encontrou uma beira com a outra, ó. Eu fiz uma máquina de cigarro mas, mesmo o cigarro, o cigarro daquele tempo é "Lima" era "Colomi" era "Celma", era "Regência", era "Astória", era "Continental". Continental sempre existiu, era "Elmo". "Elmo" era até amentolado, "Belmonte", tinha "Belmonte" naquela época, agora tá até voltando de novo.

E - Gaivota?

D - "Gaivota" não tinha, não. Gaivota foi de certos tempo pra cá. Agora, feito aqui em São Luís mesmo tinha aí, tinha a Fábrica Elba, e tinha a Souza Cruz que funcionava ali, ficava de canto com o Teatro Arthur Azevedo. Ali era a fábrica de cigarro. Não sei se fábrica ou se era agência pra entregar, da Sousa Cruz. E a Elba ficava aqui, na descida de quem vem pra Praia Grande.

E - Falando em brincadeira de infância, geralmente as pessoas tem colocado só as brincadeiras das meninas, e o meninos brincavam como?

- D** - Olha, onde tem menina, tem menino, filha. Eles botavam só menino, porque queriam menino, mas, olha, presta atenção: aonde tem menina, tem menino. Qual era a brincadeira que eles falavam que só tinha menina? Coco, por exemplo?
- E** - Não. Falando dessas brincadeiras de infância... As meninas brincavam de roda?
- D** - Ah! bem. Ai é diferente. Ai é diferente pelo seguinte, filha: olha, porque os pais não deixavam. Eles sabiam da responsabilidade que tinha, qual era a responsabilidade. Então, de pequeno se faz os grandes. Então essas meninas não brincavam com menino, iam pra uma festa mas vigiadas, eu cansei de ir pra festa, ó, chegava na festa tinha as pessoas tomando conta daquela criatura. O banco, as cadeiras ficavam cheia de pessoas. Por exemplo, minha mulher ia, a mãe dela ia, prestar atenção na filha. Não tinha esse negócio de sair, porque nós não temos rede de esgoto, certo? Então automaticamente quando não tem rede de esgoto tem uma cisterna, uma coisa feita no quintal pra isso; mas as meninas nem no quintal iam, tinham bacio, dentro lá no quarto pra elas. De vez em quando quem ia era a dona da casa que ia botar fora. Mas, sempre existiu, o menino sempre brincou. Agora de um certo tempo, quando já pega responsabilidade, já tá mocinho, 15 anos, já tá cheirando mulher, então... aí tinha brincadeiras de Carnaval... Se por acaso um homem, porém você sabe que tem homem que gosta de se produzir dizer eu fiz isso, fiz aquilo. Vamo dizer que um cara desse tivesse tido a sorte de ter adquirido uma dessas meninas e que por infelicidade ele falou e que o povo sabia já daquilo, a hora que essa menina chegasse nessa festa, ia saindo, uma por uma, você acredita isso? Não ficava uma moça dentro do baile ia tudo embora, porque ela não era suficiente pra tá ali. Eu conheci baile de rapariga aqui, era baile de terceira. Famílias assistiam na janela, não tinha aquela patifaria, não tinha, nada não. A minha mulher me convidou pra ir ali no canto "Ô

Diógenes, todo mundo vai ali tu não me leva?"

- "Antônia, eu não vou te levar, porque tu não vai gostar. Antônia mudou."

- "Me leva, eu quero ir lá, todo mundo não vai olhar, então me leva lá."

Aí eu levei ela, cheguei lá pedi uma cerveja, um refrigerante porque ela não bebe, um refrigerante pra ela. Quando tava no segundo copo, tava tocando. Aí de repente um pessoal veio na carreira, só de rapaz. Ela disse:

- "O que é isso aí?"

Eu digo:

- "Eles tão esquentando as turbina pra poder entrar." Porque antigamente se tomava conhaque São João da Barra pra criar coragem de olhar pra pequena e fazer assim (gesto com o polegar). Não pegava carão, não. Não chegava na marra pra pegar na moça. Você chegava, olhava, ela... porque a mulher que lhe quer tá de olho em você. Você (faz um gesto), ela (faz outro gesto), ela sabia que você tava na vez, chegava lá... e outra coisa:

- "Quer dar o prazer de dançar essa parte comigo?"

O cavalheiro dizia isso:

- "Quer dar o prazer da dançar essa parte..." Isso aí era papai que ensinava pra gente.

- "Meu filho quando você chegar na porta do baile, você cruza... Olha, se todo mundo for de paletó, você quer chegar mais bonito do que os outros?"

- "Sim senhor pai, como é que a gente faz?"

- "Se todo mundo for de paletó, você tira o paletó e bota no braço, fique de manga de camisa, olhando pra lá, a pequena, que gosta de você tá de olho aceso em você, pode ir lá conversar com ela." Isso era o pai da gente que ensinava, a educação começava de casa, não é como hoje se faz, quer pegar a educação no colégio. E aí, rapaz, era assim desse jeito. Então, se o cara falava da mulher ia saindo uma por uma, quer dizer, aquela menina não era digna de tá ali e foi pra lá. Com o decorrer do tempo começou a misturar as coisas. Hoje em dia, dança rapariga

com mulher, com tudo. Tudo bem, porque tudo é mulher. Ai a mulher pede pra mim levar ela lá, eu levo, ela vê o pessoal vindo na carreira diz:

- "O que é aquilo ali?"

Eu digo:

- "Eles tão esquentando as turbinas pra poder entrar." Ai eles ficaram na porta. Presta bem atenção, o sujeito vai cheirozinho, bonitinho, pra uma festa, pega um perfume gostoso, bota nele. Ele começa nessa posição: as axilas começam... ele vai cheirar mal. Será que essa companheira desse cara vai se sentir bem, sentindo aquele bafo miserável? Não vai, filha. Ai ela... tocou uma outra música ai eles entraram, entraram e começaram dançar, uns dançando só e outros agarrado. Ela disse:

- "Ó, já começou."

Eu disse:

- "Iche, já tá na hora."

Ceguei lá mostrei pra ela. Diz:

- "Ah, me leva daqui."

Sabe como o cara tava dançando com a mulher? Ele agarrado nas nádegas dela e ela agarrada nas dele. Por menos de que isso minha mulher, minha sogra veio pegando empurrão num baile de Carnaval que eu tava dançando com a filha dela. Não foi safadeza, não, que eu nunca fui sujeito safado. Eu agarrado aqui, e a mão desceu mais um bocadinho peguei aqui em baixo da cintura... tem que sentir... tem que sentir a mulher, né? Ai ela veio pegando empurrão, chegou bem perto de mim:

" - O senhor tá dançando com uma menina de família! Se você continuar dançando assim com minha filha eu levo ela pra casa. Não é porque você seja namorado da minha filha que você tem..."

(Foi desprezo, desleixo, sei lá o que foi que ela disse um nome que me ofendeu, ela me ofendeu, ela me ofendeu com aquilo, me chamando de ousado, de atrevido de qualquer coisa parecida).

- "Você dançar desse jeito com minha filha!"

Eu digo:

- Ô, dona Cecília...

Com a cara de santo que eu sempre tive. Tá vendo? Por menos do que isso, cara. Agora vê se não mudou? Pensa bem. Tu é casada?

D - Tenha filho. Filho macho. Não fêmea. Não queira fêmea. Não queira, porque senão você vai ter muita desilusão. Você vai sofrer muito, filha. Porque aí só sabe que arrastar, dói, quando o cara se sente arrastado. Eu, por exemplo fui arrastado, porque eu tenho filha. Bem verdade que minhas filhas não vão lá. Elas podem até ir em outra gafeira, longe de mim. Mas, perto não vão, eu não vou aceitar, eu até acho bonito dançar. Já pensou? Quem aprendeu dançar bolero, tango, valsa, ô rapaz... pra dançar essa lambada. Isso é uma lambada mesmo, cara.

E - *Queria mais que o senhor falasse um pouco do seu trabalho.*

D - Sobre isso eu tenho pouca coisa para falar.

E - *Assim, desde quando o senhor começou, até hoje.*

D - Bom, eu trabalhava num cartório né? Eu aprendi com meu pai, mas eu não fazia daquilo, como dizer, meio de vida, eu aprendi isso, isso ficou pra lá porque, eu não queria mesmo fazer santo, tá? Eu queria fazer era fazer serenata, meu pai tinha dinheiro, então eu era menino filho de papai, andava de sapatinho, todo bonitinho, chegava de manhã em casa me deitava, acordava onze e meia, meio dia, nessa hora é que eu ia tomar café, tomar um banho, filho de papai, papai tinha grana, então, eu não pensava em fazer santo, às vezes hoje eu brigo com meu filho:

- "Ô filho, aprende, que eu tô pra morrer."

Ele nem tá nem aí pra mim, tá? Tá fazendo show. Ele fez um show aí há poucos dias lá no... Como é o nome daquele teatrozinho... Odilo Costa, filho. O nome do meu filho é Dil, um meio alourado, esse é meu filho. Eu tenho outro, o Pedro, aquele ali. Aquele trabalha aí na... Tem esse outro aí, que já tá velho. Então, eu trabalhava no cartó-

rio, eu era escrivão. Doutor Benedito mandou eu fazer... perguntou:

- "Diógenes, quem é que pode me fazer uma Nossa Senhora do Monte Serrat, pra mim?"

Eu digo:

- "Doutor, se o senhor me der quatro dias de folga, eu faço a santa."

- "Tu sabe fazer, rapaz?"

- "Eu sei".

Aí, eu não tinha ferramenta, eu não tinha ferramenta. Aí eu fui, comprei uma faca, dessa faca eu fiz um formão, eu comprei outra faca, eu tinha canivete... Aí eu fiz uma Nossa Senhora do Monte Serrat pra ele. Sai pra levar pra ele. Quando cheguei no caminho encontrei um casal de turista que vinha:

" - Moço, o senhor tá vendendo essa peça?"

Eu digo:

- "Não, Eu não tô não. Isso eu fiz pra um..."

- "Foi você que fez?"

Eu digo:

- "Foi."

Aí eles pegaram a peça da minha de mão diz:

- "Me venda essa peça"

- "Não posso vender porque eu fiz pro juiz, eu trabalho no cartório e ele me deu 4 dias pra eu fazer isso aí e hoje finda o prazo e eu tô levando pra ele."

- "Será que o juiz não cede essa peça? Você faz outra pra ele."

Aí eu digo:

- "É! Pode ser. Você quer ir lá comigo, vamos?"

O casal foi. Eu cheguei eu apresentei pra ele.

- "Olha, doutor, esse pessoal veio comigo porque olharo essa peça que eu fiz pro senhor."

- "Ó rapaz, ficou bonita."

- Mas como o senhor me deu 4 dias e eu não tenho mais nada pra frente, porque senão eu vendia pra eles, porque

liso eu tô. Olha, nós estamos... Quanto é hoje? Ainda vai se receber dinheiro no dia 1º (eu dando incentivo pra mim vender a peça pro cara lá, porque eu sabia que ele me dava mais 4 dias pra fazer outra pra ele). Mas como o senhor gostou da peça, eu não posso nem dizer: eu vendo essa, doutor o senhor me dá mais 4 dias, aí eu faço outra pro senhor mais bonita, porque essa aqui o senhor já olhou...

Ele disse:

- "Rapaz tu me cantou. Vende a peça pro rapaz. Eu te dou mais 4 dias pra te fazer uma outra pra mim. Agora tu tem que fazer mais bonita."

Eu digo:

- "Eu vou fazer, doutor."

Aí eu vendi a peça. Essa peça fez eu sair do cartório porque eu ganhava quanto no cartório? Mil cruzeiros. Eu fiz aquela peça num dia, eu fiz num dia aquela peça. Vendi por trezentos. Bem verdade, foi muito exagerado o preço, mas mesmo que eu vendesse a cem cruzeiros, cada uma peça, eu em dez dias teria o dinheiro de um mês, e eu trabalharia pra mim. Aí eu saí por causa dessa peça. Aí eu fiz a de doutor Benedito. Fiquei trabalhando pra mim. Aí tinha um alemão chamado Nyemair que viu meu trabalho, falou pra eu fazer um santo pra ele. Eu fiz diversos São Benedito pra ele. Só é que ele comprava, duas peças só. Esse foi quem me deu ferramenta, foi esse Nyemair. Eu comecei a trabalhar. Depois os turistas vinham na minha casa comprar as peças, mas agora parou. Assim que eu comecei. Tu sabe quantos anos eu perdi de cartório? 19 anos. Bobagem que eu fiz, eu não devia ter largado.

E - *Devia ter feito paralelo...*

D - Não dava, porque eu trabalhava de manhã e de tarde, né? Só se eu fosse trabalhar à noite. Aí eu ia me acabar. Nesse tempo eu não tinha, assim, muitas condições, sabe? A coisa era meio dura, um bando de filhos, seis filhos pra educar, já pensou? Meu pai me deixou dinheiro, rapaz. E

botei tudo fora. Muito filho pra educar. Deixou gado, eu fui vendendo.

E - *Mas o senhor continua fazendo até hoje santo, trabalho em madeira?*

D - Eu faço. De vez em quando eu faço...

E - *Se alguém encomendar?*

D - Encomenda eu faço. E eu não tenho todo o material que exige pro sujeito fazer um santo. Olha, eu não tenho, por exemplo, uma lixadeira, que isso é o essencial. Eu não tenho, por exemplo, um esmeril pra amolar aquele ferro que tem que ficar bem amolado. Tudo isso é preciso. Eu trabalho ainda na bruta, na marra.

E - *Qual o material com que o senhor trabalha?*

D - Faca. Com a faca que eu trabalho.

E - *E a madeira que o senhor trabalha é cedro?*

D - É cedro. Eu compro o cedreiro e aí boto pra secar pra mim trabalhar. Eu trabalho com cedro, porque a minha ferramenta não dá pra eu trabalhar com outro tipo de madeira mais dura. O meu formão é de faca. Tudo o que tu olhar ali dentro de minha mesa é de faca. A única coisa que eu tenho, que não foi feito por mim, é uma goiva, mas o resto tudo é feito por mim. A faca é feita por mim, o que eu vou cortar é feito por mim. Então, o sujeito que trabalha com outro tipo de material tem condição de trabalhar melhor. Eu não tenho condição de produzir melhor por isso. Tu tá pensando que eu não sinto vontade? Eu sinto. Agora mesmo em São Luís eu fui fazer uma operação. Tô operado. Cortei aqui. Eu vi lá um trabalho. Eu faço aquilo, cara, eu fui lá no São Francisco, eu fui fazer um exame de vista, passei numa casa que vende artesanato, olhei uma placa linda, minha filha perguntou pra mim:

" - Pai, o senhor faz uma peça dessa aí?"

Eu disse:

- "Eu faço, minha filha. Eu faço." Que ali não tem nada de mais. Que aí ele aprofundou mais os golpe em vez de fazer uma placa numa tábua dessa grossura, né? Assim ele fez numa tábua dessa grossura, então ele deu volume. Ele

deu volume. É justamente o que eu não tenho, uma tábua dessa grossura para mim fazer aquilo. Fazer por exemplo, o descobrimento do Brasil, a Primeira Missa, o Grito do Ipiranga. Eu faço isso se tiver os tabão, ô, nessa grossura, dá pra fazer os cavalos, os cavaleiros. Bonito. É diferente de que você idealizar uma coisa assim, uma porca-riinha. Olha a grossura dessa tábua, pra você fazer isso. E você sabe onde é isso aqui? Eu vou buscar pra você olhar (um livro) aqui eu tenho Alcântara a mercê, a minha mercê. Tudo isso eu já fiz (paisagens e logradouros), grandes e pequenos.

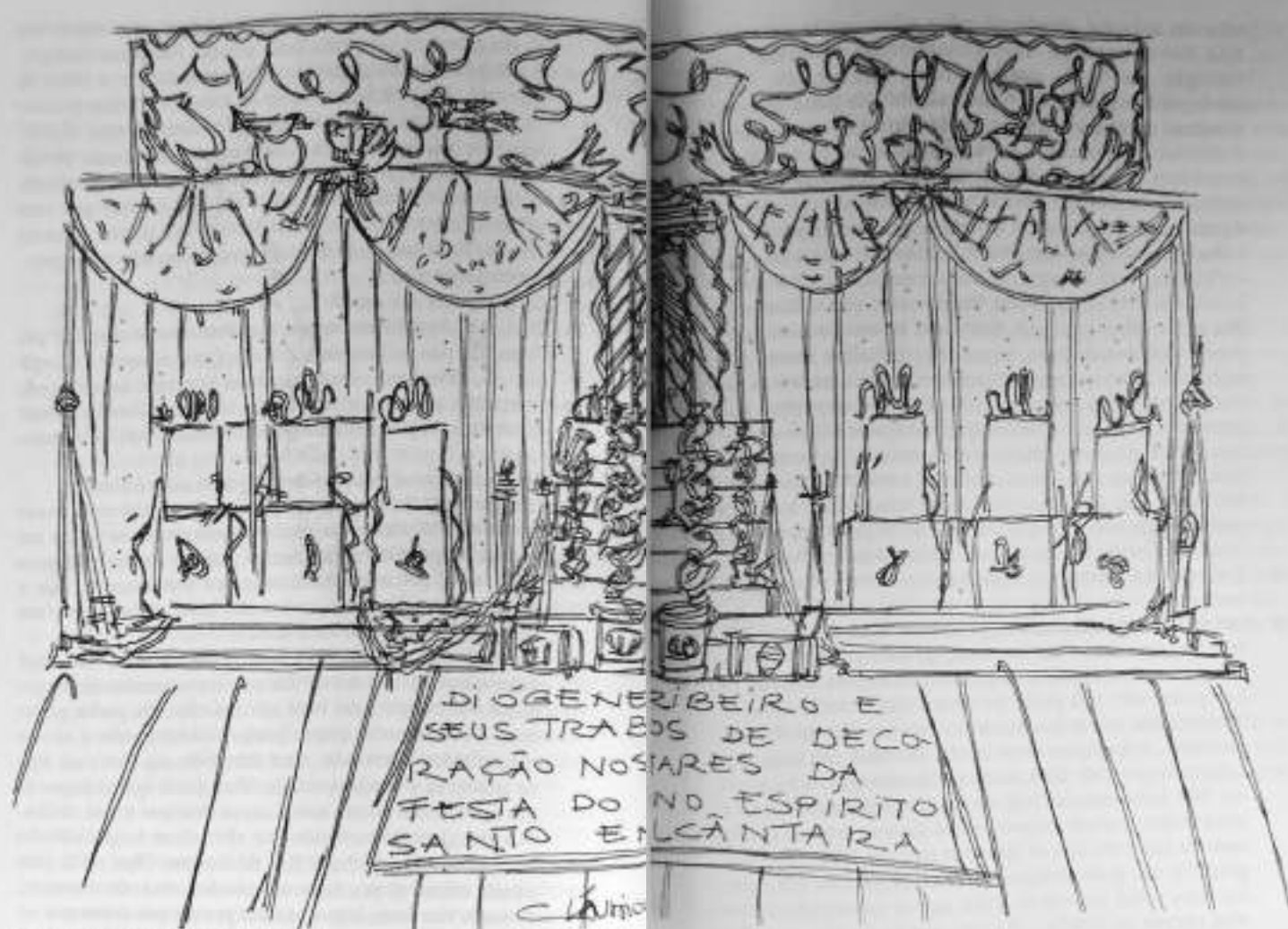
E - *Os desenhos são seus?*

D - Não. Isso aqui foi um amigo que desenhou e mandou pra mim. Eu não tenho tempo de sair. Quando aperta o negócio aí... Isso aqui... Então aqui eu faço isso aqui de todo tamanho, pequeno, grande. Aqui tem São Luís quase todo aí. Aquilo ali já é um filho que eu tenho que já tá treinando.

E - *O senhor faz... o senhor sobrevive com esse trabalho?*

D - Imagina, nê? Sobreviver... Rapaz, eu tenho que viver desse trabalho, nê? Oprimido, com vontade de ver se posso me expandir, porque eu não tenho a quem recorrer. Vamos dizer que, por exemplo, nós temos um moço aí que é muito bom, o Prefeito que é muito bom, eu tenho certeza que se eu chegar pra ele e disser:

- Doutor, eu preciso disso, isso, isso. Ele vai... mas você sabe o que vai acontecer? Eu vou me acarretar de despesas e vai chegar uma hora que eu não vou poder pagar isso. Não vou poder pagar, porque o artesanato, o artista maranhense, você sabe, você lida todo dia com esse tipo de gente. Tá vivendo oprimido. Tem gente que tá pagando pra fazer show, só pra sair o nome dele pra ver se melhora o visual, então você sabe que viver disso é... já foi muito bom, agora não dá mais. Não dá mesmo. Olha, eu tô com aquela tábua ali pra fazer um placão, uma placa grande, mas não vou fazer. Não vou fazer porque pra quem que eu vou vender? Eu vou ficar com isso dentro da minha casa,



Diógenes e os altares do Divino

olhando todo dia. Aquilo me enjoa, olhar aquilo todo dia. Não. Não dá pra viver mais, a não ser que você tenha, por exemplo, um torno, que você faça, uma estante. Você muda, vá mudando, faça o seu trabalho. Eu gosto de fazer quadros, então eu vou fazer um quadro, faço um quadro, dois três, quatro, cinco, tudo bem. Mais, aí eu vou fazer outro tipo de trabalho que o povo consome. Uma estante, um armário, uma mesa, uma cadeira. Isso o povo compra. Agora, por exemplo, aqui, quem que vai me comprar uma talha? Ninguém aqui de Alcântara. Mas se eu tivesse uma cadeirinha, um banquinho, um mochinho, uma coisa bonitinha, eles comprariam. Por que isso eles utilizam no dia-a-dia. Olha, eu vi em São Luís, bambu, eu sei fazer umas cadeiras daquilo, rapaz. Eu trabalhei muito pra Loja das Noivas, rapaz. Fazendo cadeiras, cadeiras de cipó, vime. Nessa época, o chefão lá do nosso serviço que mandava, que fazia, que vendia pra Loja das Noivas era o seu Acácio, japonês, um Acácio que tem aí. Então a gente fazia, ele comprava o nosso trabalho e revendia. Cadeiras. Fiz muito. Sei trabalhar com isso. Mas só que isso pro sujeito fazer isso tem que ter uma nota pra comprar pra fazer isto, então tá difícil fazer, a gente luta no dia-a-dia.

E - *Então esse trabalho que o senhor faz não dá pra sobreviver?*

D - Não dá, não dá não. Certo que não tem nada pra fazer. Não tem nada pra fazer. Eu faço isso, quando eu tô muito liso eu pego duas placas, três placas vendo pela metade do que pode valer. Pra poder ter (gesto significando comida). Tô tentando ver se me aposento, porque depois de aposentado... e qualquer coisa ajuda, tá? Mas por enquanto a coisa tá péssima. Olha, eu tô te dizendo que eu fui agora em São Luís com vontade de comprar um motorzinho e um esmeril, porque daquele motor mesmo com esmeril eu metia a fazer um tipo de lixadeira com ele. Não pude comprar. Eu não pude comprar. Sai procurando até por aqueles ferro velho pra ver se tinha algum motorzinho lá que eles tivesse encapado... Eu não vou pedir, não vou. Não

vou pedir porque velho desse jeito, cansado de trabalhar, da vida... pra mim:

- "Me dá isso."

Ô, isso é triste. Não peço. Não é orgulho. Porque eu acho que eu já tinha o direito de ter tudo isso. Porque a vida não foi tão boa como se diz. Porque o sujeito olha o cara e diz assim: -"Fulano de tal..." Aqui pra muita gente eu tenho dinheiro, você duvida? Olha, eu me cortei aqui. Passei dois meses, porque eu não tinha isso (gesto representando dinheiro). Minha filha foi que com o pouco que puderam, lutaram e...

E - *Suas filhas moram aqui?*

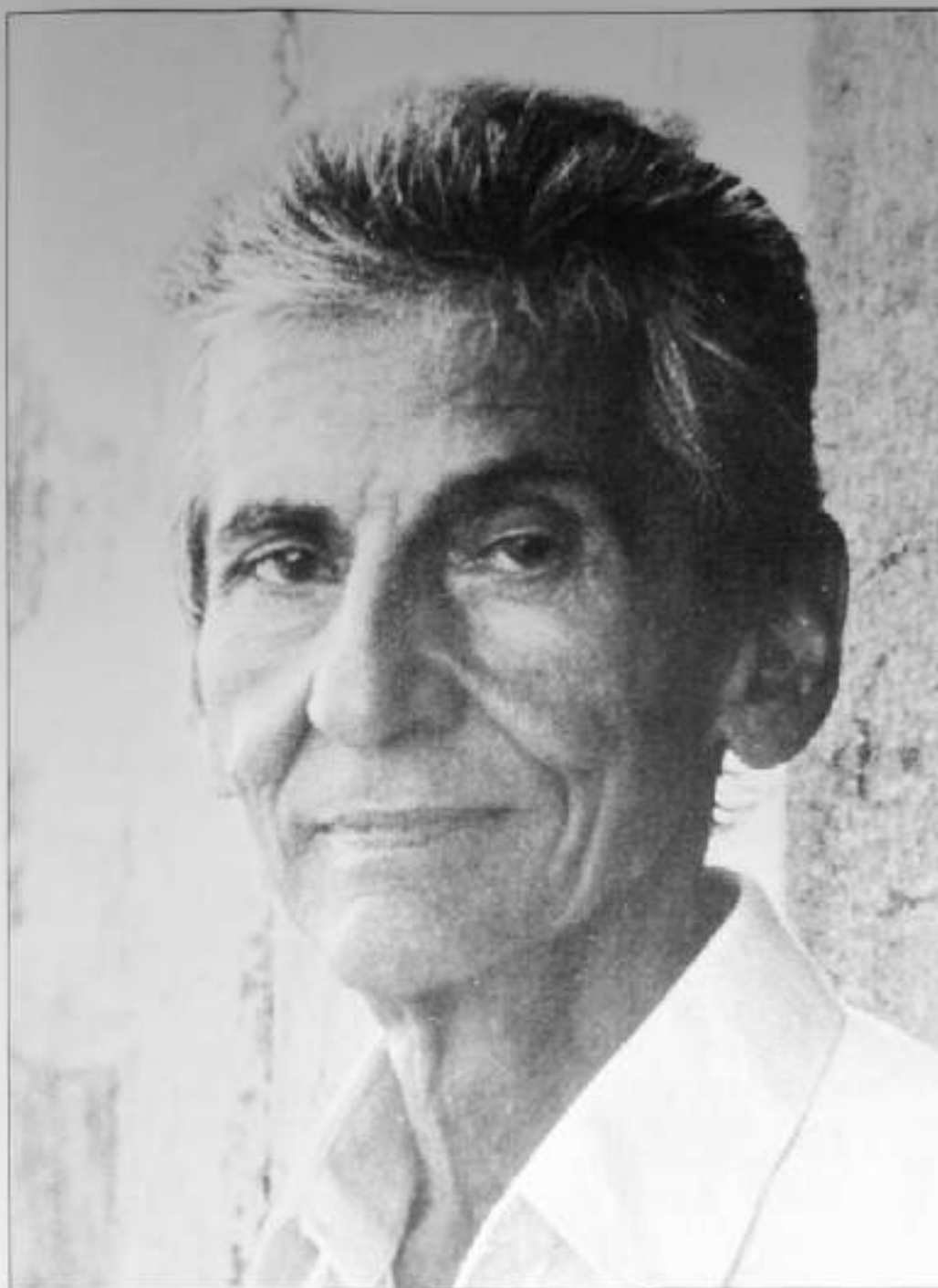
D - Não, eu tenho três filhas que moram em São Luís. Só quem mora aqui são os filhos. Assim mesmo só tem um filho aqui, os outros dois tão pra São Luís. Dil foi fazer, eu acho que uma música pra aquele concurso, não sei de quê lá. Meu filho é agarrado com música, tá? Gosta de música. Só é que música não dá dinheiro aqui, música que dá dinheiro é música de boi. Eu disse pra ele:

- Meu filho, faz toada de boi que dá dinheiro. É livro, é verso, livro em verso. Você pegar um verso... Se você pegar um livro, uma viola, se sentar e começar a cantar, botar um prato aí como eles fazem, começa a cantar verso, você ganha mais dinheiro do que tirar uma musiquinha e cantar. O sujeito ainda paga tudo aquilo pra ser artista. Aí quando eles me perguntar:

- "Seu Diógenes, o senhor é um artista?"

Eu digo:

- Não. Eu não sou artista. Eu sou um altista. Artista foi meu pai. Não teve o Pelé? Pelé é um artista, é um rei, porque a imprensa ô, em cima dele. Este é que é o homem, Pelé. Quantos Pelé existe, por aí, heim?



Heidimar Guimarães Marques
Foto Márcio Vasconcelos

HEIDIMAR GUIMARÃES MARQUES - 1927

Descendente da família tradicional alcantarense, com título de nobreza. Fala sobre as famílias importantes de Alcântara, festa do Divino, São João, São Benedito, costumes religiosos, etc.

E - Seu nome completo?

H - Eu me chamo Heidimar Guimarães Marques, nasci em 03 de setembro de 1927, em Alcântara.

E - Nasceu aqui mesmo na sede?

H - Na sede.

E - Seu endereço atual?

H - Eu estou morando ultimamente na Pousada Pelourinho. É uma coincidência, mas todas as casas onde estou ultimamente morando e trabalhando são de minha família, foram propriedade de minha família. O Museu Histórico, eu tenho a direção do Museu Histórico há cinco anos e quatro meses. Foi da minha família por oitenta anos. A Casa do Divino, que expressa a festa em aspecto geral, eu dirigi por três anos. Agora estou voltando porque é uma extensão do Museu Histórico. Também foi de minha família. Essa foi por herança, ficou de minha propriedade. Eu vendi e no governo João Castelo, para ser organizado esse Centro de Cultura Popular. A Pousada Pelourinho, também foi propriedade de minha família. Em casas também

que eu me hospedei, por pouca temporada, também de minha família. Quer dizer isso é, por coincidência, mas já está fazendo um rodízio em todas as casas que foram de minha família, minha passagem por essas casas novamente.

E - *O senhor falou sobre sua família, diga o nome de seus pais. Fale um pouco deles.*

H - Meu pai era de Pinheiro, se chamava Marcial Ramalho Marques. Ele foi eleito Prefeito de Alcântara por duas vezes e faleceu com dois anos da segunda administração.

E - *Em que ano?*

H - Em 1963.

E - *O senhor tem irmãos?*

H - Tenho um irmão.

E - *Mora aqui?*

H - Em São Luís, se chama Walter Ricardo Guimarães Marques.

E - *E sua mãe?*

H - Ana Guimarães Marques. Por apelido era mais conhecida como "Anicota".

E - *E seu pai, sua mãe, quais eram as atividades deles?*

H - Meu pai por apoio do meu avô, que se chamava Antoninho da Silva Guimarães que foi um comerciante, um industrial, ele então se projetou também com o comércio e com a indústria, também, de sal.

E - *Aqui mesmo em Alcântara, na sede, ou interior?*

H - Na sede. Bom, mas ele tinha também comércio no interior, de umas terras que foram também de sua, são de nossa propriedade. E o meu avô teve uma projeção muito grande em Alcântara social, também uma posição econômica de realce, após a época do baronato, e até mesmo a união com a pessoa cujos ancestrais eram também do baronato.

E - *O seu avô chegou a ter título de nobreza?*

H - Não, meu avô, (esse avô) nesse caso, meu tetravô, ele veio, ainda rapaz, de Portugal, com seus pais, um grupo de portugueses que vieram para o Brasil para tentar o desen-

volvimento no comércio, e com eles trouxeram africanos, não como escravos, que nem tinham como ter escravos e formaram aqui uma família de portugueses e africanos. E a tentativa de desenvolver uma cultura de cana-de-açúcar, com o proveito de sua aplicação nos engenhos e também o algodão, essas plantações não sei porque, mais houve um fracasso não foi muito tempo, não teve, como se diz, um efeito lucrativo. O que aconteceu é que da família do meu avô, por exemplo, o seu avô se uniu com uma filha de uma africana que veio em sua companhia, em companhia de sua família, e do outro lado, do lado da sua mãe com uma indígena. Isso a família se tornou assim mestiça, uma raça mestiça da família do meu avô, o que não foi aceito pela união com minha avó que era de uma estirpe da nobreza de Alcântara. É com três famílias do Barão de Pindaré, Barão de Grajaú e Barão do Mearim. Essa união foi um conflito entre famílias e até um desprezo do Barão de Pindaré, que era o seu tio-avô e padrinho e pai da criação. Foi ele quem a criou, mas ela enfrentou essa situação e decidiu acompanhar o meu avô. Anos depois se casou e a mãe Calu, que era uma escrava do Barão de Mearim, ela foi cedida por eles para acompanhar minha avó, por isso a mais reconhecida e sentida como mãe Calu, porque foi a nossa mãe de criação e de toda a família, e com esse exemplo também da comunidade ela foi reconhecida como mãe. E por falar em mãe Calu, ela era uma escrava já na nossa casa, livre, mas de reconhecida cultura, inteligente, versátil, uma pessoa muito admirada na comunidade, até mesmo uma admiração no Brasil. Ela foi a última escrava que morreu em Alcântara a 16 de março de 1957, com 115 anos, lúcida. Certo que a minha família, o meu avô, depois desse fracasso na tentativa de comércio e de indústria, mas com os seus irmãos eles tiveram oficinas nos baixos da Pousada Pelourinho, em cada baixo, ou seja, uma porta de entrada para cada oficina. O meu avô alfaiate, um dos seus irmãos ferreiro, mecânico, sapateiro. Pessoas assim, pro-

fissionais. Mas, para a linhagem dos nobres em Alcântara, eram considerados plebeus, uma gente do povo. Mas, com a união meu avô se unindo a minha avó, ele conseguiu superar todas essas marcas e se tornou, foi pelo seu trabalho esforçado, mas bem planejado, ele se tornou o que se dizia naquela época: o rico em Alcântara. Homem que substituiu os barões numa posição social, assim insinuante, porque ele procurava assim posições na política, no comércio, na sociedade, não é não? Até mesmo seu comércio na parte de medicina caseira, ele tinha uma farmácia de manipulação. O seu comércio era assim diversificado, com a farmácia que se chamava Botica. E o grosso, tecido, e se situou de maneira assim, em uma boa posição social em Alcântara e oferecendo a minha avó ou colocando a minha avó numa semelhança que ela tinha de sua vida comum, pois não. Na nossa casa eu assim convivi numa reminiscência em todos os aspectos da casa, em mobiliário, em costumes, em alimentação, o que os nobres viviam naquela época. Ele procurou, assim, fazer uma réplica para dar a minha avó, se sentir assim no meio em que ela vivia. A diferença só que quem fazia o serviço da casa eram pessoas vindas aqui do interior, que se procurava fazer assim como um pensionato. As pessoas vinham estudar, as mocinhas, muitas vezes até acompanhadas com suas mães e elas faziam todo o serviço da casa, um grupo numeroso. Em compensação elas tinham todo o apoio para os estudos. Era uma vida mais assim, de um equilíbrio moral. Mas, eu não sei, mas eu acho que ele assim, se esforçava muito e até passou a valorizar a sua vida como réplica dos nobres, sempre eu pensei que não era essa melhor atitude dele. Acho que ele podia considerar sua família assim enobrecida pelo trabalho, pelas profissões simples, mas dignas. Então, eu não podia viver satisfeito como jovem, uma vida assim retráida da comunidade de Alcântara. Nós não tínhamos como jovem, não tínhamos direito, a permissão, de brincar com outros jovens, de sair livremente nas ruas assim uma, um

grupo não é mesmo retraído. E por isso eu me decidi com 15 anos a me tornar assim independente.

- E** - *O senhor falou nessa idade de 15 anos, então o senhor poderia fazer uma retrospectiva de toda sua infância até o dia de hoje. Como o senhor viveu aqui em Alcântara, as brincadeiras que ocorriam naquela época, seu convívio com sua família, as brincadeiras que o senhor não participou mas que assistia as outras crianças brincarem?*
- H** - E por isso tinha um desejo muito grande de participar dessas brincadeiras desses feitos normais de infância num lugar como Alcântara e, por exemplo, o mastro do Divino. Eu tinha muita vontade de vir em cima do mastro, como as outras crianças, de correr à frente de um boi. Eu via tantas crianças alegres correndo a frente de um boi e eu desejava muito fazer isso, mas eu não tinha...
- E** - *O senhor fala de brincadeira ou boi de verdade?*
- H** - Não, boi da festa do Divino, e não podia, não tinha permissão para fazer, não como autoridade excessiva, mas como advertência, como insinuação que a nossa posição era outra, do popular. Anos e anos para esperar satisfazer essa vontade. Eu com 64 anos, nesse tempo com 65 anos vou satisfazer essa vontade, porque fui escolhido como Imperador da Festa do Divino, e nas manifestações, é, corresponde por exemplo, a subida do mastro do boi, e na minha própria festa, eu vou poder participar. Aquela vontade, aquele desejo de criança, eu vou poder realizar, agora, como ancião. Eu pretendo vir montado no mastro, correr à frente do boi. Na festa dos outros eu não podia, assim, me realizar. Talvez até se eu pedisse ao festeiro, ele consentisse, mas eu nunca tentei. Agora na minha eu estou livre para fazer e poderei participar com uma alegria muito grande no meio das crianças, no meio do povo, que é interessante, apesar da formação que eu tive, do ambiente em que eu vivia, porque eu já, eu nasci no ambiente em que criou meu avô. Na própria casa, por exemplo, meu avô comprou esse solar da Baronesa de São Bento em 19 de novembro de 1889. Quando eu nasci, já

nessa casa, com uma certa opulência, todo o mobiliário que foi do Barão de São Bento. A casa nessa época, era assim com requinte de fidalguia. As paredes eram revestidas de papel inglês, em tapete persa. Eu nasci nesse ambiente, mas com inclinação para o popular. Eu, da janela do nosso sobrado, eu olhava muito as crianças brincar. Eu tinha muita vontade de participar, algumas vezes que eu participei, foi com ajuda da mãe Calu. A mãe Calu me levava sempre a alguns lugares que eu gostava de ir, por exemplo, à praia de banho, ir na vacaria da mãe Calu. Então, para que meu avô não chamasse atenção, ela me levava debaixo das saias. Sua saia ramalhuda muito linda, muito grande, e eu preso em suas pernas, de côcoras, andando, até desaparecer. Aí eu me soltava, descia a praia e corria e brincava e tomava banho. Ela ficava esperando terminar toda a minha euforia nesses lugares. Mas, com isso, quando jovem, eu queria muito me libertar desse ambiente fechado, que eu não conseguia gostar e até mesmo eu achava que assim a minha formação era tão, tão fraca, que eu achava mais uma formação feminina do que masculina, porque nós não podíamos jogar bola, não podíamos assim ir ao colégio participar dos movimentos no colégio. Quando estudávamos em São Luís, nos internatos. Eu decidi aos 15 anos começar a trabalhar. Eu freqüentei um curso de inglês com Madame Silveira, inglesa e depois encontrei Maria Clay que era a esposa do cônsul americano, então eu me queixando da vida que tinha em Alcântara e do meu desajuste nesse meio, porque eu pensava assim: eu não estou mais vivendo na época dos nobres, da nobreza em Alcântara, na legítima nobreza. Eu estou vivendo numa semelhança, numa réplica, eu achava isso falso, não achava real, então me aprimorei na língua inglesa e aceitei uma função como intérprete de Army e da Livium. Eu era intérprete de grupos assim de oficiais. Você veja só, eu saio de um lugar, de uma vida fechada e passo para uma vida livre, com situações diferentes principalmente durante a guerra. O

modo de viver aqui em Alcântara completamente diferente do que viver com militares numa época de guerra. Eu era muito solicitado, porque eu era muito fluente na língua inglesa e, assim durante a guerra trabalhei com o exército e a marinha americana. Após a guerra, eu fiquei em atividade na Western, com ingleses. Vim aqui em Alcântara rever os meus pais. Sentia muita falta da minha mãe, mas eu não podia ficar aqui, mais do que uma semana. Parecia nada ter atração. Nada. Eu sempre olhava a casa e me lembrava da formação, da situação falsa, réplica do passado e aceitei uma bolsa de estudos para aprimoramento da gramática e da literatura inglesa. Eu e o meu chefe na Western viajamos para a Inglaterra. Após três meses esse senhor faleceu de acidente. E eu me senti só na Europa, na Inglaterra, em Londres, com frio intenso, com pouco conhecimento de um país estrangeiro e interroguei a família deste senhor. A minha ingenuidade era tão grande que eu perguntei o que eu vou fazer, durante o velório, eu perguntei algumas vezes: o que eu vou fazer. Hoje eu até acho uma resposta lógica, mas naquele tempo eu achei muito fria: I don't! Não nos interessa, procure a sua vida. Quer dizer, para a família desse meu chefe que era meu amigo, que tinha muita admiração, muito afeto por mim, eu achei assim um contraste a família dele e voltando à pousada onde nós morávamos, eu sentei numa escadaria e chorei, chorei, aí então eu me lembrava de Alcântara, da minha mãe, que era terna. E entra, do serviço, uma manequim francesa e me perguntou qual era o motivo desse pranto e eu contei o que era, o porque do pranto. Aí ela me disse: "Conte comigo, eu vou lhe ajudar." Por isso quando me lembro da França, encontro os franceses, eu procuro assim ter um carinho pelos franceses, pelas raízes aqui de Alcântara. Não porque os primeiros colonizadores de Alcântara franceses, perto de oito anos, e que os nossos indígenas também se aliaram muito aos franceses, pela habilidade que eles tinham de tratar com os indígenas, porque o objetivo da

colonização francesa, portuguesa mesma, mas eles tinham habilidade em tratar com os indígenas. Então, os franceses estão envolvidos com as nossas raízes e também num resultado da minha própria juventude. Logo, em seguida, eu fiquei com pneumonia dupla, fui hospitalizado por providência dessa francesa e em tratamento prolongado, mas ao sair do hospital eu fui para os arredores de Londres com a família dessa francesa e foi assim, fui muito bem hospitalizado, com muito carinho. Três meses depois, eu volto pra sempre, diretamente, para Londres, já bem forte, já bem saudável, mas procurava trabalho, não era fácil. Encontrava muita dificuldade. E Evelin me disse: "Faça Socila! Você é muito atraente. Faça Socila!" Ai eu fiz. Lá não se chamava muito bem assim Socila, mas isso aí já deu a entender que era a organização que preparava manequins e nesse caminho pouco tempo depois eu fui manequim na Europa, por dois anos e meio. Ai, então, começaram as excursões, as viagens pra França, pra Espanha, pra Portugal. Não é não, mas eu acho, que o Brasil sempre teve um carisma nos outros países. Entre nós, que éramos sete, eu era assim muito solicitado, como brasileiro. Eles achavam assim, em vários nomes, que eles me chamavam: Tropical, sempre era assim, e eu consegui uma fama na imprensa, em tudo, mas eu sentia, assim, que alguma coisa me faltava. Eu não queria ficar. Eu achava, assim, muito domínio da empresa. Nós não éramos livres na alimentação, nem no comportamento social. Queriam renovação do contrato, eu não aceitei. Voltei para o Brasil e como seria mais fácil trabalhar como manequim, fiquei em São Paulo e no Rio, durante seis meses, assim. Encontro um tio, meu tio era considerado na nossa família uma pessoa assim anormal, porque ele, eu achava muito normal, mas pelo preconceito da família achava, porque ele queria, assim, ser um cigano, ele era um... Viajava muito, ele era um nômade. E, então, encontrei, estava num circo, era um domador no circo Garcia, e ele me convidou muito, insistiu muito pra

eu ir pro circo. Eu já tinha assumido um contrato com uma atriz, Marquise Branca. Ela tinha uma turnê na América Latina e então a partir daí...

E - *Retomamos a parte do teatro, quando o senhor entrou para o teatro?*

H - No teatro! Eu? Não! Reconheci que eu não tinha talento para a vida teatral. Encontrando meu tio, de quem eu já falei, eu aceitei o seu convite para o circo. Comecei no circo Garcia e depois no Tiane.

E - *Agora, voltando a falar do seu tio, como era o nome do seu tio?*

H - Meu tio se chamava Egidio Ramalho Marques.

E - *Ele era irmão de seu...*

H - Irmão do meu pai. Então no circo me realizei de uma certa forma, deu para espicaçar a vaidade, a euforia que eu tinha pelas apresentações do circo, os aplausos me contentavam, me satisfaziam, e, nesse tempo, eu com a formação religiosa da Igreja Católica, eu me aproximava, me aproximei de manifestações de apresentações do Congresso Eucarístico, no Rio de Janeiro. Encontrei missionários canadenses, alemães, que conhecendo, digamos, como assim dialogar sobre a presença deles aqui e, também, sobre a situação da minha infância e juventude, e o convite deles para que eu viesse aqui participar do seu trabalho, que começaria, assim, dois anos depois. Durante esse tempo, eu voltando ao Maranhão e já com aspecto mais bem tratado e, também, tinha, assim, um preparo para uma vida social de apresentações em desfiles e aceitei um convite para candidato a Mister Maranhão 1950 e consegui esse título. Fui para o Rio de Janeiro participar do concurso de Mister Brasil. Fui colocado em terceiro lugar, porque o meu físico não correspondia a exigência do concurso. Tinha a musculatura pródiga. Foi um baiano o primeiro lugar. Um pernambucano o segundo e eu, o terceiro, mas consegui com este terceiro lugar, participar do concurso Mister Objetiva, na Argentina, onde eu assumi um contrato por seis meses. E



Heidimar e Alcântara

já não me esquecia do compromisso que eu assumi com os missionários no Rio de Janeiro. Achei que era o tempo de me afastar de toda essa vida social e voltei e iniciei a minha vida de voluntário em obras missionárias, quando eu fui reconhecer o meu sentimento por Alcântara, entendeu? Era assim bem, no íntimo, que parecia nem sentir antes, aí se tornou bem aparente, bem sentido e eu comecei então a lutar a me esforçar para contribuir em obras de educação, de saúde, serviço social, passei longo tempo trabalhando como voluntário com esses missionários, não só para Alcântara, como outros lugares, e cada vez mais, assim, aquele desejo de permanecer em Alcântara, colaborando para reconstituir a vida cultural de Alcântara, que é um processo prolongado, lento, mas a semente está sendo distribuída, e vai germinar, ou já está germinando, nem só eu, como algumas outras pessoas, até não alcançarentes, mas que também estão imbuídos deste mesmo propósito de reativar a vida cultural de Alcântara.

E - *O senhor tinha quantos anos naquela época? O senhor começou a sentir este desejo de...*

H - 22 anos. Eu agora estou dirigindo o Museu Histórico, estes espaços culturais. Me sinto um pouco enfraquecido do físico, porque eu não tenho família aqui. Vivo mais só, e sinto também de um certo modo uma solidão, por não ter pessoas que discutam comigo, que façam um diálogo permanente sobre os fatos de Alcântara, sobre propósitos, projetos. São Luís é como um refúgio, onde eu encontro essas pessoas, imbuidas desse mesmo ideal. Gostaria muito de poder ter um contato freqüente com uma personalidade como D. Zelinda de Castro Lima, porque sempre me deu um apoio, uma compreensão, como uma irmã. Nós vivemos assim em vidas diferentes, em lugares diferentes. Tenho encontrado também pessoas que me estimulam muito, que são consideradas, também, nessa linha de irmã: Maria da Graça Sardinha e outros. Há esperança, agora, porque na direção da Secretaria de Cultura, na direção da senhora Nerine, e da senhora

Lúcia eu acho que correspondendo ao meu esforço, há também apoio deles, para que pouco a pouco se realize aquilo que eu pretendo, que elas pretendem e que outros pretendem: recolocar Alcântara no seu lugar anterior de cultura, entendeu? Como eu disse, vou novamente repetir: Não é um trabalho fácil e nem rápido, que talvez até eu nem chegue a olhar os frutos de tudo isso, mas posso me sentir satisfeito de ter contribuído para que assim se realize.

E - *O senhor começou com 22 anos a desenvolver esse trabalho aqui em Alcântara, relacionado com cultura? Quais atividades o senhor exerceu?*

H - Olha, eu, ao chegar em Alcântara, defini os meus sentimentos, me dediquei assim a atividades com os missionários sobre a educação, serviços médico-sociais. Era assim uma representação deles junto às Secretarias, juntos dos Ministérios, Embaixadas, mas viajando muito, fazendo cursos fora do país até, mas sempre retornando, e depois desses trabalhos, então, eu devia aceitar ou devia ter aceito um trabalho, sobre catequese, porque eu não daria ê com o teatro. Acho que não teria.... É um tanto diferente, porque no teatro eu não tinha talento mesmo, né? Agora como é definir linhas religiosas pra mim, que não faz muito não tenho muita apreciação, acho que dificilmente ia fazer um bom trabalho como catequista. Me separei dos missionários. Tenho boas relações, mas sem a linha de trabalho. Aí então eu comecei a trabalhar nesses espaços culturais. E até que outros dizem, eu sinto também que, em muitos, em alguns espaços eu procurei assim melhorar, né? E no meu relacionamento com o povo alcantarense, eu procurei, assim dar um entendimento da nossa representação cultural, mas só depois de muito tempo eu cheguei a uma definição. Eu fico lamuriando, lamentando muito que esse processo não se acelere, que eu não encontre recursos para desenvolver esses propósitos, esses projetos, né? Como assim a maioria dos brasileiros gosta sempre de esperar o governo, não procurando

entender que não é só do governo que nós podemos assim conseguir recursos e apoio para desenvolver obras de educação e de cultura. Estou tentando retornar a minha vida de um relacionamento social do qual me afastei por muito tempo e estimular empresas, amigos de preferência idealistas, para colaborar em Alcântara numa reconstituição da cultura de Alcântara. Acho que conseguindo me posicionar nesse aspecto, tudo se tornará mais fácil e mais viável. Eu espero que, por muito tempo, ainda possa, ainda tenha condições de receber estímulo de personalidades, de pessoas, de representantes, como as duas senhoras a que eu me referi, e também de grupos como vocês, que todas essas pessoas colaborem para dar um estímulo pra reconhecer os nossos valores. É tipo um tônico para que eu me projete ou faça projeção de Alcântara, conseguindo um apoio financeiro, moral de entidades de governo, de particulares, de empresas. E, como eu acho uma diferença muito grande da minha naturalidade, e da minha firmeza em entrar em Ministério, em conviver com grupos de projeção e depois o meu... Ah! O meu retorno a Alcântara é como um refúgio, como não digo um refúgio para querer me libertar de alguma, de alguma situação difícil no passado, não foi isso, um refúgio no meu íntimo, para assim me reconhecer como um idealista e como sentimental por minha terra. Comecei a me esforçar pra desempenhar atividades assim que me impulsionarão a posições mais representativas, mais fortes, para conseguir o que todos nós queremos, não só alguns alcantarenses, mas aqueles que não são alcantarenses, mas que são brasileiros. E Alcântara é uma cidade brasileira, não é? E junto a outras pessoas eu vou chegar a este fecho da minha vida, vamos dizer, sentimental. Acho que é um nome melhor pra me expressar sobre Alcântara, o sentimento. Eu espero que vocês estejam, assim, satisfeitos com o resumo que fiz da minha vida e também da minha posição em Alcântara. Que falar sobre Alcântara, eu acho que já vocês conhecem grande

parte e seria assim horas para desenvolver todo o conteúdo histórico de uma cidade assim envolvida no passado tradicional, no passado rico em tradições como Alcântara.

E - *Além da Festa do Divino e da Festa de São Benedito e de São João, quais outras festas tem ou tiveram na cidade?*

H - Olha, deste nível de maior projeção, apresentação que eu conheci aqui em Alcântara a Festa do Divino, São Benedito, Nossa Senhora do Livramento, São Mathias, o padroeiro, e algumas outras, quer dizer, o mês de maio se fazia com muito, muito brilhantismo, aqui durante o mês de maio. Todos os dias as ladainhas, os noitantes, né?

E - *Festividades do mês de Maria?*

H - É, mas foi desativado.

E - *E nessas festas existem alguma peculiaridade?*

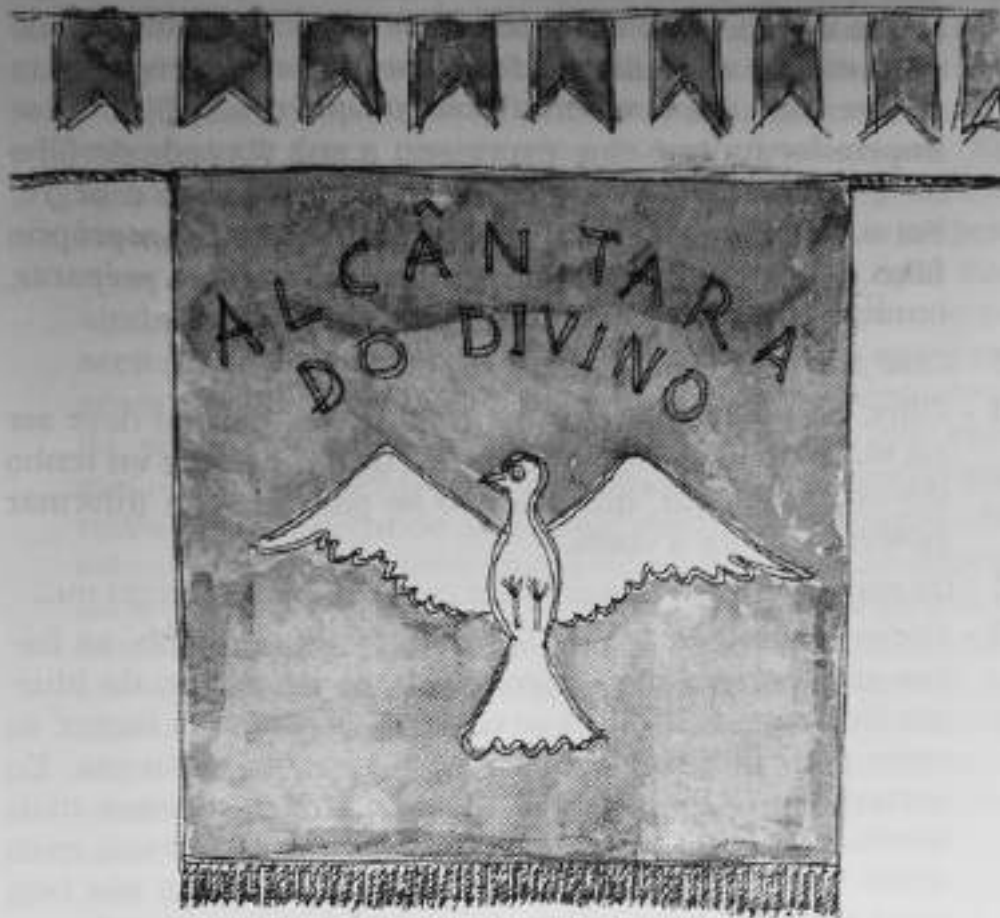
H - Olha, a Festa do Divino. Eu acho que o meu avô, e principalmente a Mãe Calu que conhecia esta festa há muitos anos antes do que eu, eles diziam que a Festa do Divino era programada, agilizada pelos escravos, quando começou a Festa do Divino aqui a aceitação foi dos escravos, e naturalmente, eles fizeram assim como em outras situações sobre religião, eles viveram assim um sincretismo, eles procuraram assim envolver as entidades conhecidas e acreditadas pelos nobres, pela casta social daquele tempo e, com isso, a festa se tornou assim muito popular, muito pública e colocavam-se os senhores em suas posições honrosas, convidavam os filhos dos senhores para representá-los nas cerimônias. Por isso tem Imperatriz, Vassallos, Mordomos, reconstituindo uma corte.

E - *O senhor lembra qual foi o primeiro ano da festa?*

H - Não, nós não temos conhecimento do primeiro ano da Festa do Divino.

E - *Mas naquela época havia escravos?*

H - Tinha escravos. Mãe Calu fez uma Festa do Divino com 20 anos, morreu com 115. Então, foi na época da escravatura, muito antes da abolição que começou a Festa do Divino, em Alcântara. Me lembro que um escravo do Felipe Franco de Sá fez a festa como Imperador e convi-



Alcântara de seu Heidimar

dou o filho do nobre para representá-lo na cerimônia, sendo o Imperador do Trono. Que há o Imperador, dono da festa que administra a festa e aquele que o representa nas cerimônias. E ele não aceitou, que o seu filho fosse Imperador junto e sim, expressou a sua vontade do filho do escravo se sentar no trono e ele preparando o negro. Foi o primeiro Imperador negro em Alcântara, o próprio filho do escravo se sentou no trono. Mandou preparar, cunhar uma coroa de prata para que ele usasse.

E - Esse fato ocorreu em 1802?

H - Olha, eu posso informar depois a vocês, porque deve ser na idade do filho de Felipe Franco de Sá. Até que eu tenho documentos aqui, quando isso se passou. Vou informar posteriormente a vocês.

E - Os escravos organizavam mas com o apoio da Igreja ou...

H - Tinha o apoio da Igreja. Apoio da Igreja, eu acho, as festas antigamente mais aproximada do rituais ou da liturgia da Igreja. O ritual já se vê é que as caixeiras fazem: as suas danças é um ritual, na Igreja seria a liturgia. Eu achava antigamente mais aproximado, as missas mais assim, mais solenes e os religiosos davam assim mais apoio. Eu acho mais simples agora, as missas são bem mais simples, eram pregações muito bem preparadas, as missas solenes em latim, em gregoriano. Essas eram as missas da Festa do Divino. E durante a missa da Ascensão, no Glória in Excelsus, eles soltavam uma pombinha branca, para simbolizar a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos. Ultimamente, está assim novamente introduzindo, mas não como antes. Era uma liturgia muito bonita, um cerimonial muito bonito pra soltar o pombinho era o próprio Imperador, o dono da festa que soltava o pombinho na Igreja, e também a coroação da Imperatriz, do Imperador, na missa da Ascensão, que se faz agora no final. Antes era também no final, mas com uma cerimônia mais tocante, mais majestosa.

E - O senhor vai se esforçar para que volte a ser assim, não é?

H - É, eu espero. Eu até acho que vou... Eu ultimamente tenho surpreendido muito o povo de Alcântara e eles estão assim admirados "O que está acontecendo com ele?" porque eu nunca fui muito interessado, mas não muito corajoso de fazer construções e nem restaurações. Eu resolvi agora restaurar um sobradinho onde eu pretendo morar. Sobradinho pequeno, aconchegante. Então as pessoas que não me conheciam por esse lado, acham que ainda estou disposto a fazer isso. E mais ainda quando eu aceitei ser Imperador, todo mundo ficou... "O que está acontecendo com ele? Não sabemos o que está acontecendo, porque está mudando. Ele está se, eu acho que chegou..." Eu falei né? Que dentro desse mesmo trabalho que venho me esforçando pra uma reativação cultural, eu estou querendo também muito nessa participação dessas festas de Alcântara, participação na restauração de determinados prédios em Alcântara, que eu achei sempre uma tristeza, uma desolação solares, casas em Alcântara, às vezes de uma arquitetura tão aprimorada, abandonadas, às vezes pelos próprios alcantarenses, que não se sentem estimulados e nem atraídos pra fazer recuperação de uma casa.

E - *Qual ação da Prefeitura nesse sentido?*

H - Olha, nesse aspecto eu não acho ação nenhuma. O prefeito atual, como outros prefeitos, eu não posso dizer que eles não estejam assim trabalhando. Eles estão trabalhando, desenvolvendo determinados setores, mas por esse aspecto de preservação arquitetônica e cultural eu acho que nós ainda não nos assumimos muito bem. Eu estou me esforçando pra que de minha parte, isso aconteça, não só pra dar um exemplo, mas também pra me satisfazer pessoalmente.

E - *Esse prédio que o senhor está reformando, sempre foi seu, ou o senhor comprou? Uma curiosidade: o senhor sempre morou em vários prédios, não é? E me parece que nenhum de sua propriedade. Sua família teve tantas casas e o que foi que aconteceu?*

H - Bom, eu disse que as casas onde eu estou morando, ou melhor, passando, todas foram de minha família, e hoje são de outros proprietários. E que esse sobradinho que está sendo reformado, também foi de minha família; eu estou fazendo sobre as mesmas linhas arquitetônicas entendeu? Pra eu morar em definitivo. Porque aquela casa que eu tinha, onde eu nasci, onde me criei, foi desapropriada pela Pro-Memória, hoje IBPC, com todo o acervo da casa para utilidade pública. Seja um Museu, Museu da Cidade, mas isso foi em cinco de dezembro de 1986 e o prédio ainda não está em atividade pública. Em utilidade pública, ainda não está e nem sei quando vai ser, simplesmente eu me retirei da casa, né não? E depois a solicitação do senhor Ivan Sarney que foi bastante digno em todo esse processo do qual ele não tomou parte. Ele me pediu de voltar a casa, como guardião. Mas olha, esqueci de dizer a vocês: a minha presença aqui em Alcântara também teve assim uns certos lances bastante dolorosos, mas que chego a reconhecer que eu estou assim bem mais forte no psíquico, e quem sabe até no físico, do que eu falei até um pouco enfraquecido. Eu nem sei se não estou talvez mais forte, porque eu agüento todos esses embates que para outros poderia enfraquecer muito. A desapropriação foi uma situação grave e dolorosa, principalmente no dia em que houve a imissão de posse e entreguei no cartório a chave de nossa casa, com a roupa pessoal. E, por coincidência, nesse dia completava 100 anos que meu avô tinha comprado da Baronesa de São Bento. Só não sei se foi na mesma hora, mas que foi mesmo dia 19 de novembro de 1989.

E - *O senhor acha que o Estado vai restaurar a casa?*

H - Eu acredito que vá conseguir, pelo menos a Casa do Divino está em restauro, né? Para ser o Centro da Cultura Popular reativando a Casa do Divino. Outra, deve ser uma casa de audiovisuais já. As peças que estão aqui na Casa de Cultura Popular de audiovisuais passam a compor

essas casas e aqui estão se projetando como uma Casa de Época. Então vamos chegar até lá, né?

E - *Como o senhor vê a ação da Secretaria de Cultura dentro do processo cultural de Alcântara?*

H - Olha, é como eu disse e repito: com essas autoridades agora, de certo tempo, da Secretaria, eu acho que a Secretária está muito mais interessada e até começando a ajudar a implantar essas obras aqui em Alcântara. Agora, a nível de preservação arquitetônica, isso realmente eu acho que a Secretaria não tem condições de desenvolver um processo desses. Eu acho que muito mais teria o IBPC que é internacional. Também não sei até que ponto o governo estadual, na situação difícil em que está o Brasil, tem como conseguir a preservação desses prédios, a estabilização das ruínas, porque nesse aspecto eu não vejo em que Alcântara melhorou, a não ser na atitude de restauro de pessoas que não são alcantarenses, mas que têm sentimento por Alcântara e é elogiável. Um deles José Wilson Farias que grandes restauros já fez em Alcântara. Agora está fazendo um outro grupo, Ayrton Abreu e outros amigos, estão fazendo o restauro do Cavalo de Tróia, o prédio que se chama Cavalo de Tróia que até hoje não sabemos porque que a história de Tróia está bem longe, talvez por ser o mais alto da cidade. E Péricles Rocha, também, já deu a sua colaboração e repetindo: eu não sei como a Secretaria poderia tomar assim uma responsabilidade muito imensa dessa. Eu acho que não, mas a Secretaria está tornando a sua presença muito viva aqui em Alcântara. A Festa do Divino foi primeiro ano em que a Secretaria ajudou de uma maneira consistente, doando a cada festeiro um recurso não tão pequeno e até mesmo, conseguindo um boi para a festa, por atitude da Secretária atual. Toda disposição, a presença dessas pessoas acompanhando naturalmente os cortejos. Olha, a não ser Zelinda de Castro e Lima que sempre foi, com seu esposo, figuras presentes em Alcântara, eu estou muito satisfeito de ver as autoridades agora participando direta-

mente nas festas, muito interessadas, né? Eu acho os Secretários passados um pouco... não posso dizer indiferentes, talvez com poucos recursos pra dar o apoio que aquelas autoridades estão dando.

E - *Os móveis da casa onde o senhor morava, onde estão?*

H - Olha, na parte dos móveis estão aqui no Museu, Também com o que se refere a prataria, louças, cristais, mas há reservas técnicas, dois espaços, três espaços de reserva técnica estão assim entulhados de peças, com apoio da Coordenadoria, nós temos duas estantes, mas sabe que as estantes estão cheias e o quarto continua entulhado, muitas peças, e com tratamento só pela Secretaria. Agora mesmo estamos esperando dez cadeiras de medalhão e a marquesa que estão sendo empalhadas, palhinhas indianas providência da D. Nerine, a D. Lúcia tá tomando providências também, em tratamento de cadeiras, aqui, inclusive, um grande número de cadeiras austriacas que estão em depósito nessa casa. Assim, daqui a pouco tempo se destruindo completamente, a D. Lúcia me informou que ela pode restaurar duas cadeiras por mês, mas vai restaurar, entendeu? Isto que estou dizendo, eu nunca senti maior interesse, como esse agora por projetos, realizações.

E - *Bem, já que falamos da participação do governo do Estado com relação a Alcântara, qual a sua visão do lado federal com Aeronáutica instalada, aqui, em Alcântara, com essa base? Como ela influiu, se ela dá algum incentivo a esse lado cultural ou ela prejudicou, se tornou omissa. Qual a sua visão em relação a Aeronáutica?*

H - Olha, eu acho que essa sua última expressão, omissa é a bem certa. Ela é omissa. Ela não atrapalha, o grupo do projeto ou o projeto em si, não atrapalha, entendeu? Não intervém contra a cultura popular principalmente, mas também é omissa em atitudes que poderiam assim preservar, beneficiar. De maneira nenhuma eu não acho diretamente. Houve uma restauração aqui, uma, vamos dizer que o prédio para o Hospital, acredito que venha através

da Aeronáutica com a Andrade Gutierrez. Olha, fora esta eu não vejo outra, não. Eu não estou criticando, eu estou sentindo a falta. Nós temos aqui em atividade empresas de grande porte como a Andrade Gutierrez, Mendes Júnior e outras que para essas empresas, assim, estabilizar uma ruína, restauração de um prédio, seria para eles um pequeno recurso para fazer isso, e também status pra própria empresa, contribuindo na adoção. Mas só que isso não acontece, por que? Por falta de providência, de solicitação de autoridades daqui de Alcântara, do município ou do governo. Não sei, acredito que já houve solicitação. Agora, também eu acho que pra autoridades que dirigem esse projeto espacial, ou seja, o GICLA, a direção do GICLA acho que não precisaria de maneira nenhuma ter solicitação. A presença deles aqui já seria um assumir nesse aspecto.

E - *E quanto às pessoas e aos jovens de que o senhor falou antes? em que isso pode ter influenciado, em nível de expectativa de vida, para as pessoas em geral, o jovem principalmente?*

H - Olha, o campo de trabalho isso tem sido muito melhor para os alcantarenses, que hoje os jovens não precisam sair em geral pra ter um trabalho no campo, que eles se tornam militares ou civis trabalhando nesse espaço ou com as empresas. Agora eu fico sempre a pensar depois da conclusão desses trabalhos, dessas empresas, não vão ficar permanente. Vão sair. E aí? Quer dizer que o povo tem retrocesso, o que seria um preparo das autoridades municipais, preparando o tempo em que eles vão ficar sem esses trabalhos nessas empresas, que seria por exemplo, seria tão fácil ou tão difícil preparar esse momento, porque eu acho que nem mesmo as autoridades municipais... E eu não estou falando só dessa, estou falando de outras, não estruturaram, não prepararam em diversas situações para receber esse projeto espacial. Não tem um plano diretor. Se fala de plano diretor há anos, tem vindo grupos que estão trabalhando sobre o plano

diretor. Já vieram aqui assim uns quatro arquitetos do plano diretor e esse nunca se implanta. Se comenta agora que Plano Diretor será uma felicidade. Se esse Plano Diretor agora se cumprir, entendeu? Se fala em estabilização de ruína. Acho que é muito difícil para Prefeitura, com o recurso que recebe, agora com a responsabilidade que tem em estabilizar uma ruína, que eu não sei o montante disso, da estabilização de uma ruína. Talvez, se já tanto, talvez não seja. Mas, quais as providências tomadas, providências imediatas e aceitas. Qual seria? que eu sei que sempre teve volumes de documentos, de solicitações. Será uma boa sorte para Alcântara, se agora isso se realizar e até posso achar que isso vai ser muito reconhecido, o esforço do prefeito atual e das pessoas da assessoria do prefeito, e ainda mais a interferência é... é o desejo de autoridades como D. Nerine e D. Lúcia, etc. Esse será um caso assim bem novo, porque todo esse processo já se passou há anos atrás e nada se realiza, enquanto Alcântara vai indo dia a dia, sendo prejudicada na sua arquitetura, na sua educação, que eu sempre pensei, nos colégios seguem um programa da História Geral, Geografia Geral, tá tá tá... e a de Alcântara? História de Alcântara que começa a ter nos colégios, mas como ter? Qual a maneira de apresentar o conteúdo. Isso é registrado como currículo, que muitas vezes, quando eu sou convidado a palestra nas escolas e que eu pergunto: vocês sabem o que é a Festa do Divino? O que vocês queriam saber da Festa do Divino?

- "Nós não sabemos nada de Festa do Divino".

- "Não sei o que é a Festa do Divino".

Sabem quem foram dois importantes médicos de Alcântara, Silva Maia e Neto Guterres, a personagem deles, a individualidade deles, a biografia deles. Eu acho que está por aí até assim, um novo programa escolar que fosse aprovado pelo Estado, porque tudo que se refere a Alcântara deve ter um projeto, um programa especial, até mesmo nas construções aqui em Alcântara...

Há, pouco tempo o Dr. Linheiros de IBPC me fez certas reclamações, por exemplo, aqui sobre a pintura da Casa do Divino, numa cor amarela, que implicava com as cores primitivas desses prédios. Eu achei essa crítica muito, muito simpática, entendeu? Porque se as cores das portas não são contrastes com o amarelo e que a porta em determinado tempo ela teve uma cor cinza ou uma cor verde, não é não? Que poderia ser naquele tempo um pouco o gosto daquele proprietário. Não vejo por que não fosse apresentado uma cor mais harmonizada com os azulejos, né? Mas se deixa e se é forçado a construir um colégio-padrão numa cidade histórica como Alcântara com blocos de cimento. Isso acredito que a insistência ou observação da Secretaria, então tinha o Prefeito que atender ou perder. Talvez que eu também não perdesse essa oportunidade, já que precisava de ampliação do prédio, mas pode imaginar o contraste de um prédio desse, junto à arquitetura portuguesa. Então, até agora eu não entendo. Isso pra mim é um sentimento muito grande de pesar, de ver Alcântara precisando de tantas atitudes, mas que são atitudes assim muito históricas, muito folclóricas, pouco realizadas. Acho nós precisamos assim é de ver, a realização daquilo, uma autoridade. Eu não gostaria que meu pai tivesse sido Prefeito, atualmente. Não, sabe por que? Porque uma autoridade, um governante de Alcântara agora ele talvez tenha que ter um preparo maior, não é não? Uma responsabilidade maior até que a do próprio Governador, porque ele está operando num lugar onde está sendo implantado um projeto de futuro, dum país em desenvolvimento, não é não? Então, ele tem que atender aquele projeto dentro de um contexto histórico tradicional, como harmonia disso tudo como parte da sociedade. Quem são os assessores? Eu sou. Não sei o que vocês vão sentir, não sei, mas eu costumo reconhecer aquilo que está com falta minha e dos outros. Eu acho que deixei bem expressiva quando eu falava em lamúrias. Eu quase chorar pela falta de recursos do Museu para o

desenvolvimento desses espaços, a esperar muito de Secretaria, quando não devia ser assim, começa pela falha minha mesmo eu não tenho que ficar sonhando nem lamuriando, eu tenho é que ir a frente e procurar recursos e apoio em diversos lugares, com diversos grupos e diversas pessoas, então eu estou sentindo que quanto a esse trabalho em Museu, essa atividade em Museu também estou com falta. Quer dizer, que não é falta das autoridades é falta minha, se eu estou com a responsabilidade da administração, sou eu que devo tentar do possível fazer o impossível, possível para conseguir desenvolver, entendeu? esses espaços, não será também isso que deve sentir, que deve ser uma autoridade a nível de Prefeitura, sentir e ver o que está a sua Comunidade, o que é a sua Comunidade, o que ela precisa pra uma convivência com um grupo novo de trabalho e de pessoas, e o grupo já residente e de níveis diferentes. Como conseguir? Não sei se para um Prefeito também está na minha situação, sonhando e lamuriando. Será que tá procurando mesmo? Porque eu acho que um Prefeito, eu espero que o próximo prefeito ou prefeita, realmente antes de assumir ele pense na grande responsabilidade que ele está assumindo, não é só pra ter um título. Isso implica também me lembrar que quando aceitei ser Imperador não é só dizer: eu sou a figura mais importante da festa, que é uma passagem assim muito transitória, muito rápida, mas é a minha responsabilidade em procurar a semelhança das festas passadas. Só que a possibilidade de um aprimoramento espiritual numa festa que se pode dizer, eu não digo profana, eu digo muito só cultural. Eu acho que uma festa em louvor também ao Espírito Santo, ela tem que ser burilada na parte espiritual. O que é o Espírito Santo? Os setes dons do Espírito Santo, que nós temos na festa atualmente é uma desarmonia, uma disputa de festeiros, que se contradiz totalmente com os sete dons do Espírito Santo. Antes da minha festa eu gostaria de ter aqui, em Alcântara, uma missão, naturalmente religiosa, católica,

porque a predominância aqui é católica, para formar às pessoas do que é o Espírito Santo, quais são os dons do Espírito Santo. Não isso que muitas pessoa pensam. Se alguém não faz uma festa, porque naturalmente ficou nervoso, alguém não tem condições, o Espírito Santo castiga. Se acontecer um acidente daqui a pouco, castigo do Espírito Santo. Quer dizer: um Deus tirano. Se eu não posso fazer uma festa depois eu fico desanimado, nervoso com a festa. É claro que o Espírito Santo não põe sobre mim o castigo mortal, né não? Simplesmente eu não pude fazer mais a festa. Eu me desencorajei. Isso não vai acontecer porque eu sei da minha responsabilidade sobre essa festa. Muito pequena do que se possa pensar numa responsabilidade assumida por um Prefeito, que ninguém deve gritar mais, ninguém deve se impor mais, ninguém deve se esforçar mais para conseguir realizações no aspecto geral em Alcântara. Acredito que os Prefeitos, eles se esforçam, mas será tanto? Será tanto? Com a certeza do que eles podem fazer... Pra lhe ser franco, eu vou lhe dizer e você ouve bem: Eu acho que na constituinte Alcântara ou cidades históricas do Brasil, com a deficiência que tem nessas cidades, a carência que tem nessas cidades, elas deviam ser dirigidas por um Conselho, não por uma autoridade administrativa, mas por um Conselho. Nesse Conselho um profissional em Administração, um profissional em Sociologia, um profissional em Agronomia, um profissional em diversas áreas. Um Conselho, até quem sabe vocês vão rir de serem os doze apóstolos que dirigiriam uma cidade dessa, um grupo que tivesse coordenação, que tivesse diálogo, providência em conjunto para chegar a uma grande realização nessas cidades, como as cidades da Europa, principalmente, chegam a isso, chegam. Não se pode comparar os centros históricos da Europa com os centros históricos do Brasil. Eles tem muito mais projeção, muito mais preservação, muito mais cuidado. Eu noto, notei numa viagem que fiz depois que daquele tempo que estive na Europa,

numa cidade histórica na Argentina. Olha, uma pedra caindo de uma ruína e se recolocando aquela com carinho, com uma correção. Mas, aqui as pedras rolam. Isso eu digo aqui no Brasil, as nossas cidades históricas são abandonadas e, ainda muito mais Alcântara, muito mais Alcântara, em vários aspectos. Eu acho. Tudo em Alcântara é um projeto, um programa especial. Você veja quanto é importante uma assessoria em que tenha pessoas fortes, pessoas dinâmicas, ou que dentro daquela assessoria tenha um trabalho que realmente precise no lugar. Se faz um trabalho aqui em Alcântara além de outros, que eu acho louvável, acho muito esforço das pessoas que trabalham, por exemplo, em Departamentos de Meio Ambiente. Eu acho que muito já foi feito, muito já foi despertado, como no Brasil ou mundialmente está sendo despertado, do que é a preservação do meio ambiente, ao que é o cuidado em não deixar desaparecer diversas aves e outras, como não dizer, as baleias, né? Aqui em Alcântara, também se está lutando pra preservar os guarás, e outras aves. Esse está sendo um trabalho que tem um fundamento. Mas será que aqui em Alcântara, esse trabalho, mesmo feito pela Educação? esse mesmo trabalho feito pela Saúde? se não diagnosticado a doença, passar o remédio é bom, mas ter uma educação sanitária, formar profissionais naquela área. Tem curso o quê? Científico e profissionalizante em Enfermagem. Eu acho que nós temos um bom número de professoras em Alcântara. Tem uma Escola Normal. Mas não é só professores de que precisa Alcântara. Precisa de Enfermeiras, precisa de Atendentes. Não tinha Enfermeira de nível superior para dirigir um curso desses pra dar matéria em que os médicos não podem dar, mas tem agora. E então o curso já devia ter começado agora. Então, quero ir deixando bem claro que não há nenhum interesse para mim de ter assim o acatamento, um bom relacionamento, porque um Prefeito, uma autoridade de Estado, uma Secretária, tal eu elogiei muito eu enalteci muito. E não? Eu acho que

a gente deve dizer, falar com franqueza da sua deficiência, do que falta no nosso trabalho. No meu trabalho, por exemplo, mas também o que a gente sente faltar no trabalho na Comunidade, entre os trabalhos, as atividades daquela. Nesse encontro o que interessa pra nós, tá interessando tudo sobre Alcântara, mas o que mais interessa agora é a parte de preservação, de reconstituição da história de Alcântara, da vida cultural, popular de Alcântara. Olha, eu acho as pessoas muito isoladas, muito isoladas, uma Prefeitura, na sua Secretaria de Cultura, tem titulares que eu não vejo a menor presença dessas pessoas aqui no Museu, nem pra um diálogo que vocês estão fazendo hoje. Não se reúnem os órgãos da Cultura para discutir, pra dialogar. Os choques das idéias nascem disso. Todo mundo sabe ver e quais as providências a tomar. Eu nunca me lembro da Câmara de Vereadores vir aqui em conjunto no Museu Histórico, saber como está o Museu Histórico, aquilo que ele representa, o que pode dizer o diretor do Museu Histórico, que tá na vivência desse aspecto, dessa vivência cultural. Não é possível que uma pessoa que trabalha num espaço desse, vendo toda hora as coisas da arte popular, do mobiliário das coisas que pertenceram a um passado, ele não esteja sentindo e sabendo que a cidade precisa ou até seu próprio órgão. Não vamos dizer tão egoistamente o órgão em que ele trabalha mas o contexto, a cidade toda, não? Eu me sinto muito triste, muito desanimado e às vezes chego a dizer: vou sair de Alcântara. Eu não estou mais suportando ficar aqui em Alcântara. Eu me sinto muito isolado, mas isolado por falta de pessoas que tenham o mesmo ideal, com a cultura, entendeu? Se reunam, se encontrem. Nós não temos isso aqui em Alcântara. Nós somos cada vez muito mais desligados, cada um trabalhando em seu canto e a gente nunca se junta. Pode entender como eu posso trabalhar sem conviver com a Secretaria da Cultura? Que é o órgão em que eu trabalho. Como pode viver aqui uma Secretaria da Cultura sem a menor rela-

ção com os espaços que também tratam da cultura? Não é querer dizer só Município, não é querer dizer só Estado, mas esse trabalho em conjunto. Eu não vejo isso aqui em Alcântara, nem antes e nem agora. Pode ser que futuramente tenha, mas eu não vejo. Eu vejo aqueles trabalhos assim fechados no âmbito municipal, ou fechado no âmbito estadual. Agora, para mim, por exemplo, no caso é muito mais difícil chegar à Prefeitura e dizer assim: "Vem cá o que é que está fazendo a Secretaria de Cultura? Quais as atitudes que a Secretaria de Cultura e de Educação estão tomando?" O que eles vão sentir, até talvez não sentissem, a mentalidade fosse outra, mas vão sentir porque eles nos questionarão o que ele tem no nosso meio se ele é um funcionário é do Estado? Então, eu vou dar uma folga, me permita dizer uma folga de qualquer maneira. Eu agora estou com aquela idéia de Imperador. Eu vou dizer, eu dou uma folga.

E - *Bem o senhor ontem nos falou que seu avô teve uma Farmácia de Manipulação. Queremos saber se o senhor sabia ou sabe algum tipo de remédio que ele fazia e qual a finalidade.*

H - Olha eu não me... eu tenho três livros aí com todas as fórmulas, de tudo isso que foi desapropriado nessa casa, pra mim coube só dois vidros de remédio, também essa listagem. Agora saber assim as soluções, pra que, entendeu? Como se chamavam? eu não sei.

E - *Ele trabalhava com que tipo de ervas, ervas locais mesmo, ou que tipo de ervas ele usava?*

H - Olha, erva cidreira, é com Santa Quitéria, hortelã da folha grossa, mastruço, entre outros.

E - *Ele aprendeu isso em escola, ou foi em experiências?*

H - Olha, ele tinha assim orientação do seu pai que também tratava aproveitando essas ervas medicinais e também com João Vital de Matos que era muito seu amigo, né? Ele fez uma aprendizagem nessa João Vital de Matos que tinha uma Farmácia de Manipulação.

E - *O senhor também falou ontem, quando falou de seu avô.*

deu a impressão de que havia uma ligação muito forte entre o senhor e seu avô. Como era sua relação com ele?

- H** - *É, meu avô, porque apesar de eu ter assim realçado que ele não gostava muito de ficar em Alcântara numa casa onde era assim a semelhança das casas dos nobres, mas eu gostava muito de saber todos os fatos, todas as ocorrências passadas em Alcântara, e ele me atendia, contava muito de todos esses fatos históricos de Alcântara. Por exemplo, a Ilha do Livramento, eu fiquei sabendo que foi um isolamento da febre amarela, inclusive um irmão seu morreu nessa casa, na Ilha do Livramento. Quando alguém morria, na Ilha do Livramento, hasteava uma bandeira branca comunicando que alguém tinha morrido. Ia uma pessoa até o porto saber o nome daquele falecido. A ilha do Livramento é envolvida em lendas, em fatos, por exemplo, em isolamento da febre amarela e também no fogo fátuo, que o cemitério em Livramento daquelas pessoas que morreram dessa epidemia, eu soube que elas eram enterradas à flor da terra, não com muita profundidade. Então, o fogo fátuo provinha desse cemitério e que se chamava aqui, em Alcântara, Curacanga. Olha, lá na Ilha do Livramento hoje é o dia em que estão as Curacangas, se olhava aquelas bolas de fogo que assim pareciam correr na praia, né não? E até se dizia que fulana de tal virava Curacanga e ia pra Ilha do Livramento.*

E - Porque ela virava, o senhor sabe?

H - Não sei.

E - Porque tem uma história, sobre a mulher que namorava com padre?

- H** - *É eu também ouvi falar também. E também eles diziam que a Nossa Senhora, um sábado por mês, tinha uma procissão luminosa de Nossa Senhora nas praias de Livramento e, se alguém visse essa procissão a luz era tão ofuscante que morria. Então, por isso a Ilha do Livramento nunca foi habitada porque as pessoas tinham receio desses fenômenos ou dessa ilusão, dessa procissão luminosa acompanhado de um cortejo de anjos e que isso*

provocava assim uma doença grave, cegueira, ou então morte. E a Ilha do Livramento ficou assim sempre deserta. Os padres canadenses quiseram assim demonstrar que na realidade isso não acontecia, que não podia ser Nossa Senhora impedir alguém de morar na Ilha do Livramento, e colocaram lá um casal, em que tinha uma pequena lavoura, uma pequena plantação mas aí coincidiu da mulher do encarregado e dele também morrer tempos depois de febre amarela. De febre amarela, não, de terçã maligna. Aí confirmou para o povo que não podia ninguém morar na Ilha do Livramento, né? E nisso é que meu avô me falava que encontraram num contorno da Ilha, numa falésia, até que ainda continua, o local tipo uma loca, na falésia que lá encontraram a imagem de Nossa Senhora do Livramento em tamanho normal de uma pessoa em carne e osso, e que o Papa mandou levar essa imagem assim para Roma, e em troca mandou uma imagem pequena, uma miniatura que é em pedra-sabão, para substituir aquela que era humana. Uma imaginação e muito fértil né? Mas, que isso passou à história da Ilha. Agora, eu acho que sinto um pouco de preocupação no que vai acontecer na Ilha do Livramento, envolvida dessas lendas, com a sua beleza, com burilada, pelo... sobrenatural, pela imaginação do sobrenatural, ela vai, ela foi, arrendada por um grupo e esse grupo vai lá fazer uma estância, uma fazenda, né não? Estão assim promovendo isso.

E - *Eu ouvi falar que seria um casino.*

H - É, agora eu não sei até que ponto isso se junta a essa, vamos dizer, porque eu estou falando dessas lendas, mas não em detalhes, com os detalhes a gente chega a reconhecer uma lenda fantástica, porque que tem tantos detalhes nisso que como era o culto da imagem de Nossa Senhora do Livramento, a promoção da festa anual.

E - *Como é a história da santa ser trazida para cá, para a festa e a imagem aparecer no Livramento?*

H - É, se comentava isso, dependendo da Igreja onde ela ficava, a partir do dia em que traziam a imagem em procissão para a Igreja do Carmo, aí, então, depois deixou de acontecer isso. Eu sei que a sexta-feira da semana da festa então vinha em cortejo a imagem, os pescadores com aquelas canoas todas enfeitadas com bandeirinhas, muito foguetes. Iam trazer a imagem em procissão, e tinha muito flamboyant nas ruas de Alcântara e coincidia estarem floridos nesse tempo. Eles faziam assim um tapete, uma passadeira vermelha do porto até a Igreja do Carmo, entendeu? Com todas as flores do flamboyant, a gente olhava nas ruas, elas estavam assim vermelhas à passagem de Nossa Senhora do Livramento e em determinados lugares tinha assim uns barquinhos, um ano dois, outro ano três barquinhos. Ao passar a procissão, o barquinho virava e atirava as flores em Nossa Senhora. Era uma procissão assim, uma festa muito bonita. Então ficava a Santa em festas de arraial. Muito diferente do que é o arraial de hoje, não é não? O lucro desse arraial era para conservar a Capela do Livramento e ao domingo então tinha uma procissão de Nossa Senhora do Livramento, na cidade. Segunda-feira voltava à ilha. As pessoas iam deixar Nossa Senhora e lá tinha todo um culto de despedida emocionante, uma pregação do padre dizendo que por um ano a pessoa, os fiéis iam ficar distanciados de Nossa Senhora do Livramento, mas que ela lá continuaria a proteger as pessoas não é não? E depois cantava um hino de despedida e as pessoas voltavam pra casa. Então é esse que é o resumo da festa de Nossa Senhora do Livramento, que era uma festa muito importante, como a festa do Divino. Eu acho que era de maior importância para o povo, era a do Divino e a de Nossa Senhora do Livramento. Hoje não acontece todos os anos. Ano passado aconteceu, mas eu achei uma festa muito simples, despida daquele entusiasmo do povo. Pelo que eu sei, o que é o culto de imagens e quer dizer, eu noto que essa imagem perdeu muito da imantação. Nos livros que tra-

tam desses dos efeitos de imantação, por exemplo, se nós temos uma imagem e a mentalização das pessoas forma uma aura nessa imagem, entendeu? Uma aura... O misticismo do trato dessa imagem termina por fazer naquela imagem um foco de imantação e que atrai as pessoas, por exemplo, romarias na Ilha do Livramento, de tantos lugares. Até mesmo de fora do Estado vinham pra fazer romaria a Nossa Senhora do Livramento, não é não? Isso cessou. Houve um roubo de um sino na Capela do Livramento, então os zeladores achavam que a imagem também devia voltar, ficar aqui em Alcântara, tanto que hoje já não tem mais a importância para o povo ir buscar a imagem na Ilha, ir deixar a imagem na Ilha, porque a imagem vai, mas volta. É só uma simulação e o povo não aceita muito essa simulação, como quando a imagem ficava lá. Hoje está a imagem em casa particular, quer dizer, isso impede das pessoas terem uma comunicação com a imagem, de visitar a imagem. Ela não está na Igreja, está numa casa particular. Isso é o que eu posso falar em resumo, da Ilha do Livramento que eu acredito, daqui a um tempo, ela perdeu todo esse misticismo. Ela vai se ocupar com um processo, um programa de turismo. Até que ponto, dizer assim, vamos restaurar a capela. É muito insignificante para conteúdo místico-histórico da Ilha. Eu acho que o que podia ser aproveitado essa Ilha, era pra uma reserva ecológica, não é não? Um reflorestamento porque na Ilha do Livramento, tinha muito pau-d'arco amarelo e roxo. Unia tudo, coincidia na época da festa, época da festa em dezembro, a Ilha parecia florida em determinados lugares, pau-d'arco amarelo e, em alguns lugares, roxo. Ai se dizia assim: a ilha do Livramento está toda cheia de flores esperando a sua festa. Essa existia com o povo, na imaginação do povo. Olha, eu acho que, como Patrimônio Histórico, IBPC, a Secretaria de Meio Ambiente, acho que devia impedir um processo desse nessa Ilha, porque o que vai ser é uma fazenda, atrair turismo, atrair pessoas daqui que passam

a ir para um fim de semana. Lá, com bar com tudo, será que se junta ao sobrenatural da Ilha? Eu acho que não! Termina por se deixar acabar de morrer toda essa vida, esse sonho, essa imaginação não é não? E até mesmo a presença dos elementares, até que o mesmo não sei por- que eu estou indo mais longe, para aquilo que realmente era a entrevista. Pelo que eu sei de elementares, das for- ças da natureza assim, bastante, é de muita influência, no lugar, depende em que o lugar seja assim deserto, seja assim íngreme. É uma das raras praias que nós temos aqui ainda íngreme, porque as outras praias já estão na habitação do residencial dos militares, dos civis, enten- deu? Até nem temos muita liberdade, entendeu? Da nossa visita e presença nessas praias, a Ilha do Livramento é uma das raras íngremes. Ora, eu acho que se devia pensar, se ouvir o povo para se decidir no arren- damento. E como seria o processo desse arrendamento? Eu acho que, por exemplo, lá um instituto bíblico, um local de retiro, como as irmãs canadenses aproveitaram a Ilha do Livramento para os retiros, como há em São Luís, um lugar que se chama Oásis, onde as pessoas se reúnem para estudos bíblicos. Eu acho que seria o mais adequa- do para a Ilha do Livramento. Ainda com os zeladores lá, com uma família zeladora, não é não?, que se responsa- bilizaria pela casa de retiro. Como seria bom as pessoas que querem descansar, que querem participar de uma for- mação, de adiantar a sua formação, seria o local adequa- do para isso. Todo o ambiente da Ilha, já prestaria, servi- ria para burilar todo esse trabalho evangélico espiritualista. Acho até que podia ser uma casa de retiro ecumênico para outros grupos religiosos, outras filosofias, mas para um assim, uma atividade de turismo particular... E será que esse grupo terá assim recursos para fazer um grande casino, porque, pelo que eu vejo assim, quer dizer, a implantação de um sistema de turismo pelo Mediterrâneo, acredito que seria um grande centro turístico, mas por um grupo que não está com o status do Mediterrâneo. Eu

não acho que realmente valha a pena, então nós estamos perto de todo esse carisma, de toda essa imantação, de todas essas lendas da Ilha do Livramento desaparecer, ou ser apenas como um fato do passado e as pessoas sei que vão se esquecer, porque eles vão trocar esse imaterial por um material totalmente diferente. Admira assim que o bispo da Diocese de Pinheiro não tenha assim se precavido, imaginado o que pode acontecer, ou não projetado uma casa de repouso, uma casa de retiro e, sim dado preferência a um grupo imobiliário, de turismo. Uma interrogação: o que acontecerá à Ilha do Livramento?

E - *Já que o senhor falou da festa do Livramento há uma festa também sobre a qual queríamos saber, é a de São Mathias Padroeiro.*

H - É, São Mathias que era uma das festas assim... tem focos em Alcântara que tinha força no sentimento de Alcântara, na devoção de Alcântara. Há anos passados. Depois roubaram. Eu não sei se roubaram, levaram a imagem de São Mathias. E aí ficou muito tempo em lugar desconhecido. Com a presença de Padre Popp, um padre húngaro que já monsenhor Popp, a imagem foi encontrada e voltou a Alcântara, uma grande festa, com promoções da estiva, do grupo de estiva de São Luís e aqui, em Alcântara chegou em uma grande festa de apogeu. Depois, olha, amorteceu o movimento da festa de São Mathias. Hoje é uma festa sem grande expressão até mesmo, eu acho, religiosa. Também sem preparação religiosa que poderia ser assim a época em que tivesse muitos batismos, crismas, toda essa liturgia especial da Igreja Católica. É uma festa, vamos dizer, não posso dizer assim comum, não sabe assim esse comum o que isso define, mas não é a festa mais importante do lugar, a festa do padroeiro? Em alguns anos até foi bem mais, de maior realce, ultimamente, não.

E - *Em que época do ano ela acontece?*

H - Ela não é uma data fixa, pode ser em junho, pode ser perto do fim do ano. Não há mais como a do Livramento, tam-

bém não há muito tempo exato, porque a festa do Espírito Santo, todos nós sabemos, que ela sempre acontece depois, quarenta dias depois da Páscoa, depois do domingo da Ressurreição, quarenta dias móvel, mas é definida. A festa de Nossa Senhora do Livramento sempre era para o fim do ano. Ela ficava situada entre o Natal, a festa de Natal e do Ano Novo e a de São Mathias... só voltar a imagem para Alcântara, julho, não é?

E - *Em que ano voltou a imagem?*

H - Olha, eu não sei precisar, mas fazem muitos anos. Com a presença do Padre Popp, já no início do trabalho dele, aqui.

E - *Quando era uma grande festa como transcorria? De largo...?*

H - Era, assim, uma missa quase sempre, campal, na Igreja que hoje está em ruínas que era a Igreja de São Mathias, depois a procissão, no mesmo dia e o arraial. Mas as festas de arraial... de arraial, não pode se dizer. O nome próprio que se chama...

Não há uma definição. Umhas decisões bem certas sobre o que é o contexto histórico-cultural de Alcântara. E isso implica, seria a maior responsabilidade do IBPC, que é o Patrimônio Nacional. Teria que começar por aí. Hoje já não temos mais o Escritório Técnico do IBPC, em Alcântara, na Presidência atual, quando a necessidade, seria indispensável um Escritório Técnico do Patrimônio, no lugar. O que ter que se queixar numa Delegacia tal e não ter como ser ouvidas essas queixas, eu acho que devia ter uma representação, que implicaria em todas essas situações. Olha, por falar em praias, eu realcei que a Praia do Livramento, ela tem toda uma condição ligada ao imaterial, ao sobrenatural, ao íngreme, porque as nossas praias, que são envolvidas em lendas, elas já estão como residencial, por exemplo, a Praia de Itauaçu, com pedras de um tamanho razoável, pode dizer até grandes. Há uma lenda, também, fascinante. Se dizia, assim a Praia de Itauaçu numa determinada sexta-feira da lua cheia, aparece um touro negro com uma estrela brilhante

te, assim à diferença do touro da Ilha dos Lençóis. Havia diferença no comportamento do touro, na cor do touro. Era que se dizia negro brilhante, bem negro, com a estrela. Esse touro era o comando de uma cidade submergida. Essa cidade se chamava Itauaçu. Quando a disposição de uma pessoa chegasse a ferir a estrela, aí, então, desencantaria a cidade. Porque era um jovem príncipe e era aquele a majestade daquela cidade. Era assim uma atração muito grande na Praia de Itauaçu. Era envolvida, assim, em muitas situações inexplicáveis. Uma se explica muito bem. Quer dizer a passagem daqui, das praias de Alcântara, pra lá, que também é Alcântara, fica lá no Atlântico, tinha, não sei se continua, areia movediça. Cansei de ver ficar bem seca, só com pequeno riacho e atravessar, em determinado lugar, onde não tivesse areia movediça. Que chegou até um descendente de francês, que se chamava por apelido, Cedan (ou Sedan), que foi visitar um grupo da família Soares, que nesse tempo já era proprietária das terras da Itatinga, então nunca mais voltou. Desapareceu, na areia movediça. Não se encontrou nem vestígio. Ele atravessou, com o que se diz maré seca, e não voltou. Bom, lá, não sei porque tinha, assim, um visível efeito do sobrenatural. Não sei se pelo panorama, pela situação bem nativa da praia eu, num determinado dia, fui com um menino que nós criávamos e tomando banho de mar na Praia da Baronesa, que antes se chamava Praia da Lagoa, eu decidi atravessar para Itatinga. E estava numa situação própria pra atravessar. Ao chegar, na praia, não sei porque, se era deserta, muito bonita, eu senti uma sensação muito estranha. E tomava banho e mergulhava e não queria sair do mar. O menino se assustou, que ele dizia assim: "o senhor pulava como uma peixe". Mas, naquela euforia eu queria mais entrar no mar, eu me sentia, assim, envolvido por uma força estranha e quando eu parei, vim atender o menino, pelo chamado do menino, que apavorado de eu assim, sufocar... ele... então voltamos para a passar e não podia mais

porque a maré já estava bem cheia e tomava aquela parte onde a gente podia passar melhor. Voltamos. Ele dizia assim: "Agora, seu Dima?" Era a maneira de me chamar, por apelido, o povo e em casa. Seu Dima: "O que fazer?" Não sei. Vamos começar a voltar para Alcântara pela floresta, que antes era uma floresta. Ai voltamos. Encontramos uma residência de um senhor ex-presidiário e perguntamos onde seria o caminho. Ai começamos a voltar por esse caminho. E, então, o que seria tão fácil... Havia uma coisa, assim, eu não sei daquela... em plena floresta, isso começou, assim nos envolver e o menino dizia: "Seu Dima, reza seu Dima. O senhor está ouvindo, são os currupiras que vem correndo atrás da gente". E, fazia com que os nossos próprios passos, fazia aquela zoadada de folhagem: ti..., ti..., ti..., ti..., ti... Outra vez, até lagartixas, mas essas coisas, mas o menino se assustou: "Nós estamos sendo seguidos pelos currupiras. Reze, vamos rezar" E eu, assim, para atender o menino e até mesmo por fê, rezava muito alto o Pai-Nosso. Imagine, na floresta, às seis horas, escurecendo e rezando bem alto as orações do Senhor. Então, quando chegou a um determinado lugar não conseguimos mais. Olha, começávamos e recomeçávamos no caminho e depois vínhamos pro começo, de novo. Pensando chegar ao fim, recomeçávamos. Mas, assim, um envolvimento na mente, uma força estranha, uma presença estranha. Chegamos a uma salina, nessa salina o menino estava muito cansado. Eu disse: "Vamos deitar." Ficamos deitados e tinha sempre bichos assim, pragas assim, insetos nos mordendo. Nos cobrimos de folhas. Lá embaixo era o igarapé. E, eu voltei e pra chegar a uma situação definida, quer dizer, o caminho certo pra Alcântara. Ai, nos levantamos. O luar era muito bonito, a via da Imaculada Conceição. Eu olhei, assim muito fixamente para a lua e dizia: "Imaculada Conceição, nos liberta dessa força estranha pra voltarmos a Alcântara". Isso era, mais ou menos, três da madrugada. Estávamos cansados, cortados de espinhos... Voltamos,

pelo mesmo caminho, pela praia. Atravessamos pela praia. Chegamos aqui, em casa, cinco da manhã. O que quer dizer que num lugar onde é nativo, onde é ingreme, certas forças elementares, presença do elemental, o que quero dizer, talvez, para o mais fácil entendimento das pessoas, a própria natureza, como numa presença elemental, contribui para que dê esse aspecto de fenômeno. Hoje, essa praia Itauaçu, a praia da Itatinga não tem mais um acesso livre. Itauaçu eu pensei que era uma lenda criada pelos escravos. Mas, não era. Num dicionário de uma língua indígena, de um dialeto indígena significa Pedra do Grande Fantasma. Então, já na época dos indígenas se conhecia a lenda desse touro. Eu fui saber, pelo meu avô, que havia grupos de indígenas, segundo a informação de seu avô, que iam até Itauaçu para matar o touro. Para, não digo nem matar o touro, flechar o touro na estrela. E não conseguiam porque se apavoravam do grande fantasma. Itatinga é Pedra Branca, que é a praia após a Praia de Itauaçu. Então, todas essas lendas, esses lugares, esses nomes eram do tempo dos indígenas ainda, quando nós sabemos que ITA é pedra. Temos assim: Itatinga, Itauiaçu, Itauaú, Itacolomi, eram assim lugares de aldeias. Itacolomi ainda não foi assim, não é privativa. A praia Itacolomi, que também é outra lenda à semelhança da Praia dos Lençóis. Também um rei de Itacolomi, que as pessoas quando passam na Pedra de Itacolomi, antigamente, Pinheiro e outras cidades da Baixada, vinham por Itacolomi, Guimarães... Há pessoas que tinham uma devoção com a Pedra de Itacolomi, para prevenir, pra evitar um naufrágio e os naufrágios sempre foram nesses arredores de Itacolomi. Então, se dizia assim: "Naufrágio, o rei de Itacolomi chamou as pessoas para o seu reinado." É uma cadeia de pedras que fica já no mar. Com as grandes marés ela não é muito observada e o naufrágio se dava porque tinha uma espécie de um redemoinho de água. Então, os barcos passavam eram atraídos para a pedra e aí chegavam a bater nas pedras, a provocar o

naufrágio. Essas são as nossas praias. Tem outra que se chama Praia dos Encantados, bastante deserta e que eles achavam, e hoje pouco se fala nisso, porque aqueles que tinham essa impressão, maior parte já faleceu que nessa praia era só do domínio dos encantados. Se chamava Encantaria de Alcântara. Faz tempo que eu não voltei a essa praia. Não sei se ela já é habitada. Ela fica nas proximidades do Itaúna. Outro lugar, aqui, que se chama Mirititua, Macajubeira. A Macajubeira, também, era um ponto, como outros tantos lugares assim, sempre com as lendas. Na Macajubeira três cacimbas, pequenos poços, entre as raízes da Urucuraneira. Não sei porque se chama Macajubeira, porque isso é uma palmeira e a outra é diferente. Ela nasce nessa água e se dizia que as próprias raízes purificavam a água, que essa água era reconhecida como medicinal. Até pessoas de Alcântara, que moravam em São Luís, mandavam buscar água na Macajubeira e eram pessoas de aparente boa saúde. E essa, também já está invasão, tipo uma invasão. Não foi preservada. Tem muitas pessoas que tem arrendamentos, perto dessas fontes e lá se dizia que a rainha dessa fonte era uma mãe d'água. Para tomar banho a pessoa devia pedir permissão à mãe d'água e que não se devia meter a mão no poço onde era do domínio da mãe d'água, que sempre estava lá, a rã. O que é natural, a rã sempre está em lugares assim. Mas, eram rãs, eu acho, que de uma família talvez que até já tinha desaparecido. Cheguei ainda a ver a rã lá, pintada, avermelhada. Bonita demais. Grande. Porque era respeitada essa família de rãs, lá. Não matavam, não tiravam e é quando, na noite de luar se ia lá na Macajubeira era muito bonito. Era uma floresta e ouvindo o canto das rãs. Em grande quantidade. Aí ao se aproximar diziam: "Vamos pedir, de joelhos, a permissão da mãe d'água pra tomar banho, pra beber a água, porque o poço, onde era, assim, o altar da rã, nesse ninguém tomava banho. Tomava nos outros, mais distantes. Nesse era só para tirar água, para beber. Dependendo de quem tirava, de

quem pedia permissão, com uma cuia própria, só destinada a tirar água dali. Se tirasse água com qualquer outra vasilha a água ficava toldada. Me lembro que, numa ocasião, numa época de Carnaval, eu tive uma visita, aqui em Alcântara, de um amigo, chama-se Fran Figueiredo, Fomos lá. E eu disse a ele, ensinei todo o ritual pra tomar o banho. E, assim, Fran era tão dócil em atender e, cumprindo todo aquele ritual, ajoelhado, pedindo permissão à mãe d'água pra tomar... era sabe, assim, num local, assim, que era um envolvimento, até mesmo que envolve as pessoas no cumprimento de um ritual. Essas situações, em Alcântara, que começam a desaparecer e eu volto a Ilha do Livramento, com um sentimento de pesar, pelo descrédito em que será a implantação desse grupo de turismo. Que, de início tem toda assim uma promessa, mas, depois de implantado tem a direção da empresa fazer o que achar melhor, num local com uma devastação de floresta, etc, etc.

E - *Quando nós falamos em brincadeiras lembramos a parte de manifestações. Queríamos saber quais brincadeiras o senhor assistia as crianças brincarem na sua infância. Quais as brincadeiras da época: jogo de chucho, papagaio, etc....*

H - Nós tínhamos essas brincadeiras conforme situações, nas estações. A presença das estações, no inverno era um tipo de brincadeira, no verão, outra. Os papagaios ficavam mais para o verão. Então, nas ruas, nas praças, principalmente, os papagaios eram em grande número. Até mesmo de pessoas adultas. Não só de crianças. Fazendo cerol, cerol que dizer vidro moído passando na linha do papagaio. Tinha toda uma disputa de cortar a linha do outro papagaio. "Lá vai o papagaio" Todo mundo ficava na janela vendo o papagaio, tinha pessoas, assim, tão especialistas em cortar a linha do papagaio fazendo um bom cerol, que podia até ter um prêmio de tudo isso. Não sei, não me lembro o que era o prêmio. É, na época, no tempo da lua, a partir da lua crescente até a lua cheia, seria as rodas.

as famílias de sentar na porta para participar do luar e em muitos trechos, numa rua, três grandes rodas, meninas, principalmente, e os meninos, assim, mais para animar as rodas, bater palmas, a tocar uns tamborizinhos, em brincar de berlinda. Fulano está na berlinda. Porque ele está na berlinda? Porque está assim, porque está de outro jeito e era aquele alvoroço, das crianças. Os adultos os anciões ficavam conversando sobre situações de Alcântara, sobre a época da nobreza, dos escravos, dos indígenas, sobre as lendas, sobre os contos de carochinha, porque tinha pessoas muito especializadas nisso, com bastante criatividade, entre essas pessoas a mãe Calu não é? A mãe Calu fazia toda essa roda na parte, nos baixos da casa, nas portas embaixo, na calçada, como se diz e meu avô consentia, porém nós descíamos para ouvir os contos de carochinha, mas não para participarmos das rodas em outro lugar. Era só mesmo na nossa porta.

E - *Eram histórias de reis, príncipes? O senhor lembra de alguma que mãe Calu contava?*

H - Olha, me lembro de algumas, não é? Eram tantas, eram em grande número. Mãe Calu tinha assim... era fértil em ter todo esse conto de histórias, em culinária, em tudo. Ela era muito especial. Por isso mesmo podia ser chamada, muito certo, de mãe Calu.

E - *Na culinária. Qual o cardápio que ela adotava no dia-a-dia?*

H - Olha, ela tinha receitas muito próprias. A Galinha da Baronesa. A Galinha da Baronesa era assim, não com o pescoço cortado, torcido e colocava um talo, ela ficava assim com a cabeça erguida, ela enfeitava de colares, de um vegetal que se chama olho de pombo, entendeu? É vermelhinho, ela fazia colares, colocava brincos, não é? Era uma pessoa assim. A galinha era opulenta, cheia de jóias de vegetal. Jóias, não é?

E - *Essa galinha era assada?*

H - Assada, no forno, não é não? E ela cons... ia deixar algumas penas, não é? Ela não chegava a tirar todas as penas, deixava as asas com umas penas, porque as asas podia

não aproveitar para comer e deixar só como enfeite, não é? E colocava em grandes terrinas de cerâmica, que até no Museu tem algumas dessas terrinas, não é? Colocava no forno e depois ela colocava ao redor folhagem, couve, alface, tomate, verdura, não é não? Era um prato de opulência e muito bem recheada com coração, com fígado, tudo cortado miudinho, não é? esse era o recheio com batata, com azeitona, era um recheio muito gostoso. Mas, não sei como ela conseguia fazer realmente a galinha recheada, inteira, ela conseguia passar umas linhas, mas ela era dividida, não precisava as pessoas cortarem com trinchante, essas coisas. Ela já era dividida. Apenas, às vezes assim tinha linha, segurando as partes divididas. A Galinha Fugida: isso era uma escrava fugida, cozida, não à cabidela, e coberta de um pirão ou de macaxeira, ou de farinha. Muita verdura, não se podia olhar a galinha, mas, também, no pirão tinha aqueles cortes. Ao tirar o pirão com uma colher já vinha um pedaço da galinha. Ela era hábil em cortar a galinha de uma maneira em que não desse trabalho nenhum, entendeu? Ela era assim... O purê de macaxeira, que nesse tempo se chamava pirão, não é? o pirão de macaxeira era assim uma delícia, preparado por Mãe Calu. E ela tinha várias pessoas, que nós criávamos muitas meninas, educando essas meninas, então ela fazia, assim sentar junto, ao seu redor, seguramente, umas dez meninas, não é? e ela ia ensinando. E, de repente, ela se irritava por achar pouca atenção, não é? aí ela dizia: "pode botar a mão, que eu vou te ensinar como é que se faz, como se dedicar bem, como ter atenção". A palmatória. E eu dizia: "Mas, Mãe Calu, a senhora reclama que seus senhores outros senhores batiam nos escravos. Mas, a senhora não é uma senhora e bate nas meninas". E ela dizia: "Oh! Menino Oh! Menino, que língua comprida tu tens." Toda a semana havia o benzimento, para evitar mau olhado, envolvimento de inveja. Eu acreditava. Tinha confiança. Mas, eu me sentia cansado, eu me sentia entediado.

do benzimento de Mãe Calu. Porque ela começava o benzimento, assim: "Dina pariu Ana; Ana pariu Maria; Maria pariu Jesus, Manuel da Vera Cruz." Não sei porque esse nome Manuel, complemento do nome de Jesus, Emanuel era uma coisa, mas Manuel. "Heidimar, se te botaram olho ou mau olhado, tira de cima de ti" ela não dizia, assim, ela dizia: "tira de riba de ti e bota nas ondas do mar, onde ninguém possa ir lá. Com as palavras de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo".

Mas ela começava o benzimento: "Dina pariu Ana; Ana pariu Maria; Maria pariu Jesus, Manuel da Vera Cruz"... Dormia. "Mãe Calu, Mãe Calu" acaba o benzimento, Mãe Calu". Ai, ela começava de novo: "Dina pariu Ana; Ana pariu Maria; Maria pariu Jesus, Manuel da Vera Cruz". Dormia, de novo. "Mãe Calu continua, Mãe Calu". Era uma luta, sabe? Ela dizia: "Meu filho tu tem um mau olhado como quê; eu tô com mau olhado" e abria a boca, com a vassourinha na mão. Eu acho que era o cansaço do seu trabalho. Porque ela era uma governanta, ela mandava, ela orientava, ela dirigia tudo na casa, isso... (risos), na hora em que se sentava pra benzer já era a sonolência. Numa exposição da Mãe Preta no Museu Histórico de São Luís foram peças daqui, de Mãe Calu. Ficou uma montra muita bem arranjada. A exposição foi muito bem dirigida, muito bem implantada, não é? e tinha montra de Mãe Calu, tinha benzimento de Mãe Calu. E eu, de vez em quando, passava lá no Museu e eu me lembrava de Mãe Calu, de Mãe Andresa, que eu conheci muito. Mãe Calu tinha muita ligação com a Mãe Andresa, que era, também, parente da Mãe Calu, não é não? Então, eu ia sempre rever as montras dessas duas mães. E encontrei um dia, assim, uns quinze estudantes, cada um com um papelzinho, copiando. "O que é isso? Será que é a biografia de Mãe Calu". Eu perguntei: "Vocês estão copiando, o quê? O nome de Mãe Calu? A naturalidade de Mãe Calu?". Não, o benzimento, o benzimento pra defesa de

mau olhado". E todo mundo copiava. Todos levaram e certamente aplicaram, não é?

E - *O senhor tem fotos, desenhos dela?*

H - Olha, lá em São Luís, nessa exposição de Mãe Preta tinha um perfil de Mãe Calu, quando nova. Não sei quem conseguiu. Hoje, está na Cafua. Aqui, em Alcântara, não temos. Porque na nossa casa tinha assim revistas "Cruzeiro", com reportagens sobre Mãe Calu, inclusive, numa delas, ela era capa da revista, nos anos quarenta. Umhas três ou mais reportagens sobre Mãe Calu, reportagens até uma bem completa. Talvez, com ocorrências que eu não estou nem me lembrando de contar pra vocês. Porque lá foi contado de viva voz de Mãe Calu. Não conseguimos guardar essas revistas na casa, não é? Nós recebíamos sempre muitos amigos para passar férias e mostrávamos essas revistas, certamente essas pessoas levaram. Nós não temos. Estou tentando conseguir de um arquivo da revista "Cruzeiro" essas reportagens, não é? Só que o militar que me prometeu conseguir porque tem relações de amizade com um que foi sócio, assim, muito difícil, pelo seguinte: na década de quarenta quantos números de "Cruzeiro" Não seria tão fácil, no arquivo, encontrar todos esses números. Uma dedicação para procurar essas reportagens. Inclusive, de uma tia avô, que se chamava Procônia, não é?, que nós temos aqui no Museu as bonecas que foram de dindinha Procôlia, como nós chamávamos ou dindinha Cocola, tinha reportagens, também, dela, com a boneca, com seus afazeres, também nos anos 40, na década de quarenta. Convinha, assim, ver outros caminhos para conseguir essas edições. Eu não voltei mais ao Rio, fazem 15 anos que eu não volto ao Rio, então, hoje que eu estou assim necessitando de informações, porque tem peças de Mãe Calu aqui no Museu, eu terei muito mais interesse em conseguir essas revistas, não é? Eu tenho uma fotografia, bem pequena, que até também foi para a exposição de Mãe Preta e não achei. Até que eles entregaram todo esse material, mas eu não voltei a encontrar. Ela estava na janela, com a minha

mãe, quando tinha seus 12 anos, bem pequena, podia ter uma ampliação, não é?

E - *E as festas? Quais as iguarias que ela preparava para as festas? Naquela época comemoravam aniversários... Como eram essas festas de casa: aniversários, casamentos?*

H - Meu avô, de dez em dez anos, ele fazia uma grande festa aqui em Alcântara. Com um grande banquete para os seus amigos de Alcântara e de São Luís. E, nesse dia, ele distribuía a carne, a farinha, alimentação para o povo. Mas, fechava a casa para os seus amigos. Só nos banquetes, num ambiente fechado. Isso era o meu avô. A festa anual de Mãe Calu, era 13 de maio, em homenagem à Princesa Izabel. Todos nós sabemos o que significou, na abolição da escravatura, a Princesa Izabel e os revolucionários. Para Mãe Calu a Princesa Izabel era uma santa. Ela chamava de Santa Izabel. Nesse dia ela fazia assim todo um... até posso dizer um comício, porque era um tanto revolucionário. Porque nessa praça tinha um cortejo de crianças. Ela com as melhores roupas que tinha, vestia branco, com rendas, cheia de jóias, para a homenagem à Rainha Izabel, a Princesa Izabel. E as crianças faziam aquele movimento: "Mais, Mãe Calu; mais, Mãe Calu" Ela: "Viva a Princesa Izabel", aí soltava foguetes e todo mundo aplaudia e ela ficava em um banco. Bem destacada, muito bonita, com muitas flores. Era um grande dia para Mãe Calu. Mas, depois, eu e a Naiza Leite, que vocês conhecem, que era sua afilhada, aí nós puxávamos assim: "Mãe Calu chame os escravos, chame os escravos". Aí, ela dizia: "Onde está o Major Brigido, filho de escravo e que depois passou à Guarda Nacional e não quer vir dar viva pra Santa Izabel" Quer dizer: ela queria chamar aqueles que não queriam se dizer: "Nós fomos escravos; nós fomos descendentes de escravos". Ela dizia: "Eu fui escrava". Aí ela dizia o nome do seu senhor que era filho do Barão do Mearim. Ela gritava, dizia mesmo: "Fui escrava; eu tinha minha sinhá, meu sinhô; hoje, sinhô Antoninho é o último dos meus senhores". E que não era.

Porque meu avô não teve escravos, mas ela achava que foi o último dos seus senhores. E, de uma pessoa que, até de uma certa maneira, ele tinha autoridade sobre ela, ele reclamava certas coisas de popularidade dela. Ele não tinha... não era um autocrata. Ele tinha umas exigências, um isolamento, entendeu? Da massa popular, não queria também que Mãe Calu tivesse assim muita ligação com o povo. Mas, ela era tratada com muito respeito, em nossa casa. Então, por isso ela achava que foi o último dos seus senhores, onde ela pode se tornar rica, entendeu? Ela disse que se tornou rica, já na propriedade de meu avô, porque ela começou a criar as suas galinhas, por um ovo, de Sexta-feira da Paixão. Sexta-feira da Paixão ela começou a fazer sua criação de galinha. Depois de uma numerosa criação de galinha ela passou a vender as galinhas e comprar gado. Depois, vendia o gado e comprava jóias de famílias decadentes. Comprava terreno, casas, entendeu? Então ela achou que foi a oportunidade dela ser rica com um plano de economia por um ovo, iniciado por um ovo. E, contar assim passagens da vida de Mãe Calu seria assim, horas, porque ela era assim muito movimentada e sabia como movimentar massas, era líder.

E - *Nas festas de Mãe Calu quais as comidas, bebidas e doces que ela servia?*

H - Olha, bebida era gengibirra, ela distribuía, era hortelã, tipo uma cachaça ou tiquira, com hortelã. Mas, ela sabia toda precaução, pois se distribuía a tiquira ela recomendava que a pessoa não podia tomar banho, nem pisar em água, porque iniciava uma intoxicação, ela ensinava tudo... Nas comidas de santo, porque ela tinha parte de participação na vida religiosa, mas, também tinha seu culto privativo, com aqueles que eram os deuses de seus ancestrais.

E - *Onde ela fazia esses cultos?*

H - Na parte de baixo do nosso sobrado, embora com o descredito e a oposição do meu avô. Mas, não impedindo dela fazer. Reclamava ela fazer, mas não impedia. Então, lá no

quarto que foi um senzala dos escravos que trabalhavam na fazenda, chão pisado, não é não? Tinha o seu gongá. O gongá com comidas de santo, bebidas de santo como eu não tenho costume por ver agora. Porque eles sempre fazem a comida de santo, com cachaça, com isso, ela não tinha. Ela tinha ligação com Mãe Andresa, as duas entenderam? E, intensamente, ela não ia a São Luís, nem Mãe Andresa vinha aqui. Elas se comunicavam. Eu cansei de escrever cartas pra Mãe Andresa, dizendo tudo o que ela estava fazendo, o que se lembrava do seu passado, o que ela pedia de informações, de ensino e a Mãe Andresa, também eu copiava e trazia tudo, as informações para Mãe Calu. Havia uma ligação assim: "Tantos anos que eu não te vejo, Andresa, tal, tal, tal... Aí ela dizia, também: "Calu há quantos anos eu não te vejo" Se não me engano, eu ainda tenho duas dessas cartas. E, então a comida de santo era assim: oriza, o suco da oriza, perfumadíssimo, misturado com hortelã, hortelã de galinha que é um hortelã pequeno e bem forte; era outro banho feito com outra erva: estoraque. Essa era a comida de santo de Mãe Calu. Tinha, assim, por exemplo, o licor. Licor, sem mistura, com muito pouca mistura de álcool, só para conservar, mas o suco do jenipapo, se bem que o jenipapo não usava frutas ácidas nas bebidas do santo. E ela me ensinava todas as coisas, que podiam corresponder a essas obrigações, essa liturgia e, meu avô então chamava para um encontro entre família: "Carolina, tu tá ensinando o meu neto a ser um feiticeiro, Carolina. Você não pode fazer isso, Carolina". E ela dizia assim: "Sinhô Antoninho eu não estou ensinando seu Dima a ser feiticeiro, eu estou ensinando, seu Dima, a ser sábio". Ela queria dizer estava dando sua sabedoria, do seu povo, para mim. Era muito interessante. Mas, vovô tinha muito sentimento de carinho com Mãe Calu. Apesar de chamar atenção. Mas, era sempre com muito carinho com Mãe Calu.

Essa figura célebre eu, muitas vezes, até estou me lembrando e começo a rir. Um dos fatos ocorridos com Mãe Calu, eu nunca pude esquecer. Ela me contava, assim: "o seu senhor era alcoólatra. E como alcoólatra ele ficava, em certos dias, enlouquecido. E procurava sua esposa, que usava cabelos compridos e o seu filho. Mas, as expressões que ele se dirigia a eles era assim bastante agressivas, principalmente naquele tempo, até humilhantes. E Mãe Calu tinha um sentimento muito grande disso. Ela dizia assim, uma dor. Porque ela escondia sua senhora debaixo de suas saias e o seu filho, também. Mãe Calu podia fazer isso. Porque ela usava grandes saias rodadas, ramalhudas, com muito pano. Aí ela escondia. E ele dizia: "Carolina, Carolina, tu não te levanta, Carolina" E ela: "Não posso, meu sinhô, porque minhas pernas estão tremendo. Não posso, meu sinhô". Mas é porque estava escondida a senhora. E ele dizia assim: Carolina, (mais aos gritos), Carolina, onde está esta puta e este puto, porque eu quero atirar no mar Carolina" "Não sei, meu sinhô, não sei, meu sinhô". "Carolina, tu vais apanhar". "Eu apanho, meu sinhô, mas não posso me levantar". Pra não descobrir a senhora. Porque eles moravam assim, perto do farol, então era, assim, tinha um barranco depois de um dos oitões da casa e ele queria, assim, pegar no cabelo da esposa e jogar da janela do sobrado. E era capaz de fazer, enlouquecido pelo álcool. E, no normal, não era um homem mau. Mas, é que poucos dias ele ficava sem ser no domínio do álcool. E, quando ela foi, pra casa da minha avó, porque o Barão do Mearim, achou que ela devia acompanhar a minha avó e ela disse assim, antes de entrar na casa, ela disse assim: "Graças a Deus. Graças a Deus, a partir de hoje eu vou ser livre, antes da abolição". Mas, que entrou na casa, na maior satisfação, para acompanhar minha avó.

E - E os doces de espécie?

H - Conheci. Só mesmo nas festas do Divino. Agora é que se comercializa a qualquer tempo. E faziam doces de espécie com formatos muito bonitos, principalmente para servir ao Império. Em formato de tartaruga, em formato de borboleta, diversos formatos. Hoje fazem mais, assim, com pouco formato: coração. E a aranha que eu nunca mais vi aqui nas festas do Divino. Era a aranha. O coco, assim, verde, cortado em tiras, tinha bonitas aranhas na festa da Divino. Hoje, o doce que continua na festa do Divino é o doce seco e o doce de espécie. Mas, tinham tantos outros que se serviam. O suspiro, ninguém mais vê na festa do Divino, acabou. Aqueles suspiros grandes, gostosos. A Mãe Calu, a sua culinária, assim era muito substanciosa. Os doces de limão. O limão para ficar verde era depois levado ao tacho de cobre, se não levasse ao tacho de cobre, ficava um doce de limão amarelo. E no tacho de cobre ficava verde. Ambrosia, que era feito com ovos. O Doce de Ovos não sei como eles podiam fazer aquele doce de ovos, ficava toda aquela parte, com suspiro em cima e devia apanhar, no fundo, a parte das gemas. Era Baba de Moça, feita com coco, era muito mole, tipo geleia. Gostosa demais. Eram muitos doces, muitos doces mesmo que eu não me lembro aqui, no momento. A Laranja cristalizada, o Doce de Carambola. Carambola é verde, mas da maneira que faziam o doce ela ficava da cor de ameixa, bem escura. Um prato também, que eu esqueci de informar, o Camarão Cheio. Camarão grande, recheado, com um talo, muito bem enfeitado, bem preparado. A torta de Camarão, chamamos torta que é fritada de camarão, com farinha d'água, que raramente hoje encontro em Alcântara, coberto de farinha d'água torrada, torrada por uma frigideira, ou então o forno. Sufê de Camarão, que não de chamava sufê, se chamava assim Caldo de Camarão. Mas, era um sufê de camarão. Gostosíssimo. Aqui em Alcântara, e não tinha por que ser em São Luís, ou podia ser em São Luís, numa casa onde tivesse um restaurante típico de Alcântara, mas aqui em Alcântara,



A Magia da Festa do Divino

num restaurante, nós não temos pratos típicos de Alcântara. As Tainhas Urichocas cheias, recheadas. Também de Mãe Calu e de outras pessoas que tratavam da culinária. Alcântara tinha, assim, pratos típicos, aqui em Alcântara.

E - Ela usava gergelim?

H - Gergelim, usava. No cuxá de um sabor muito diferente do que hoje se faz, como cuxá.

E - E os ingredientes, eram os mesmos?

H - Gergelim, camarão seco socado com farinha, com o gergelim. Café: até mesmo o café era especial. O café de quiabo, café de milho, usado mais para as doenças. Por exemplo: quando alguém estava no início da catapora ou sarampo tomava café de milho e aquilo aparecia. Agora, tem um café, que eu não lembro como ela conseguia fazer, de um óleo do próprio café. Não sei como ela conseguia fazer esse café. Eu encontrei, em Itapecuru-Mirim, uma senhora também que fazia assim. Mas, naquele tempo, eu nem liguei muito em saber, pegar a receita, como fazer, ou perguntar para Mãe Calu. Porque foi o melhor café que eu tomei durante a minha vida toda. Foi café assim com óleo do café e também café moca, que hoje já não se encontra mais. O café mesmo, outro tipo de fazer o café, outra maneira de fazer o café, era diferente de hoje, porque era torrado e socado. As pessoas que torravam café, nesse dia não podiam tomar banho. Só tomavam banho antes de torrar o café. Mãe Calu tinha toda uma explicação sobre isso, entendeu? Era uma, era de uma medicina especial, ensinando remédio pra tudo. A tratar desde olhos maus, até uma febre, uma infecção... Isso eu tenho copiado, toda aquela parte medicinal, natural, que ela aplicava.

E - O café de quiabo era tomado diariamente?

H - Era. Principalmente, ela fazia todo um programa de alimentação, um roteiro, um cardápio. Segunda-feira: tal e tal; Terça, isso; sempre o café de quiabo, era muito gostoso, é muito gostoso, pode se fazer ainda, era sábado e domingo. Café moca e café de quiabo.

E - *E domingo. Era café com pão, bolo?*

H - Ah! Não. Com filhós, com doce seco, com não-me-toques, aquele de araruta, era assim. Como eu estou hoje em Alcântara, principalmente nas pousadas, sem um ambiente de família, muitas vezes eu chego a sofrer e pensar o que foi a minha alimentação, com a minha família. O que foi. Eu assim sinto vontade, até que em São Luís, eu tenho uns convites de amigos que são muito, assim, generosos comigo; muito, assim, afetivos e pratos bons, comidas bem feitas, mas nunca iguais, à semelhança daqueles que eu comi, na minha casa, por Mãe Calu, pelo ensino de Mãe Calu.

E - *Complementando nosso trabalho, ainda há algumas pendências históricas que queremos saber. Vamos começar com a história do Pelourinho. Conte-nos o que o senhor sabe sobre o Pelourinho.*

H - Sobre o Pelourinho eu sei que o lugar primitivo onde estava que pode ser onde está colocado agora, era defronte da Câmara e Cadeia e da Igreja Matriz. O objetivo era só pra proclamação dos editais da corte, proclamas e depois determinados senhores transferiram o Pelourinho para a Rua da Amargura, antes Rua da Bela Vista e porque era no litoral lá então seria para "disciplinar" escravos e, por isso, os escravos passaram a chamar Rua da Amargura. Até mesmo porque nessa rua os escravos dificilmente olhavam para cima, sempre com a cabeça baixa ao passar nos solares e que ocupavam esses nobres. É uma rua que ficou assim muito específica pra o poder dos nobres e também a "disciplina" dos escravos. Ali se distinguiam muito o orgulho dos nobres e a humildade dos escravos. Logo após a abolição, o primeiro levante dos escravos foi com o Pelourinho. Fizeram uma passeata revolucionária e quebraram em três partes e enterraram na própria Rua da Amargura. Participante a Mãe Calu e por isso ela se lembrava o lugar onde tinha sido enterrado o Pelourinho e tinha se comprometido nessa época de silenciar. Mas já com poucos descendentes de escravos ou poucos escla-

vos, que eu me lembre desse tempo, Mãe Calu, da denúncia de Mãe Calu, estava Maria Calastrão, Mãe Cula e Olegária, que ainda eram vivas, talvez alguns outros que eu não me lembro. Então, nos anos de 40, ela denunciou onde estava enterrado o Pelourinho e a família Soares, que nesse tempo procurou assim conservar peças daquela época passada, desenterrou o Pelourinho e mandou restaurar e recolocar no lugar em que se achava antes.

E - *O senhor sabe quem fez a restauração dele?*

H - Do que? Do Pelourinho? Eu não sei, acho que a equipe que trabalhava com os irmãos Soares. A restauração foi muito incompleta. Só unir as partes que estavam quebradas e já depois teve depredações no Pelourinho. Uma ocasião, muito depois por um grupo..., como se chamava aquele grupo que trabalhava tinha até apoio do 24 B.C.?, Rondon, Projeto Rondon. Eles modelaram o Pelourinho. Aquela parte onde está o emblema veio do Império. E, ao retirar aquela massa que eles colocaram uma parte, do emblema saiu, porque era bem completo, toda parte assim, os complementos, desse emblema. Eu sei que a Mãe Calu contava que os escravos eram assim, sofriam muito no Pelourinho e até que não sei se este patíbulo era de madeira, mas, não acredito muito. Deve ser de pedra ou de pedra de cantaria, ou jacaré. Ele ficava sobre um patíbulo na Rua da Amargura.

E - *E o material dele?*

H - Pedra sabão.

E - *Foi construído aqui ou veio de Portugal?*

H - De Portugal, de Portugal.

E - *O senhor tem idéia de data, desde quando ele saiu daí para Rua da Amargura?*

H - Logo após a Abolição, dizia Mãe Calu, que no dia seguinte à Abolição.

E - *Aí por volta de 1940 que o tiraram?*

H - É, e aí no ano de 1940 saiu daqui também a pedra da Pia Batismal da Igreja do Carmo. Então restaura uma obra e desmancha e retira outra. Esta outra esteve, se não me

engano, na Quinta da Boa Vista. Eu cheguei a visitar quando fui ao Rio de Janeiro, a Pia Batismal de Alcântara. Aí eu fui até lá e me admirei muito de um Pia Batismal de Alcântara estar como uma obra, uma demonstração no Rio de Janeiro.

Conseguiu a Pró-Memória, nesse tempo, hoje IBPC, retornar essa pia pra cá, mas não recolocaram porque não sabem onde era colocada a pia batismal. Se não me enganou ouvi dizer que era no Convento dos Padres Carmelitas, ao lado da Igreja do Carmo. Porque na Igreja do Carmo não se pode perceber nem uma localização dessa pia, porque a pia batismal já tem no início da igreja na nave. A da Sacristia, continua lá. Acredito mesmo que era na entrada do Convento, mas lá na Igreja acho muito difícil conseguirem o lugar primitivo.

- E** - *Nós queremos que o senhor fale sobre o seu relacionamento, Mãe Calu, Mãe Andresa.*
- H** - Mãe Calu era por relacionamento de família de sua mãe, ela se considerava parente de Mãe Andresa, apesar de muito difícil o encontro das duas, mas se comunicavam, por escrito, por recados. Foi através de Mãe Calu que eu conheci Mãe Andresa, uma apresentação de Mãe Calu. Eu fui assim recebido de uma maneira muito gentil e também de muita confiança de Mãe Andresa pelo sentimento que ela sentia por Calu. Ela chamava Calu, e também a outra chamava Andresa. E a Mãe Andresa complementou todos, vamos dizer, os ensinamentos que me dava Mãe Calu, do culto afro e, demonstrando confiança me mostrou o baú ou arca de peças de valor do culto afro e também documentação, inclusive exorcismo do sol e do ar, do vento e ela me dizia que ela obteve não só dos seus ancestrais africanos, mas também dos sacerdotes. Ela achava que era parte sigilosa da Igreja Católica, sobre esses exorcismos, toda literatura sobre esses exorcismos, e chegou mesmo a me exorcisar, ela mesma, num trabalho litúrgico prolongado e sucessivo. Ela achava que era um preparo para aquela pessoa do agrado e do amor de Mãe Calu.

tanto que, às vezes ela me chamava de menino de Mãe Calu, o menino de Mãe Calu. Através dela, do início da iniciação por Mãe Calu, por Mãe Andresa eu cheguei a me introduzir nas Casas de Culto Afro na Bahia, em Sergipe, no Maranhão, no Rio de Janeiro, também. E eu precisei de fazer estudo nessas Casas de Culto, as obrigações para os Santos, um entendimento melhor da religiosidade dessas casas e do que isso implicava com o sobrenatural, o espiritual. E passei um bom tempo assim sucessivo, em etapas assim sucessivas, participando em várias Casas de Culto Nagô, da Casa das Minas, do Candomblé e consegui uma documentação de uma certa importância.

E - O senhor falou que viu os manuscritos. E chegou a ler?

H - Bom, sobre essa parte do exorcismo eu não me lembro se era escrito em latim ou hebraico, mas havia tradução em português de todos aqueles ensinamentos, aquelas ilustrações que tinha, eu digo ilustrações, porque tinha gravuras e depois a descrição. Esses documentos eu não sei se continuam na Casa das Minas, mas era um arquivo, porque o baú era grande, até com divisões, e junto ao baú tinha uma espécie de estante onde continuavam arquivados os documentos. Mas, depois do falecimento de Mãe Andresa, eu não vi mais. Não sei se elas retiraram do quarto onde estava Mãe Andresa ou o que fizeram com todo esse, essa literatura, esses ensinamentos, né?

E - O senhor nos falou que escreveu cartas de Mãe Calu para Mãe Andresa. Qual era a sua idade naquela época?

H - Me lembro: de 15 anos, até 17 anos.

E - Outra coisa, também o senhor falou nessa arca uma bengala?

H - É, ela, Mãe Andresa se referindo a festa do Divino e até que Mãe Calu já tinha assim me elucidado como era e porque a festa do Divino em Alcântara e porque lá na Casa das Minas ou seja nos cultos afro. Que aqui na festa do Divino eles procuravam reconstituir uma corte portuguesa, nisso se referia a titular da corte, à rainha D.

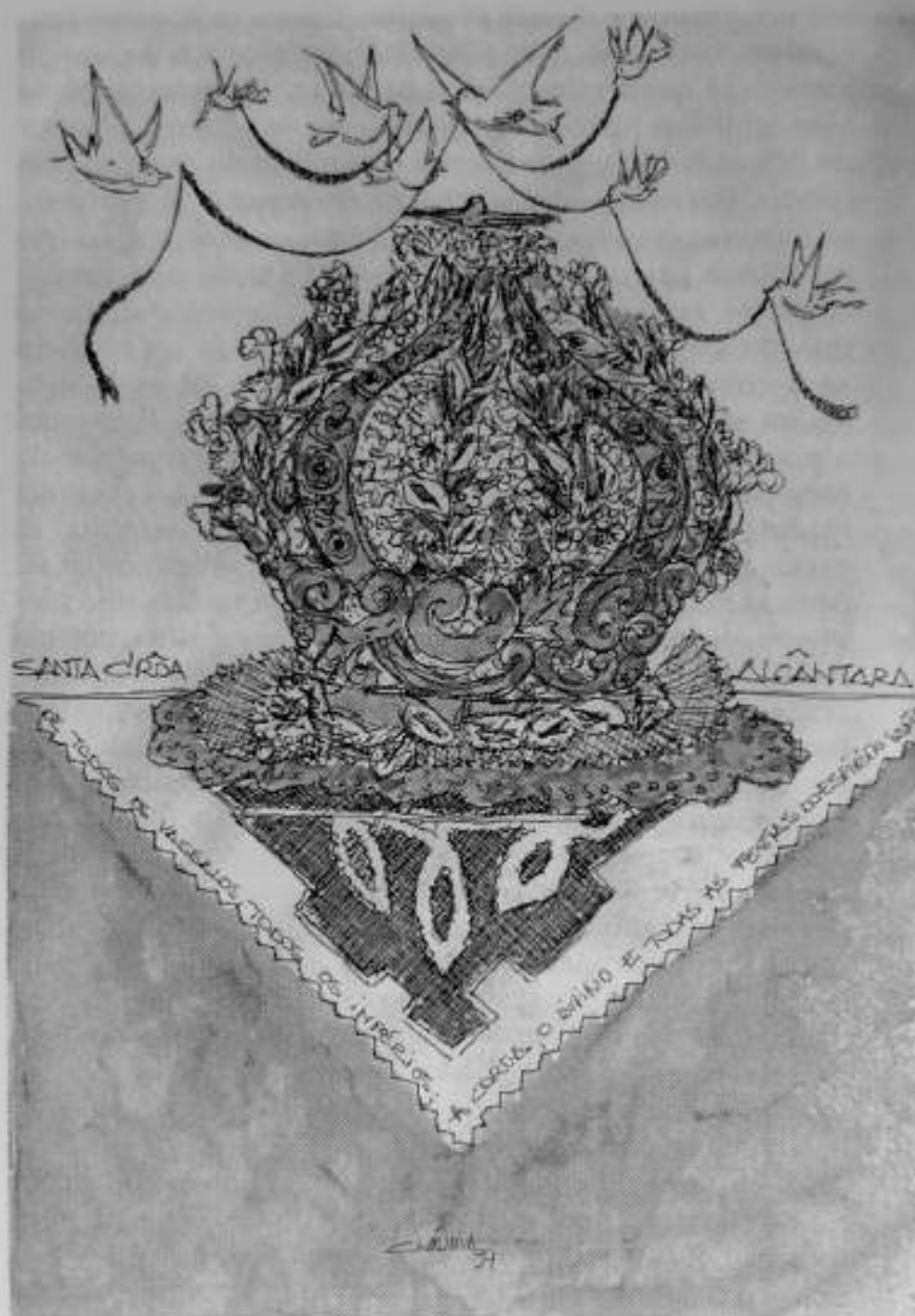
Isabel. E lá na Casa das Minas seria a corte de Daomé. Então eu perguntei a Mãe Andresa a diferença dos dois, das duas cortes como elas eram encaradas, como se podia retratar a corte de Daomé e a corte da rainha Isabel. Ela esteve me contando tudo, uma longa história e até que eu cheguei a copiar e, no momento, eu não tenho em mãos, mas posso procurar pra entregar, porque eu não me lembro em detalhes toda a diferença das cortes, o modo de apresentação de uma e de outra, ou seja, o retratar uma e outra. Agora, aqui em Alcântara com pouco entendimento das pessoas na festa do Divino, mas eles procuram muito reconstituir uma corte no decorrer da festa do Divino, e, uma corte que a Mãe Calu procurava assim, identificar com a corte portuguesa. Se o Imperador do trono é daqui mesmo mora aqui na sede, ele viaja pra São Luis pra ser recebido na terça-feira da semana da festa, recebido por quem? pelas caixeiras, num cortejo, porque se identifica é o seguinte: a vontade, o desejo que vem dos nossos ancestrais e que hoje nos envolve com as raízes é que a visita de D. Pedro, que não foi cumprida, então devia ser figurada nesse dia de terça-feira, com a chegada do Imperador. Ao contrário, da Imperatriz seria a presença da rainha D. Isabel na festa do Divino. Por isso aqui em Alcântara nunca é o Imperador, a Imperatriz. As homenagens são bem distintas, a rainha Isabel e a D. Pedro II. É procurar assim reconstituir um passado e até uma representação religiosa e cultural. Acho que numa época dessa, no meio da festa, com participantes, acho que sobre essas informações diretas com a festa do Divino, da festa de São Benedito teria muito, muito mais ênfase, talvez até fosse melhor entrevistas com outras pessoas. Acho que D. Florzinha Figueiredo Bittencourt e também a Mariazinha Bastos que é uma pessoa também que tem uma tradição em Alcântara, poderiam também informar sobre a festa do Divino, fazer comparações, né?

E - Gostaria que o senhor nos falasse sobre as cobras que haviam na sua casa. (para que ficasse registrado).

H - Sempre o começo desses preparos, nesses cultos afro-brasileiros, começava por Mãe Calu e como ela se sentia menor em conhecimentos, aí pedia a complementação de Mãe Andresa. Então o desejo dela era sempre me prevenir na defesa de males, de doença e, também do convívio com cobras. E a Mãe Andresa me fez todo um trabalho de defesa a essas cobras, quer dizer, seriam, por exemplo, eu não ser picado por uma cobra, não é não? Ou, se isso acontecesse de eu ter uma defesa natural. Aconteceu, umas duas vezes, eu ser picado de cobra e eu não sei também se a cobra não era venenosa, eu sei que eu senti uma ligeira sonolência, mas nada mais do que isso. E, quanto a jibóias, eu convivi com duas, que foram do comércio do meu pai e do meu avô. Ao ficar só na casa, então eu tinha muitos contatos com essas cobras e que elas pareciam se sentir assim muito familiarizadas comigo, ou eu com elas. Apenas eu tinha o cuidado de pressentir que elas não gostavam de perfume forte. Aceitavam assim uma colônia suave, mas não um perfume mais forte. Se isso acontecesse de eu usar um perfume mais forte, elas ficavam bastantes agitadas. Aconteceu, também algumas vezes em que eu acordei e as cobras estavam embaixo ou da rede ou da cama, sem me molestar, por coincidência não sei, mas isso sempre acontecia mais quando eu estava doente. Pode ser uma coincidência, mas quase sempre por estar doente as cobras estavam juntas. Isso acontece também com os cães, a guarda dos cães quando a pessoa está isolada, quando o seu dono está isolado, quando está doente, ele fica de guarda. Eu pude observar isso também com as cobras, pode ter sido o mesmo.

E - *Como foi esse trabalho que a Mãe Calu fez para o senhor ter essa defesa em relação às cobras?*

H - Olha, eu, a pedido de Mãe Calu e Mãe Andresa, eu gostaria de conservar em segredo a maneira como elas fizeram o trabalho, o ritual, e o que eu tomei. O que foi passado no meu corpo, eu sei da maneira que se faz, que elas fizeram ingredientes, que elas usaram como ingredientes,



Santa C'róa

mas elas diziam que não revelasse, me pediam isso. Tanto que também na asma, eu, durante sete anos, eu fui asmático, de crises bem sérias, também fui curado por Mãe Andresa, e com receitas que ela dava a minha mãe e que até eu mesmo não sabia o quê. Eu cheguei a tomar sem saber o quê, e que fiquei curado. Eu não sinto nada depois desses sete anos de asma, nem o clima aqui, ou no sul, eu não sinto.

- E** - *Ainda dentro desse assunto de religiosidade: o senhor também nos falou da sua ida a um terreiro, creio que no Rio de Janeiro e que o chefe da casa sentiu a sua presença e parou, e fez um tipo de saudação com a sua presença e à sua chegada. Quería que o senhor nos contasse esse fato.*
- H** - Nem só no terreiro de João da Goméia chamado Goméia, Joãozinho da Goméia, que essa entrada no terreiro ainda quando ele estava em Salvador, depois transferiu seu terreiro para o Rio de Janeiro, ele faleceu, mas até um certo tempo em 77, ainda visitei o terreiro num bairro Copacabana, em Caxias. É, realmente aconteceu não somente no terreiro de João Goméia, mas também em Mãe Menininha, de Rosa de Alaqueto, sempre eles assim, na minha presença, promoviam uma recepção. Uma espécie de liturgia para uma pessoa que chega com credenciais tais, que muitas vezes eu não chegava nem mesmo a entender muito bem, mas eles diziam que eu tinha relacionamento com entidades que eles cultuavam, e tinha raízes na minha própria raça. Eu falei a vocês que do lado do meu avô a ascendência era: assim portugueses e africanos, portugueses e indígenas. E algumas vezes eu mesmo cheguei a participar dos pontos, do canto dos pontos, e não sei se pelo meu convívio nessas casas, e até mesmo, de uma certa maneira, numa aprendizagem de dialetos africanos que se usavam nesses cultos. Mas, muitas eu me admirei de cantar os pontos para que novas casas conservassem os pontos e uma ilustração de todas essas partes de pontos. E não sei se de acordo com o envolvimento dos atabaques, do lugar, o misticismo do

lugar, até que me lembrava e podia cantar pontos seguidamente à entrada, o início do trabalho, a continuação do trabalho da liturgia, porque tudo é trabalho, porque há nessas casas a diferença daquilo que se faz como trabalho, daquilo que se faz como homenagem. Na Casa das Minas, na Casa de Nagô são homenagens. Já em Tendás, se faz mais trabalhos, do que homenagens. E chegava a cantar assim, um após o outro, os pontos em dialeto que eu não...

E - *O senhor falou que teve uma das pessoas de um terreiro desses que quis fazer a sua cabeça e o senhor não concordou. Gostaria que o senhor falasse por que o senhor não permitiu.*

H - Olha, aqui na nossa casa, o meu avô, eu falei pra vocês, ele procurava assim reconstituir a nossa casa, uma casa nobre de costumes, de moral e de atitudes mesmo, conceitos. Meu pai também seguiu, em parte, essa linha. Esses mesmos antepassados, com pessoas assim que eu considero amigas, pessoas muito boas, de bons procedimentos, de bons valores, mas é procurando assim, copiar uma certa posição da família aristocrática. Eu tinha bastante receio de, com a cabeça feita, por em prática toda essa religiosidade. E eu sei que teria oposição do meu avô, do meu pai e também da Comunidade, pelo seguinte: é uma colocação, eu aqui na Comunidade para as pessoas eu sou assim uma representação de um passado. Eu acho que exigem muito de mim, muito mais até do que até eu possa dar, que afinal eu sou uma pessoa humana, emotivo, não é não? e sujeito a situações da avalanche, da mudança, do relacionamento da vida atual. Mas, se eu cometer aquilo que eles acham uma falha dentro do que eles formaram os meus princípios, eles fazem, promovem muito mais escândalo do que uma pessoa comum, fazer. Assim, era também na nossa casa. Se eu me tornasse um babalorixá, ou chefe de terreiro, isso teria infligido muito no conceito moral, ou tradicional da minha família. Então eu sabia, reconhecia tudo isso e procurava evitar, preve-

nir uma situação em que os meus antepassados achariam bastante desagradável, tanto que eu não tive a oportunidade de participar dos movimentos populares como eu realmente desejava. Devem se lembrar que eu falei que, quando criança, minha vontade era vir sentado em cima de um mastro e correr na frente de um boi, mas, para a minha família, isso seria assim uma situação desagradável pra eles. Anos depois, quando já não tenho mais a presença deles, que eu não tenho mais a quem melindrar, eu vou fazer a minha festa, satisfazer uma vontade de infância, correr à frente de um boi, com uma camisa vermelha. Ah! Eu queria muito fazer isso! Até na festa passada, eu fiquei assim naquela animação. Mentalmente, eu já me via na festa do próximo ano, correndo na frente de um boi, como num grande dia, Mãe Calu fazia questão de repetir inúmeras vezes e também Mãe Andresa e outras pessoas assim nesse nível delas, que eu não estava feito, para elas diziam assim para a finura de uma casa, a nobreza de uma casa e sim para o povo, porque os meus instintos, as minhas emoções, a minha participação era popular, tanto que hoje eu sei me identificar muito bem. Eu tenho a direção do Museu, quase todos os dias eu percorro os espaços do Museu, entre o mobiliário de uma casa, que lembra um tanto uma casa de época e também os anos do apogeu econômico de Alcântara e também da melhor posição da minha família, eu me lembro, eu olho com carinho, eu me interesso pelas peças, como obra de arte, mas não me toca muito emocionalmente, como estar no meio dos espaços da cultura popular. Cada dia eu quero dar mais brilho à exposição da Festa do Divino, no meio dos objetos de cerâmica. Eu acho que vocês estão notando que eu durante o tempo que estou falando assim, sem querer, eu estou pegando uma peça de cerâmica com muito carinho. Hoje, uma funcionária me disse: olha, eu apanhando umas carambolas prejudiquei uma oriza e, eu fui ver a planta, mas logo o que eu olhei foi a cerâmica, e quebrou um pedacinho, e isso aí eu não fiquei gostando

muito, talvez se do mobiliário apartasse alguma coisa, eu aceitaria muito melhor. Então, isso é uma expressão muito certa de que eu sou muito mais povo, muito mais arte popular, entendeu, muito convívio com o povo que encontro muita dificuldade pela formação que tive há tempos passados, até aqui em Alcântara essa dificuldade, em São Luís eu encontro menos dificuldade. Quase sempre eu posso ir às invasões visitar as irmãs canadenses, ir falar com o povo, ir na casa do povo, ir sentar a porta conversando com eles, sempre nas casas onde é mais social, mais fina eu estou mais tímido, procurando assim me fiscalizar no que eu falo, no meu porte, no relacionamento com essas pessoas. E, assim, junto ao povo eu não tenho muita preocupação de como eu falo, o que estou dizendo, no modo de rir. Aí, vocês podem notar o que foi a minha vida, a minha presença na nossa casa, na nossa família, sempre com condicionamento, quer dizer, a certas situações. Nós tínhamos disciplina na casa, o horário da comida, de tomar o café, no relacionamento com as crias da casa. Sempre havia um quarto onde se juntavam as nossas crias, ou seja, governanta, Mãe Calu, e tinha um ou outro em que se reunia a família. Nunca juntos. E eu nunca aceitei muito isso. Talvez eu queira guardar distância de um ambiente desses. Até que eu passei a reconhecer o profundo sentimento que parecia assim, amortecido. Mas ele estava lá no íntimo e é por isso que agora eu vivo aqui com bastante amor, e até mesmo enfrentando sacrifícios e dificuldade, mas continuando, né?

E - *O senhor falou também que não participaria de algum culto afro, que o senhor tinha mais uma ligação com o espiritismo, inclusive o senhor faz parte do Jardim da Alma, no Anil. Queríamos que o senhor falasse também sobre o seu lado espiritual.*

H - Bom, é interessante. Eu freqüento um Centro Kardecista, em São Luís o Jardim da Alma. Em outros Estados eu também procurei Centros Kardecistas. Mas nós, brasileiros, que estamos assim bem perto da raça indígena, bem

perto, no sangue e também do africano, parece assim que os atabaques, os triângulos, os toques dos cultos afros, eles assim agitam, emocionam, transfiguram as pessoas afins, que têm raízes nesses cultos. Assim acontece comigo. Eu me sinto uma pessoa assim muito diferente, no culto Kardecista, comportado, entendeu? Bastante meditativo, mas no culto afro a vontade é de participação e de agitação. É fervente. Quase, acho que pra pessoa que está, assim, participando e olhando sente como se eu fosse pessoa diferente. Eu tenho uma pessoa aqui em Alcântara que já me viu os dois lados. Ela acha assim, olha: "és muito diferente na tua voz, na tua fisionomia, na expressão de olhar". Eu não estou tornando isto assim uma visão tão fantástica, tão sobrenatural. Eu quero colocar é que nós envolvidos num passado e ainda com as raízes dessas pessoas, desses países, desses tempos, a gente é o que também era naquele tempo. Não sei se estão bem entendendo, quer dizer, a gente revive aquele tempo. É como nós sempre vivemos aqui em Alcântara: revivendo um passado e vivendo um presente. Na juventude é um dilema: eles não sabem como viver, se do passado ou se do presente. Eu sei que eu vivo aqui no presente, mas com reminiscências do passado e com aplicações nos espaços onde trabalho, nas demonstrações, na divulgação.

E - *Como se revivendo uma hierarquia toda, hereditariamente, como se girasse em círculo o tempo todo. Podem passar os anos que passarem as raízes são uma só.*

H - Agora, o que eu gostaria mesmo é que, às vezes, quando eu penso assim, a festa do Divino do Imperador, e com essa pretensão de eu passar um tempo na Europa me atraí a divulgação de parte da cultura do Brasil, que tem um grande valor num trabalho assim. Mas, eu também penso que mais do que isso eu gostaria que Alcântara, na sua educação, na sua formação cultural fosse muito sentido, muito entendido, entendeu? Esse lado do nosso passado, das nossas raízes, das nossas tradições, das perso-

nagens nessa época em que deve ser revivido isso agora na aplicação dessa cultura do passado, hoje, na transformação dessa cultura, mas de uma maneira agradável, sensível. E, pelo que eu sinto, até mesmo nas nossas escolas, nos grupos sociais estão desaparecendo dia a dia esses conceitos, essa simplicidade provinciana, né? Está sendo assim uma cópia de outras cidades, menos envolvidas numa história ou de outros países, nas músicas de outros países. Eu gostaria de muito reconstituir na educação e na cultura em Alcântara esses nossos, essas nossas raízes, esses nossos princípios, de anos atrás. Agora me sinto muito só, a Mãe Calu dizia assim: "meu filho, uma andorinha só não faz verão".

E - *Seus filhos tiveram oportunidade de conhecer essa história através do senhor?*

H - Olha, meus filhos não ignoram que eu sou seu pai. Devo ter falado a vocês que sempre comigo, ou com outras pessoas acontece assim certas coincidências. Falei de quando eu devolvi, entreguei a chave no cartório, da imissão de posse da minha casa desapropriada, coincidiu o dia e o ano que completava 100 anos que o meu avô comprou da Baronesa de São Bento. Uma coincidência, mas aconteceu. Os meus filhos tem a mesma marca que eu tenho, em lugares diferentes, mas a mesma marca, um sinal escuro, com cabelo. Todos eles têm, são marcados, têm o carimbo. Mas eu tenho relacionamento com os quatro, relacionamento de uma certa maneira diferente e até mesmo paternal, com as duas. Eu falei tanto a eles em carta do que foi minha família, do que é Alcântara, mandei informação por escrito, folhetos do que era Alcântara, mas nunca entrei em detalhes de como foi a minha vida passada ou as diversas seqüências de minha vida, né? Então, determinadas situações, por exemplo, no colégio como estudei, como comecei a trabalhar bem novo, com 15 anos, onde trabalhei, o que faço hoje, né? o por que eu não quero deixar o Brasil, eu não quero deixar Alcântara, como não quero a imolação deles num país estranho com

dificuldade de exercer as suas profissões, com técnicas diferentes. Mas eu nunca contei detalhes assim quem foi Mãe Calu. Eu falei um pouco sobre Mãe Calu, que foi uma escrava e que foi da nossa casa, uma governanta, que nos criou, a nossa mãe de criação, mas nunca contei detalhes, nem mesmo como eu estou fazendo com vocês.

E - *Insistindo um pouco sobre religiosidade. Por exemplo, se alguém perguntasse para mim agora, qual é a sua religião? Eu responderia: sou católico, apostólico, romano e praticante, porque eu pratico mesmo. Então eu lhe perguntaria qual é sua religião?*

H - De maneira assim mais fácil de lhe responder poderia ser diferente, eu diria assim eu sou, eu tenho uma formação ecumênica. Eu conheço partes de cada uma das principais. Eu me interesso pelo trabalho nessas religiões, mas convencido, por convicção de que eu sou de uma determinada religião, isso não. Na freqüência da Igreja Messiânica, sempre foi a insistência deles, olha lá é, veja bem, nessas religiões, nesses lugares sempre as pessoas me dão uma deferência, um respeito, e me oferecem um lugar de chefia, de coordenação, o que eu nunca aceitei até hoje. Mas, na Igreja Messiânica eles me diziam você deve ser, você tem obrigação espiritual de ser um messiânico, de ser um coordenador dos messiânicos, da Igreja Messiânica em Alcântara, na cidade que foram dos seus ancestrais de Pinheiro, de Bequimão, de Peri-Mirim, de Alcântara. Isso será um trabalho de um grande valor espiritual e até moral. Mas eu não consigo, não consigo me fixar na Igreja Messiânica. Sabe por quê? Devido a ética, devido aos conceitos dessa religião. Será que vão me aceitar assim? Sabe o que aconteceu com o coordenador de Alcântara? Ele tá muito ligado aos protestantes, animando a Igreja Batista pra Alcântara. Ele mesmo foi convidar a Igreja Batista pra Alcântara. Será que eles iam entender, iriam entender, por exemplo, onde eu vi o coordenador, onde eu vi o messiânico, na Casa de Nagô. Eu o vi dan-

çando em uma Casa de Nagô, eu o vi cantando ponto de uma Casa de Nagô. Será que eles vão entender? Será que vão entender? Eu vi o santo Kardecista, eu o vi participando de um trabalho...

E - *Eu o vi participando de uma festa do Divino da Igreja Católica...*

H - Quer dizer, é muito difícil. Até mesmo como eu trabalhei com os missionários estrangeiros e que eles me acham assim uma pessoa de muita importância para essas missões, que sempre estão me repetindo: "Olha, nós estamos fazendo hoje as orientações que o senhor nos deu há anos passados, formando brasileiras", entendeu? E depois o senhor achando que devia separar a casa das brasileiras, das canadenses, pra que as brasileiras ficassem sempre sobre domínio da cultura canadense, habituassem elas a agilizarem a sua própria manutenção. Nós estamos fazendo o que o senhor disse, sempre é assim, confiantes. Será que vão aceitar muito eu ter um terreiro? Será que vão aceitar e entender que eu estou participando de uma filosofia oriental? Até que ponto eu poderia não dar importância à maneira deles encararem isso? Mas, será que não vão desanimar, já que eles acham que eu sou assim uma pessoa que eles podem ter uma segurança. De uma análise e de uma orientação pra eles, ao mesmo tempo será que se eu for um messiânico ou um protestante, será que em uma casa de culto afro em uma tenda, eles vão me receber com a mesma confiança de antes? Será que eles vão me ouvir? Me lembro que em casa de uma amiga nossa, minha não, mesmo minha família, conheci, depois, eu dizia: "olha, eu acho que você não devia ter trabalhos de sua tenda em sua casa. São vibrações, são trabalhos mentais de valor, de eficácia, que podem estar assim do lado positivo e do lado negativo, porque não se pode saber na mente de todos os presentes como é que está sendo desenrolada a participação. Você devia fazer uma tenda fora da sua casa, de moradia, na parte de detrás, onde você tem um terreno." Eu tenho a impressão de estar

entrando nessa tenda, você sabe como? Um altar, um nicho, de cor azul celestial, com uma imagem da Imaculada, com um Crucifixo e não com estatuetas representando Exu, representando Caboclos. Só talismãs. Pontos! Bem, eu descrevi o que seria o Gongá, num tempo em que eu não tinha, não sei porque não voltava a essa casa. Eu só recebia convites, lembranças, saudades, mas não aparecia. Três anos depois voltei à casa e fui recebido com uma animação muito grande e depois ela me disse: "Eu disse onde é que tá o teu quarto de trabalho. Como é que está?" "Como tu imaginavas." Ai ela me levou, sabes? Assim igual, bonito, simples, mas de uma beleza, uma simplicidade dela. Então eu fui ver que eu tenho um valor numa casa. Eu sou atendido, porque não é muito melhor eu me considerar ecumênico indo nos lugares, sendo assim bem recebido e tendo alguma coisa para dar, em complemento do que eles sabem, do que eu me fixar só em uma Igreja, em uma seita, uma filosofia?

- E** - *Para concluir: depois de todas essas informações muito valiosas que o senhor nos passou, eu queria que o senhor falasse o seguinte: Alcântara é uma cidade que as pessoas acham um tanto mágica, porque, principalmente as pessoas que sentem Alcântara, andando pelas ruas, revivendo um passado que muitos nem sabem a história, mas acabam imaginando, criando, fantasiando... Eu queria que o senhor fechasse essa entrevista, falando desse lado mágico de Alcântara, e se o senhor também consegue se transportar, andando por estas ruas no dia a dia.*
- H** - O que eu sinto? Olha, a minha vivência aqui é um tanto diferente, eu diria até mesmo de São Luís. Eu lá em São Luís sou bem relacionado com os meus amigos. Eu vou à casa dos meus amigos. Eu tomo refeições com eles, eles acham isso muito agradável, guardando a parte de um prato desconhecido por mim, iguaria diferente, ou então querendo assim que eu me lembre do que era a cozinha dos meus pais, daquilo que eles aprenderam na minha casa também toda essa troca de conhecimentos, de

aprendizagem, e do que é a minha vida em Alcântara. Eu sou muito solitário em Alcântara. Às vezes isso me provocando uma nostalgia, e outras vezes não. Porque andando pelas ruas de Alcântara, principalmente nas ruas desertas, às vezes eu sinto como se eu não estivesse assim olhando as mesmas pessoas, não é não? na Alcântara presente e, sim como eu conheci até no meu tempo e até antes do meu tempo pelas informações que me contavam as pessoas da minha casa e mais velhas de Alcântara. Eu, muitas vezes, penso como se vivesse naquela época. Aqui era um solar do Barão de Pindaré, como devia estar esse senhor, as pessoas que trabalhavam na casa, não é assim tão difícil, porque também morei numa casa, que um pouco se assemelhava a uma casa assim, né não? Me lembro que esta manhã, às cinco da manhã, as nossas crias se levantavam pra fazer o café, pra limpar a casa, cantando, como naquela época faziam os escravos. À noite, no pátio interno, tinha brincadeiras, cantos que Mãe Calu ensinava, que eles faziam naquela época. Então, não é tão difícil pra eu assim pensar no interior das casas naquela época como viviam, e muitas vezes eu passo assim entres outros tão distraído, que eles dizem assim, as crianças principalmente, ultimamente tem uma veneração, elas querem muito ouvir eu dizer, "oi, como vai?" "Seu Heidimar, como vai o senhor?" "Seu Heidimar", se são muitos escolares, todos eles dizem ao mesmo tempo ou separadamente, "Seu Heidimar, Seu Heidimar, Seu Heidimar, como vai o senhor?" Eu respondo, mas sabe que quando eu estou assim nesse devaneio, nesse estado de sonho retrospecto, eu fico assim respondendo, mas sem identificar, na Rua da Amargura, nas laterais da Rua da Amargura, como eu conheci, com muitas flores silvestres. Eu procuro recordar aquela época, acompanhando sempre, falando na Mãe Calu, né? Porque ela era uma presença, uma guardiã, como eu ia com Mãe Calu ver o seu gado na praia escondido debaixo da saia de Mãe Calu. Então eu, em Alcântara, vivo muito essa época

e, quando eu me transporto pra época atual, eu sinto assim um choque muito grande nas casas porque não é assim, porque essa casa está arruinada, porque não se faz isso. Eu vivo assim reclamando e até mesmo sofrendo, sofrendo de ver assim cair, dia a dia, a Alcântara de ontem e surgir uma Alcântara mestiça. Eu não quero discordar do progresso, não quero discordar de ver mercearias, vendas tais, de ver pousadas, não é isso, mas há uma descaracterização, que cada dia se pronuncia mais. Eu vejo que ainda teria sido possível salvar Alcântara do que foi São Luís. Eu conheci São Luís numa época que era uma ilha linda, até com um aspecto nativo, né não? Nos arredores, com muito verde. Hoje, São Luís, é assim uma mistura que só ainda parece preservar, assim, em grupo a arquitetura colonial, a Praia Grande. Você não pode mais observar na Rua da Paz, na Rua Grande, né não? Não se pode mais observar a arquitetura passada assim bem preservada, como era antigamente. Então, eu sinto também que Alcântara começou nessa depredação. Ela não tem mais, cada vez diminui mais o verde, cercando o centro histórico, não há definição de onde construir, se no meio do colonial, ou se ao redor do colonial. Até mesmo a periferia está mal determinada. Então é, em resumo, Alcântara é pra mim um bálsamo, ela é uma energia e ao mesmo tempo um desânimo, uma desolação e uma interrogação. O provinciano tão agradável de sentir naquela época, mais jovem provinciana, simples, com certo recato natural e se vê hoje uma iniciação muito evidenciada, muito intensificada da vida de prostituição, do artificialismo nos clubes de Alcântara, e não daquela época em que se gostava muito do samba, do sambão, das valsas, e se vê hoje num clube à luz vermelha é o reggae, a Jamaica ou o Caribe. Em Alcântara, muitas vezes eu acordo e vem a falta de sono, a insônia e procuro reviver, procuro assim interrogar aquilo que foi, aquilo que é Alcântara, e porque não há uma união do passado com o presente, uma união harmoniosa, e eu procuro ouvir o

canto da coruja, não é não? O canto do galo, muito harmonioso com o luar, mas o que eu posso ouvir até três, quatro horas da tarde talvez até mesmo cinco horas da tarde, em sons bem alto, né? o reggae e outras tais músicas, que se procura harmonizar com a silhueta de Alcântara e não conseguem. É muito diferente há pouco tempo, a proprietária do Pelourinho tentava escolher os sons assim como valsas, não é não? Concertos! Nesse dia, por coincidência, não tinha os outros tipos de músicas modernas, nem é moderna, internacional. E eu achei muito mais harmonioso com a silhueta das casas, com o ambiente. É diferente! Olha, ouça um reggae aqui nesta praça, e ouça uma grande valsa? É diferente! Eu não quero dizer que não tenha ambiente para isso. No ambiente pode ser que até mesmo eu, determinado dia, queira ir num ambiente desses. Algumas vezes pode ser. Mas ouvir essa música lá? Mas não ela, em Alcântara toda, é como som dominante, e não sei porque, talvez até por minha falta também, por falta de reação, por falta de entendimento a outras pessoas que sentissem o mesmo como eu, que desse o valor a todo o contexto cultural em Alcântara, a antiga, que não sei porque dizer, antiga, é a mesma, devia ser agora também. Não sei se por nossa falha, por nossa omissão, as autoridades constituídas não tomam certas atitudes. Então, Alcântara é pra mim uma satisfação, um preenchimento, mas é também pra mim uma solidão, um sofrimento.

E - Finalizando, mesmo! Uma pergunta direta: O senhor se considera um homem feliz?

H - Eu não me considerava feliz, há anos atrás. Vivendo essa intensa vida social, eu acho que era muita viagem era uma participação diferente, diferentes situações e satisfações. Não acho que isso fosse mesmo, que isso mesmo era felicidade, também não posso dizer que sou feliz agora, sentindo a dificuldade, a falta de um grupo para o atendimento a essa cidade, indispensável no importante de preservação. É, eu não sou feliz, como se pode entender o

que é uma felicidade, quando a gente não está com tantas sérias preocupações, com sérias dificuldades. Não é dificuldades particulares, são dificuldades de eu poder ter uma firme esperança ou participar de uma administração bem específica com essa cidade. Não com isso querendo criticar de como é a administração atual e outras passadas, que também essas pessoas podem não estar assim imbuídas desse mesmo ideal, dessa mesma visão, não é não? Eles estão assim pronunciando, participando, fazendo trabalhos, mas não trabalhos assim tão importantes, tão necessários para Alcântara, tão emergentes, tão a grito de SOS. Olha, o trabalho que vocês fazem agora, de que vocês participam é um trabalho muito importante. Porque vocês registram até agora o que podem registrar, como está ainda a situação de Alcântara. Talvez daqui a poucos anos seja impossível registrar tudo isso, pela falta das pessoas e porque a juventude atuante está despreparada pra dar essas informações. E já, até agora, se o mesmo grupo tivesse trabalhado há anos atrás, acho que tinha registrado entrevistas ainda mais importantes do que esta que estão fazendo comigo, com seu Antônio Aimoré Ramos e D. Rosita Cerveira Marques e outras pessoas assim, de Natividade, que também era uma descendente de escravos e que era uma mulher assim muito viva, muito inteligente. Ainda hoje também por falta talvez do que? de oportunidade, de patrocínio, de fazer assim um trabalho aqui mesmo em Alcântara, mais amplo, indo ao interior, conversando com determinadas pessoas, como uma parte de minhas terras que se chama Flórida, há descendentes muito perto de escravos. É uma mulher que acho que poderia contar muitas coisas, muitos fatos realmente muito importantes e muito interessantes. São poucas casas no lugar Flórida, que foi um engenho, e a sua avó ou a sua mãe, acredito que a sua mãe foi já do ventre livre, a sua avó foi escrava de uma determinada casa, e ela pode falar pra vocês, dar entrevista muito boa.

E - *Como ela se chama?*

H - No momento, eu não me lembro. Só sei que o lugar onde ela mora é Flórida.

E - *Fica perto de onde?*

H - Perto de Toroba de cima. É um lugar assim com poucas casas. Eu acho que deve ter assim umas cinco casas, na maior área de terra mais ou menos populosa.

E - *Essa terra ainda pertence a sua família?*

H - Olha, elas foram desapropriadas pelo Governo do Estado para implantação do Projeto da Aeronáutica, só que não houve ainda imissão de posse, então elas continuam com a minha família, embora desapropriadas, e não foram aproveitadas por que elas estão na terceira etapa do projeto.

Fotografias

Fotos de Raimundo Gomes, Ricardo Leitão e Diógenes - 1997
Márcio Vasconcelos



Raimundo João Gomes



Raimundo João Gomes e o Bumba-Meu-Boi



Ricardo Leitão e a Pomba do Divino



Ricardo Leitão em sua residência



Ricardo Leitão em frente a sua residência



Trabalhos de Diógenes



Trabalhos de Diógenes



Heidimar Marques no Museu Histórico de Alcântara



Fachada da Casa do Divino



Heidimar Marques na sala da Casa do Divino



Heidimar Marques na sacada da Casa do Divino



**Heidimar Marques, Walter Guimarães Marques (irmão)
e Maria José Guimarães (tia)**



Praça da Matriz e o Pelourinho de Alcântara

Glossário

- Bacio** - Urinol, vaso noturno.
- Baga** - Mortalha. Papel que envolve o fumo para fazer o cigarro.
- Bazugar** - Bajugar. Atirar, lançar.
- Caixeira** - Tocadora de caixa da liturgia da festa do Espírito Santo.
- Canzola** - Sulco? Fenda?
- Carrancismo** - Apego às coisas e aos costumes antigos.
- Estoraque ou benjoim** - Planta da qual se extrai uma resina utilizada para incenso ou remédio.
- Exu** - Orixá que representa as potências contrárias.
- Gongá** - Congá. Altar nos terreiros de Umbanda, que pode ficar localizado no Peji ou Quarto dos Santos ou no salão de danças.
- Jóia** - Contribuição, obolo, donativo.
- Murudungo** - Mututi (*Pterocarpus chaco* L.) Madeira branca leve, também chamada Corticeira. Outra espécie (*Erythina crista-galli* L.) fornece madeira branco-amarelada, porosa, muito leve, também conhecida por Mulungu.
- Messiânicos** - Partidários do Messianismo, "crença na intervenção de ocorrências extraordinárias, ou de indivi-

dualidades providenciais ou carismáticas, para o surgimento de uma era de plena felicidade espiritual e social" (Aurélio)

Oriza - Planta de largo uso na medicina popular

Paideguinha - Diminutivo de paidégua. Zangado, irritado, raivoso.

Tainha Urichoca - Corruptela de URICHOCA (MUGIL CEPHALUS) conhecida também como Curimã.

Tenda - Oleado ou tela pintada.

PROJETO "Memória de Velhos"

Equipe Executora

Primeira Fase - 1983/87*

Coordenador: José Valdelino Cécio Soares Dias

Entrevistas: José Valdelino Cécio Soares Dias
Sérgio Figueiredo Ferretti
Roldão dos Santos Lima
Pedro Braga dos Santos

Assessoria: Sérgio Figueiredo Ferretti

Fotografia e Gravação: Murilo Santos

Colaboração: Jeovah Silva França
Laura Amélia Damous Duailibe
Leila Nascimento Giusti
Pedro Braga dos Santos
Joila da Silva Moraes
Vicente de Paulo Oliveira Lima
Pablo Rodrigo de Castro e Lima
Jorge Luis Correa

Segunda Fase - 1989/90

Coordenador: Jeovah Silva França

Transcrição de Fitas: Josimar Mendes Silva
Eliane Lily Vieira

* Informações prestadas por José Valdelino Cécio Soares Dias.

Ieda Maria Amaral Lima Alves
Manoel de Jesus Marinho
Maria Raimunda Fonseca Freitas
Conceição de Maria M. P. Silva
Helena Tereza S. Silva
Maria Gorette Santos Fontenelle

Gravação de Áudio: Marcondes de Araújo Oliveira

Colaboração: José Luis Cutrim
Raimundo Nonato Fontenelle Graça

Terceira Fase - 1991/94

Coordenador: Zelinda Machado de Castro e Lima

Transcrição de Fitas: Josimar Mendes Silva
Ieda Maria Amaral Lima Alves
Manoel de Jesus Marinho
Luis Carlos Mendonça Mathias
Maria Raimunda Fonseca Freitas
José Lázaro de Oliveira Pereira
Jandir Silva Gonçalves

Assessoria: Aniceto Cantanhede Filho

Fotografia: José Ribamar Alves
Jorrimar Carvalho de Sousa

Gravação de Áudio: Marcondes de Araújo Oliveira

Colaboração: José Carlos Silva Reis
Maria Perpétuo Socorro Baldez Silva
Maria Michol Pinho de Carvalho

